BIZZ

PUNK ROCK

DE SEX PISTOLS AO GREEN DAY. VINTE ANOS DE ANARQUIA

SLASH

O "cobra" dos Guns N'Roses em projeto solo

COURTNEY LOVE

A vida depois de Cobain

cuca

A VJ° mais desejada do Brasil

9 770104 164007 00117

ESTAS FORAM AS 12 BANDAS FINALISTAS.

Papper Box

ÚLTIMO REDUTO

Blecaute

Lene-Loa

OUTDOOR

ANJOS KARICATOS

Diorama

SKELTER

COMISSÁRIO GORDON

SEGUNDO COMBINADO

SPEEDY GONZALEZ

PRIMAVERA NOS DENTES

Não perca, no próximo número desta revista, a cobertura completa

ESTA FOI A REAÇÃO DA VIZINHANÇA.

DEUS ME OUVIU!

Até que enfim!

UFA!

JÁ NÃO ERA SEM TEMPO!

Achei ótimo!

Agora eu durmo!

EU NÃO VIA A HORA!

FINALMENTE!

OBA!

É muito bom para ser verdade

VÃO COM DEUS!

da festa de encerramento do Skol Garage Band.

BiZZ

Foto de capa: Elle Durst
Produção: André Lima
Maquiagem: Rita Rosa
Malha da Fio a Fio. Saia da We
Sapatos de Juéia Gomes

Ano 11 • Nº04 • Edição 117 • Abril, 1995

Há vinte anos, um quarteto de ingleses rasgados e sujos chamado Sex Pistols fazia o seu primeiro show, que inaugurava uma nova estética: o punk. A palavra de ordem era "do it yourself" ("faça você mesmo"). Um bando de moleques afrontando a chatice dos shows de arena e das viagens progressivas que assolavam o rock da época. Agora, uma nova geração do movimento – capitaneada pelo Green Day – quer fazer o mesmo, num contexto diferente. Serão bem sucedidos? Confira no inventário sobre duas décadas de punk.

O que será que Beavis e Butt-Head diriam se vissem a Cuca na MTV? "Yes, yes, yesss!", com certeza. A menina é uma demolidora de corações, a musa eletrônica da emissora. O magnetismo da VJ endoidou Axl Rose, que quando esteve no Brasil exigiu ser entrevistado pela princesa dos clips. Meio "mané" quando o assunto é mulher, o líder dos Guns N'Roses pagou mico ao cantar a gatinha certinha, que já recusou até convite para posar nua. A gente "colou" na deusinha para destrinchar os mistérios da VJ mais desejada do Brasil.

Se a Cuca é um docinho, Courtney Love, a viúva de Kurt Cobain, é o veneno. Eclipsada pelo brilho do marido enquanto era vivo, Courtney não guardou luto por muito tempo e agora busca seu lugar ao sol no mundo pop, como mostramos nesta edição.

O que Beavis e Butt-Head diriam de uma edição como esta? "Cool, man!" Eles sabem das coisas.

6 CARTAS
Leitores se chocam com a nova onda NEONAZISTA
8 SHOWBIZZ
Acredite, os BEATLES (com Lennon!) estão de volta
20 MIX
As novas caras de BATMAN 5
22 ENJOY IT
O universo paralelo das tranqueiras de STAR TREK
26 SATÉLITE
CRISE FINANCEIRA muda a vida dos jovens europeus
28 DEZ PERGUNTAS + 1 ...
Para ELTON JOHN que fala de sexo, drogas e pop
56 LANÇAMENTOS
JOHN LEE HOOKER & BUDDY GUY, a melhor cara do blues
74 CLÁSSICOS
DUKE ELLINGTON, THE [illegible] e JIMI HENDRIX em Vídeo
82 DISCOTECA BÁSICA
RICHARD HELL & THE VOIDOIDS, a primeira geração do punk

este mês

32

CUCA em ensaio fotográfico revela toda a sua sensualidade e Robert Halfoun traça um perfil da VJ mais desejada da MTV

38

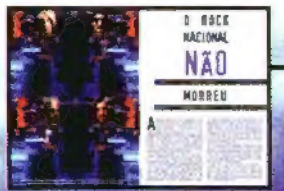
De **SEX PISTOLS** a **GREEN DAY**, os vinte anos de punk que mudaram o comportamento de duas gerações

45

Um [illegible] de morte de Kurt Cobain, Sérgio Martins investiga [illegible] de **COURTNEY LOVE**

48

SLASH, guitarrista dos Guns N'Roses, em entrevista a Luís A. Pecora solta as cobras e fala do seu disco solo



52

Uma análise de como a velha geração do rock e os **NOVOS SELOS INDEPENDENTES** voltam a ativar o rock do Brasil

Cartas

PAU NOS NAZIS

Escrevo para parabenizá-los. Realmente a BIZZ está cada vez melhor. Confesso que estou adorando. A reportagem "O Ódio Branco Ataca Novamente", incluída na edição 115, estava realmente do cacete.

Cassiano Meirelles, *Curitiba/PR*

O preconceito existe em todo lugar, mas a diferença com os nazistas é que eles são animais. A reportagem da BIZZ serviu para abrir os olhos das pessoas no sentido de alertar sobre a existência do nazismo em vários locais do planeta.

Jorge Villa-Lobos, *Brasília/DF*

RAIMUNDOS CAMPEÕES

É muito bom saber que bandas como os Raimundos ainda conseguem se dar bem no Brasil, já que constatamos com facilidade que os espaços para o rock tornam-se cada vez mais escassos. Parabéns à banda e aos leitores da BIZZ, que provaram que entendem do assunto.

Allan Gabbay, *Belém/PA*

Ao abrir a BIZZ 115, pulei de alegria ao ver bandas que curto muito, como os Raimundos, Pearl Jam, Titãs. Para melhorar mais ainda, encontrei os resultados de mais um Prêmio BIZZ. Nota 10.

Márcio André Goulard, *Caxias Do Sul/RS*

Valeu, moçadinha. Como sempre, ficamos muito felizes ao saber que os resultados do Prêmio BIZZ refletiram de maneira fiel o sentimento da grande maioria dos nossos leitores. Parabéns, galera.

SAUDADES DE RAULZITO

Bastante oportuna a reportagem que enfocou o maior roqueiro do Brasil, Raul Seixas, na edição 115. Nela está tudo aquilo que eu queria vomitar para o Brasil, e em especial aos oportunistas de plantão. Vida longa ao rock'n'roll brasileiro.

Sebastião Morais de Oliveira, *São Paulo/SP*

Gostei da reportagem de Hélio Gomes a respeito da exploração imbecil que se faz sobre a obra de Raul Seixas. É simplesmente mórbido ter que engolir tais absurdos.

Francisco Fernando Lopes, *Cristalina/GO*

A LEI DO "FLAGRA"

Com a intenção de melhor informar, faço uma observação a respeito da matéria "Maconha Pode Deixar De Ser Crime No Brasil". A liberação de qualquer um sob pagamento de fiança só ocorre quando fica caracterizado que a substância entorpecente encontrada com a pessoa "flagrada" era para uso próprio, independente da quantidade ou da substância. Aproveito a oportunidade para parabenizá-los pelas brilhantes matérias sobre o livro *A Curva Da Sina*, o neonazismo e o saudoso maluco beleza Raul Seixas.

Dr. Geraldo Ferreira Aguirre Filho, *São Paulo/SP*

> **"Parabéns pela brilhante entrevista com os Raimundos. Como não acontecia há tempos, gostei da edição (115) por inteiro. Gostaria de destacar também as ótimas reportagens sobre Raul Seixas e o Pearl Jam"**
>
> **Edvaldo Roriz, *Salvador/BA***

REGGAE ERRADO

O colaborador Otávio Rodrigues aponta um erro de edição na reportagem "Reggae Karmático", publicada na edição 115 e assinada por ele. À página 56, uma das declarações de Carlos Benedito Rodrigues da Silva está incorreta. Eis o texto certo: "O professor Carlos Benedito vai mais longe. 'No Maranhão as pessoas não aprenderam a ouvir o reggae como expressão política, elas aprenderam a ouvir e dançar no ritmo.'"

"PISADAS" DE FEVEREIRO

Na reportagem sobre Raul Seixas, a foto da página 60 – que aponta Raulzito como estando ao lado de sua quarta mulher, Kika – tem a legenda equivocada. A companheira de Raul na fotografia é Lena, sua segunda esposa.

Nosso colaborador Arthur G. Couto Duarte retifica algumas informações do Jukebox sobre o grupo The Shadows Of Knight: ao contrário do que afirmo o texto ("em julho de 67 a banda original se separou..."), desde 11/66, eles já haviam feito alterações em seu line up: o membro-fundador Warren Rodgers tinha sido substituído por Dave "The Hawk" Wolinski (ex-The Moles), que tocava baixo e teclados. Além disso, Dark Sides... não é o único CD em catálogo do grupo. No final de 92, o selo nova-iorquino Sundazed lançou Raw 'N Alive At The Cellar, Chicago 1966!. A gravação – em glorioso mono! – traz a banda ao vivo em 13 faixas. Entre elas, versões do grupo para clássicos como "Spoonful" (Willie Dixon), "Let It Rock" (Chuck Berry).

Ficou faltando o crédito para a maquiagem nas fotos que ilustraram a reportagem "O Ouro Dos Raimundos". O maquiador é o Willow.

EDITORA AZUL

Fundador Victor Civita (1907-1990)

Diretoria Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor Editorial Carlos C. Arruda
Diretor de Publicidade Claudio Santos
Diretora Comercial Vera Helena M. Gomes
Diretor de Comunicação Carlos Alberto Araujo
Diretor Financeiro Pedro Frazão

BIZZ

REDAÇÃO

Editor-Chefe: [illegible]
Editor Especial: [illegible]
Editor de Arte: [illegible]
Editores-Assistentes: [illegible]
Editor-Assistente de Arte: [illegible]
Coordenador de Produção: [illegible]
Arte: [illegible]
Correspondentes: [illegible]
Colaboradores • Texto: [illegible] **Fotos:** [illegible] **Ilustração:** [illegible] **Revisão e Preparação de Texto:** [illegible]

STAFF EDITORIAL

Secretaria Editorial: Isabela Boscov
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Administração Editorial: Anovaldo Carrera Dias
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Liège de Lima Dona Castelli

PUBLICIDADE

Gerente: Ana Lúcia Serra
Supervisores de Contas: Alonso Palomares, Jorge de Oliveira, Miriam Horta, Ricardo Santos
Contatos: Ana Lúcia Bertola, Ana Maria Lobo, Rosana Pires
Marketing Publicitário: Reginaldo Andrade
Coordenadores: Antônio Pensamoto, Alex Sander, José Soares, Tieko Kaniyuki

COMERCIAL

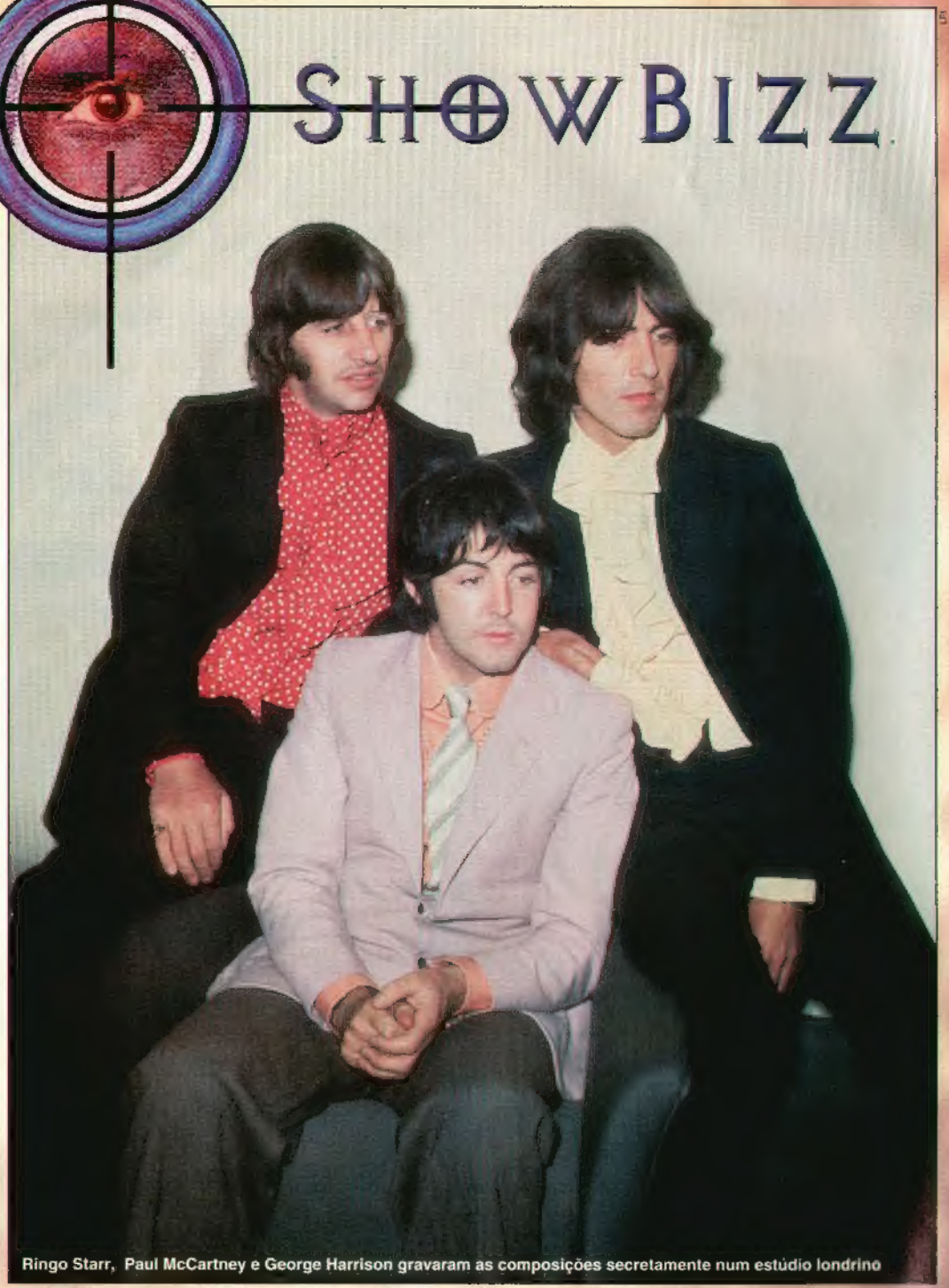
Gerente de Planejamento: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alexandra Pallis da Silva

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vasi Zalla
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

BIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1649, edição 117, Abril de 1995). **São Paulo - Redação e Correspondência:** Av. das Nações Unidas, 5777, CEP 05479-900, tel. (011) 816-7886, Caixa Postal 66254, CEP 05389-970, telex (011) 83178, fax (011) 813-9115. **Rio de Janeiro:** Av. Marechal Câmara, 160 - 15º andar - salas 1534/35, CEP 20020-080, Centro, tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1488, CP 4616. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** ao fazer sua assinatura, exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal à Editora Abril S.A. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicação que a interrupção na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o próprio assinante, implicará a restituição, em moeda corrente nacional, correspondente aos exemplares que não forem entregues, devidamente corrigida de acordo com o índice oficial legalmente aplicável. Com sua assinatura, seu nome é automaticamente incluído no cadastro da Editora Abril, o qual poderá ser cedido a empresas idôneas, para fins unicamente de divulgação e promoção de seus produtos, que julgamos ser de seu interesse. Caso não queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque), ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio do seu jornaleiro ou no distribuidora Dinap de sua cidade. Se preferir peça diretamente à Caixa Postal - 2505, Osasco - SP, Fax (011) 810-4800, Tel. [illegible] (Dinap) pagando com os cartões VISA, Credicard e Diners, ou cheque nominal, acrescendo 30% ao valor do pedido para despesas de postagem.
Fotolito: Fotoline Ltda, Bureau Azul, Promocional

ANER IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A. IVC



Ringo Starr, Paul McCartney e George Harrison gravaram as composições secretamente num estúdio londrino

VOCÊ NÃO ESTÁ SONHANDO:

OS BEATLES ESTÃO DE VOLTA

Paul McCartney anuncia em Nova York uma notícia que os fãs do quarteto estão esperando há 25 anos. Ele, George Harrison e Ringo Starr compuseram novas músicas para a trilha de um musical sobre os Beatles. E surpresa: o material inclui uma canção inédita que John Lennon gravou nos anos 60

Agora está confirmado:três senhores cinqüentões estarão no centro das atenções do mundo pop. Sim, os **BEATLES** estão de volta, 25 anos depois de uma traumática separação – e que até hoje não foi bem digerida pelos fãs do grupo no mundo todo.

A boa nova foi anunciada por Paul McCartney no dia 15 de março em Nova York. "Macca" disse que ele, George Harrison e Ringo Starr se reuniram secretamente em Londres para gravar novas músicas. Elas servirão como trilha sonora de *The Beatles Anthology*, um documentário com mais de dez horas de duração, feito pela BBC, e que cobre a carreira do grupo inglês. Outra novidade é a "participação" de John Lennon – assassinado em dezembro de 80 – nas gravações do trio. Sua voz está na nova versão de "Free As A Bird", música que Lennon começou a gravar nos anos 60.

A EMI, gravadora dos Beatles, não descarta a possibilidade da reunião do grupo virar um disco novo, que seria lançado no final do ano. Ainda mais que *Live At The BBC* causou furou no mercado de discos do mundo inteiro. O álbum, contendo as gravações dos programas dos Beatles para a famosa rádio inglesa, provocou filas nas lojas de discos da Inglaterra às vésperas de seu lançamento. Nos Estados Unidos, os Beatles brigaram pelos primeiros lugares em vendas com ícones do pop atual como Pearl Jam (*Vitalogy*) e Madonna (*Bedtime Stories*). No Brasil, *Live At The BBC* vendeu cerca de 122 mil cópias, um número bastante significativo para um álbum duplo, lançado apenas em CD e no final do ano – época em que as gravadoras soltam os discos dos melhores astros de seus *casts*.

RETNA

O sucesso de *Live At The BBC* animou a EMI a ponto de a companhia anunciar o lançamento de "Baby It's You", uma das canções do álbum, gravada em julho de 63.

Por mais que surjam novos ídolos e tendências, toda e qualquer notícia em torno dos Beatles é acompanhada com a devida atenção pela mídia. A reverência é justificada. Eles foram a maior banda da história do rock'n'roll, revolucionaram a fórmula do pop, gravando treze discos que são verdadeiras obras-primas em apenas seis anos. A balada "Yesterday", de Paul McCartney, é a música mais executada em todo o mundo.

Mas a prova incontestável da genialidade dos Beatles atende pelo nome de *Sargeant Pepper's Lonely Hearts Club Band*, uma sinfonia pop que, após seu lançamento, mudou todo o conceito de gravação de discos. Não é a toa que *Sargeant Pepper's* foi o álbum que inaugurou a *Discoteca Básica* da BIZZ.

A volta dos Beatles promete ser o grande acontecimento musical do ano. Mesmo que Paul McCartney, George Harrison e Ringo Starr não ostentem ousados topetes e tenham adicionado alguns quilos às suas silhuetas, é certo que esses três senhores vão balançar o coração de seus fãs, como fizeram há trinta anos. *SÉRGIO MARTINS*

TROCANDO AS CORDAS PELAS LETRAS

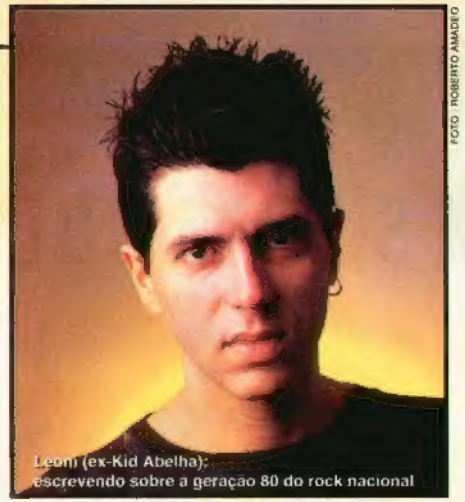


FOTO: ROBERTO AMADEO

Leoni (ex-Kid Abelha): escrevendo sobre a geração 80 do rock nacional

A geração dos anos 80 do rock brasileiro começa a olhar para o seu passado. Curiosamente, uma das primeiras reflexões sobre a mais frutífera safra do pop nacional está sendo feita por um de seus mais importantes compositores, o baixista e vocalista **LEONI**.

Dando um tempo em sua carreira solo – iniciada depois de tocar com o Kid Abelha e Os Heróis Da Resistência –, Leoni prepara um livro de entrevistas com os compositores que reinventaram o rock Brasil. "Entre eles estão Herbert Vianna, Renato Russo, Marina Lima, Lulu Santos, Nando Reis e – representando a nova geração – Adriana Calcanhoto e Samuel Rosa, do Skank", revela Leoni, que ainda acha tempo para curtir sua primeira filha, Carolina.

Segundo ele, a idéia é abordar o processo de composição de cada autor – seguindo o modelo consagrado pelo livro *Dentro Do Rock*, escrito por Bill Flannagan (um dos editores da revista *Musician*). "Fiz uma entrevista de quatro horas com o Herbert. Ele, por exemplo, me disse que no começo fazia primeiro as músicas para colocar as letras depois. Hoje, o processo já se inverteu", diz.

O livro de Leoni deve estar à venda em agosto, à época da Bienal Internacional do Livro de São Paulo. Mas os fãs do autor de "Garotos" não precisam se preocupar: seu novo disco será gravado depois do final da sua aventura literária.

BEASTIE BOYS SALVAM A TELA

A Capitol Records ficou tão animada com as vendas de *Ill Comunication*, a última armação dos **BEASTIE BOYS**, que tornou os seus membros protagonistas de um *screen saver* para computadores PC. O programa (que serve para proteger a tela da máquina quando se vai dar uma banda ou quando dá um branco geral de vários minutos durante um trabalho diante do micro) traz 15 animações ordinárias, em cima de temas e letras do álbum, resolvidas com humor escrachado.

A cena mais divertida é a que traz o trio vestido com sunguinhas, sandálias de tiras e toalhas no pescoço, enquanto dão beijinhos. De qualquer forma, é melhor ter um pouco de hip hop na telinha do que o tradicional desfile de personagens-mala de *Star Trek* e torradeiras voadoras. Pode-se descolar o software nas BBS, via Internet ou como brinde em algumas revistas americanas de informática.

Roberto Hisato Tanaka

OS BLUES SOLITÁRIOS DE FLÁVIO GUIMARÃES

Quem conhece o Blues Etílicos já desconfiava que o lançamento de um disco solo de **FLÁVIO GUIMARÃES** era inevitável. Pois bem, o mais respeitado gaitista do Brasil está tirando do forno um álbum que promete, a começar pelo time que acompanha o carioca. "São duas bandas, uma elétrica e outra acústica", explica. A primeira é formada por Otávio Rocha (guitarrista, Blues Etílicos), Kadu Menezes (bateria, ex-Lobão e Kid Abelha) e Ugo Perotta (baixista do Big Allanbik).

A outra banda – responsável pela maior novidade do disco – conta com o baterista Pedro Strasser, o baixista Paulo Russo e o pianista Marcos Tomasso. A fim de dar um toque jazzístico a seu som, o gaitista reuniu outro time considerável.

Em *Little Blues*, Guimarães reveza-se entre gaitas cromáticas (a do jazz) e pentatônicas (a do blues) com a mesma tranqüilidade com que agrupa ao seu redor convidados como Ed Motta, Roberto Frejat, Paulo Moura e Mauro Senise. Como se não bastasse, ainda há a participação de seu antigo professor, Sugar Blue, sim, o lendário gaitista que gravou "Miss You" com os Stones.

"Devo fazer fazer uns shows a partir do fim de maio, paralelamente com os do Blues Etílicos", diz o gaitista. Em relação à sua banda, Guimarães deixa claro que tudo continua bem. "Estamos preparando o novo disco para o segundo semestre." Com o final do contrato com o selo carioca Natasha – que lançou *Salamandra* em 94 –, ele diz que a banda estuda propostas de outras gravadoras. *Hélio Gomes*

FOTO: WILSON MELO

Flávio Guimarães lança seu primeiro disco solo

Devoradora de rockstars

A deusa PAMELA ANDERSON, estrela do seriado *SOS Malibu*, casou com Tommy Lee, ex-marido da gata Heather Locklear e baterista do Mötley Crüe. Durante a cerimônia, que rolou dia 19 de fevereiro na cidade de Cancún, no México, Anderson inovou. Ao invés do tradicional vestido de noiva, Pamela usava um minúsculo biquíni.

STILL

A VOLTA DOS ROMÂNTICOS

O vocalista Simon Le Bon fala de Thank You, disco de covers de Doors, Public Enemy e Led Zeppelin

Quem teve a idéia de gravar um disco de *covers* e como foi feita a seleção das músicas?

Todos nós tivemos a idéia. Escolhemos músicas que gostamos e que queríamos tocar. John Taylor (*baixista*) escolheu a maioria. Gostamos de misturar Public Enemy, Lou Reed, The Doors, grupos que todos nós adoramos. Minha música favorita é "Crystal Ship" do Doors. Eu acredito que conseguimos acrescentar algo novo às músicas que fizemos, não é como rever o passado simplesmente, mas uma releitura de músicas de outros grupos

Voltando ao passado, você acha que o Duran Duran mudou a concepção estética dos videoclips?

Acho que iniciamos e estabelecemos um certo padrão visual, mas se não fôssemos nós, outros poderiam ter feito. O tempo era diferente e não a gente, fomos espertos o suficiente para perceber que viria uma explosão na mídia de clips e soubemos capitalizar isso bem. Estávamos no lugar certo, na hora certa.

O Duran Duran sempre teve um forte apelo visual, não só a imagem pela imagem, mas toda uma atitude estética que se refletia desde a escolha das roupas, maquiagens etc... até os clips; você gosta dos clips de hoje? No cinema tem algo que te empolgue?

Acho que preciso ir mais ao cinema. Tem dois filmes recentes que considero empolgantes e estéticamente muito bonitos: *Tempo De Violência – Pulp Fiction* e *Priscilla, A Rainha Do Deserto*. Quanto aos videoclips, sinto que existe uma falta de coisas interessantes. Há muitos clips de grupos de *soft rap*, cheios de garotas rebolando para a câmera. Tudo bem, adoro ver essas garotas rebolando... mas não é a única coisa que você pode ver nas músicas. Depois de um tempo isso se torna chato, repetitivo. Mas há coisas muito boas e sensíveis como "7 Seconds" com Youssou N'Dour e Neneh Cherry. E há também o Beck... com aquela maravilha: (*cantarola um trecho da música "Loser"*) "I'm a perdedor/ I'm a loser baby...", não lembro o nome...

Você gosta do Nirvana ?

Nirvana é o máximo. Esses caras poderiam ter sido os novos Beatles! Os novos grupos ingleses também são ótimos. Meu favorito é o Oasis.

O quê você costuma escutar em casa?

Gosto de jazz, soul, música clássica. Na verdade o que mais escuto é Duke Ellington, Charlie Parker, Nina Simone e as cantoras de jazz. Bom, gostaria de ter um disco de forró... *Cláudia Grechi*

notas

*** Vem aí o novo disco da **LEGIÃO URBANA**. O guitarrista Dado Villa-Lobos se reuniu com o baterista Marcelo Bonfá na primeira quinzena de março para preparar as músicas do sucessor de Descobrimento Do Brasil. Detalhe: Dado confessa estar descobrindo as utilidades do sampler *** Depois de Naomi Campbell, agora é a vez de **CHRISTIE TURLINGTON** se lançar como cantora. A modelo está gravando com o produtor **MALCOLM McLAREN** (o mentor dos Sex Pistols) *** **ROBERTA PARISI** (foto), a baterista do Kleyderman, foi convidada por uma famosa revista masculina a mostrar mais que seus dotes no manejo de baquetas. Ela apareceu na Capricho em poses meigas, chamou a atenção de olheiros que a queriam em poses não tão meigas.A resposta foi um sonoro não. Mas para a BIZZ, Roberta posou.

FOTO: HUI MENDES

SYGMA

Nem o boiola do Keanu Reeves vai resistir ao charme da loiraça

CAMERON DIAZ

Às vezes, o que não é bom para uns é ótimo para outros. O melhor exemplo disso é a modelo da Agência Elite **CAMERON DIAZ**: com suas coxas e nádegas abundantes, essa garota não se encaixou nos padrões anoréxicos das *top models* e não decolou na profissão. Resultado: foi levada às telas por Chuck Russel, o diretor de *O Máskara*, e se tornou a mulher mais desejada da safra 1995.

Sorte dos espectadores, que têm o prazer de vê-la no filme como a dançarina/cantora de cabaré e namorada de Jim Carrey (que homem não gostaria de estar no lugar de Carrey só para receber aquelas lambidas?).

Com 22 anos, 1.75 m de altura, 54 kg, olhos azuis e boca carnuda, Diaz é uma Claudia Liz melhorada. Eleita a *pin up* do verão americano, recebe ofertas e ofertas de trabalho. "Só quero escolher bem o roteiro e assim virar uma estrela de verdade", diz ela. O sonho de Diaz não está longe de se realizar: ela vai atiçar a libido de Keanu Reeves (o "marido" do milionário produtor de cinema David Geffen). Os dois serão o par romântico de *Feeling Minnesota*, uma comédia que ainda tem no elenco Courtney Love e estréia nos Estados Unidos no meio do ano. *Deborah Peleias*

VOCÊ *Vai* OUVIR *Falar* DE

DR. CASCADURA

Rock'n'roll baiano no melhor estilo anos 70

No palco, seis carinhas que parecem saídos de um episódio de *O Túnel Do Tempo*, com suas calças bocas-de-sino e batas. Na platéia, uma galera sintonizada com o espírito da coisa – ou seja, um jeitão *freak* de ser e o velho e bom rock'n'roll de raízes *rhythm'n'blues*. Este é o clima dos shows do **DR. CASCADURA**, banda criada em 92 e que trouxe para Salvador o revival setentista que varre meio mundo – vide Black Crowes.

Assumidamente influenciados por Humble Pie, James Gang, ZZ Top, Foghat e, claro, Rolling Stones, Fábio Cascadura (vocais), Toni Oliveira (guitarra), Cândido Soto Jr. (guitarra), Alex Pochat (baixo), Jean Louis Franco (bateria) e Ricardo Alves (guitarra) já têm uma fita demo na praça, que alegra a galera *rocker* – e que pode ser adquirida pelo tel. (071) 245-6984. Agora eles querem mostrar que são capazes no eixo Rio-SP. O que parece não estar muito longe: em fevereiro, o Dr. Cascadura sacudiu uma casa de shows paulista com o seu rock'n'roll saudosista.

Hagamenon Brito

DATAS

18/02 Bob Stinson, ex-guitarrista do grupo **REPLACEMENTS** foi encontrado morto no seu apartamento em Minneapolis, vítima de overdose. Stison saiu do Replacements em 86 depois que seu envolvimento com drogas e álcool se tornou incontrolável. Tinha 35 anos.

REPRODUÇÃO

23/02 **MELVIN FRANKLIN**, membro original do grupo Temptations, morreu em Los Angeles, de complicações no cérebro. Franklin tinha 52 anos e nos Temptations era conhecido por ser responsável pelas vocalizações mais graves das músicas da banda. Os Temptations estouraram em 65 com a música "My Girl", de Smokey Robinson, e ganharam os primeiros lugares das paradas americanas com as músicas "I Can't Get Next To You", "Just My Imagination" e "Papa Was A Rollin' Stone".

LFI

01/03 Bill Berry, baterista do **R.E.M.**, sofreu uma hemorragia cerebral durante apresentação do grupo na Suíça. Berry foi operado dia 3 no Hospital Universitário de Lausanne, e já passa bem. Felizmente, a hemorragia não deixou seqüelas no músico.

16/03 Há 29 anos aparecia a primeira **MULHER GATO** no seriado de televisão *Batman* (estrelado por Adam West), Julie Newmar (foto). As outras "gatas" foram: Eartha Kitt (a sucessora de Julie no seriado), a ex-Miss Lee Meriwether (do filme de 66) e Michelle Pfeiffer de *Batman O Retorno*.

REPRODUÇÃO

22/03 Em 1980, depois de 303 semanas na lista dos 200 mais vendidos da revista *Billboard*, *The Dark Side Of The Moon*, o clássico do **PINK FLOYD**, se tornou o álbum de rock a ocupar as paradas por mais tempo. Quando finalmente o Pink Floyd saiu da lista da *Billboard*, em outubro de 88, havia batido um recorde difícil de se superar: 741 semanas nas paradas.

EM BREVE

Pantera

O furioso grupo de heavy metal mostra em São Paulo e no Rio de Janeiro a turnê do disco *Far Beyond Driven*. Os shows rolam nos dias 24 e 25 de abril (Olympia, São Paulo) e 27 no Rio, em local a confirmar.

Boy George

O ex-cantor do Culture Club, que se converteu à seita Hare Krishna, mostra seus sucessos no Brasil na segunda quinzena de maio. Até o fechamento dessa edição, faltavam confirmar as datas e os locais

Donna Summer

A rainha da *disco music* faz sua segunda visita ao Brasil – a primeira rolou há três anos. Assim como Boy George, Summer deve se apresentar na segunda quinzena de maio, em datas e locais a confirmar.

O inferno segundo John Carpenter

Depois de realizar a idiota comédia de ficção *Memórias De Um Homem Invisível* (92), com Chevy Chase (argh!), Carpenter volta a terrenos que domina (o terror em seu estado puro) e oferece um dos melhores filmes do gênero nos últimos tempos. *À Beira Da Loucura* brinca com o sucesso comercial de autores em série (*serial writers*) como Stephen King. Ao mesmo tempo em que homenageia e parodia uma figura notória como King, o roteiro elabora uma trama tensa que aos poucos envolve o espectador num crescendo de insanidade. Sam Neill (*Jurassic Park*), meio que à *Coração Satânico*, interpreta John Trent, um detetive encarregado de encontrar Sutter Cane (Jürgen Prochnow), escritor que movimenta bilhões de dólares em direitos, já foi traduzido em 18 línguas e conta com uma legião de fãs quase lobotomizados, uma seita descontrolada. Cane desapareceu pouco antes de lançar seu último livro, que dá nome ao filme. Trent tentará localizar Hobb's End, cidade imaginária que serve de cenário para todos os seus romances. Contará com a ajuda da agente do milionário, Linda Styles (Julie Carmen, muito fraca), a única a já ter lido o último romance e que tem um estranho pressentimento de que a ficção poderá virar realidade.

É esta perturbadora possibilidade que norteia o filme de forma impressionante. É terror da melhor espécie com efeitos da Industrial Light & Magic, de George Lucas. O espectador vai sentir em que inferno Carpenter está nos colocando... *CHRISTIAN PETERMANN*

O autor de Halloween volta à boa forma com À Beira Da Loucura onde paródia, com muito terror, o sucesso de escritores tipo Stephen King

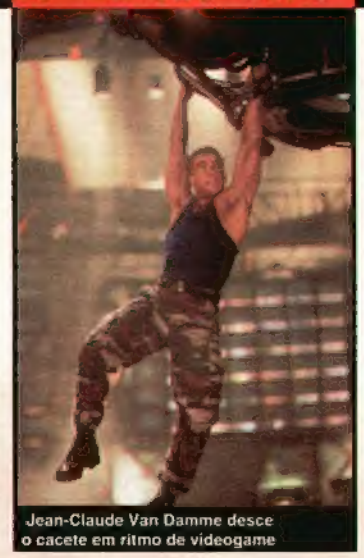
Sam Neill numa das cenas mais perturbadoras de *À Beira Da Loucura*

STREET FIGHTER O FAMOSO GAME CHEGA AO CINEMA

São dois (e bons) os motivos para não perder esta superprodução. Primeiro, porque é uma adaptação cinematográfica fiel de um dos games mais acachapantes do mundo. Segundo, porque além de ter o belga Jean-Claude Van Damme vivendo o coronel William F. Guile – o personagem principal da história –, é Steven de Souza, o melhor contador de histórias da atualidade, que dirige. Souza escreveu *Predador*, *Comando Para Matar*, os dois *Duro De Matar* e *Os Flintstones*.

Previsto para chegar aos cinemas daqui no dia 13 de abril, *Street Fighter* nasceu do jogo lançado nos fliperamas em 1987, cujo sucesso gerou as versões para arcades e videogames. A mania virou febre em 1991 com o lançamento do game *Street Fighter II* nos fliperamas, no qual o filme com Van Damme é baseado.

A história é a seguinte: William F. Guile, das Forças das Nações Aliadas, é enviado a



Jean-Claude Van Damme desce o cacete em ritmo de videogame

Shadaloo, um país imaginário situado no Sudoeste Asiático, que está vivendo há sete meses uma guerra civil, para restabelecer a paz e a ordem. Seu maior inimigo é o General M. Bison (Raul Julia, em seu último trabalho), um ditador megalomaníaco que tem em seu poder 63 reféns. O pau começa a rolar quando Guile tem apenas três dias para se infiltrar na organização de Bison e resgatar os reféns.

Para quem gosta do game, vale a pena saber que todos os personagens estão no filme: Wes Studi é o contrabandista de armas Victor Sagat; a cantora australiana Kylie Minogue é Cammy, parceira de Van Damme e espiã inglesa; Ming-Na Wen é a repórter de TV gostosona; e, por fim, Roshan Seth interpreta o biofísico Dhalsim, que é forçado por Bison a fazer experiências genéticas pouco heterodóxicas e criar superguerreiros. Com uma trupe de arquiinimigos como essa, é óbvio que Van Damme dá porrada o filme inteiro. *DEBORAH PELEIAS*

FOTO JACQUELINE TELLES

Memê adora Cariocas e The Police e tem um talento nato para incrementar a dance music nacional

MEMÊ É FLÓRIDA

Responsável pelos novos rumos da carreira de Lulu Santos, o DJ fatura com remix de pagode, detona Seattle e planeja parcerias com Rita Lee e Fernanda Abreu

Assim começou a trajetória do **DJ MEMÊ** rumo ao sucesso: era uma vez um Lulu Santos sem dono, isto é, sem gravadora, que ligou para um DJ famoso que tinha feito misérias na produção do disco de Gabriel O Pensador. Naquela mesma noite, os dois se encontraram em um pequeno estúdio em Ipanema e começaram o álbum *Assim Caminha A Humanidade*. E assim se passaram alguns dias.

Memê foi à gravadora BMG para entregar o remix dance do pagode "A Barata" (do Só Pra Contrariar) e mostrou "umas coisinhas que estava fazendo com o Lulu". Nego não esperou nem a fita acabar e já estava ligando para o cara. *Assim Caminha*... foi sucesso, a versão que Memê e Lulu fizeram de "Se Você Pensa", de Roberto Carlos, ficou "tão boa que deu problema" (e foi sacada do projeto *Rei*), a regravação "Descobridor dos Sete Mares" para um comercial estourou no rádio e não teve jeito: toca para fazer outro disco no estúdio.

Memê é Marcelo Mansur, indivíduo radicalmente pop. Ou, com a licença de Tom Wolfe, um radical pop. "Por mim, podia cair uma bomba em Seattle e explodir tudo. Pearl Jam, Nirvana... Spin Doctors é de lá também?", detona ele. "Eu odeio samba, principalmente pagode", cospe. Sim, amigos, o melhor do pop brasileiro está nas mãos deste terrorista verbal. Mas quem encosta nele só corre um perigo: sentir o cheiro e se dar bem. Sua próxima vítima deve ser Rita Lee: ela é a favorita nos planos de futuro do DJ.

Ele não pára: produziu a cover de "Rio Babilônia" (do falecido Robson Jorge) que Fernanda Abreu gravou para o disco novo, com Cláudio Zoli dando uma força vocal. E agora esse... "O Paulo Ricardo me procurou e disse: 'Quero dar uma melhorada no meu som'".

Memê prova que conseguiu fazer o máximo com ele no estúdio. Na manga, o produtor tem ainda a banda Fanzine, rhythm'n'blues (ou *charm*) legítimo, iluminado por Alexandre Lucas. "Ele é a melhor voz black do Brasil", empolga-se.

Memê ama discoteca, chora ouvindo Os Cariocas, adora The Police e dança conforme a música: "Eu jamais forço um artista a entrar em um formato. Nunca iria botar o Caetano pra sair rebolando igual um travesti dance". Memê é Flórida. Sabe o remix de "A Barata"? Saiu em single na Espanha e virou hit nas discotecas de Ibiza.

PEDRO SÓ

notas

OZZY OSBOURNE já arrumou um substituto para o guitarrista Zack Wylde – agora no Pride & Glory e, dizem, no Guns N'Roses. Trata-se de RICHIE KOTZEN, ex-POISON *** Depois de vender mais de 8 milhões de cópias com o álbum Smash, o OFFFSPRING tem como maior ambição gravar com COURTNEY LOVE. É o que diz o vocalista da banda, Dexter Holland, numa entrevista ao jornal inglês New Musical Express *** Um ano e meio de prisão foi a pena imposta a KELLEY DEAL. A guitarrista das BREEDERS havia sido presa em casa com papelotes de heroína *** Keanu Reeves e David Geffen estão fazendo escola. JANN WENNER, de 49 anos, fundador da revista Rolling Stone, acabou seu casamento de 26 anos com Jane Wenner para assumir sua relação com o estilista da Calvin Klein, Matt Nye, de 29 anos ***

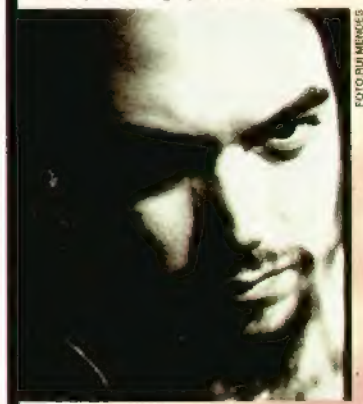


FOTO RUI MENDES

MAX CAVALLERA (foto) vai ser papai pela segunda vez. Glória, mulher do cantor e empresária do Sepultura, espera um bebê para 2 de julho. O nome do pimpolho será Igor Amadeus Cavallera.

OUÇA ESSA

REYNA

" Sexo oral tem muita importância no mundo de Barry White. Das carícias preliminares ao clímax, existe todo um percurso. E não há outro percurso como esse. Sem sexo oral, é como tentar cozinhar sem tempero. Você entende o que estou dizendo?" (**BARRY WHITE** na *Vox*)

"Você pode pensar que cheirando um monte de cocaína você fica magro. Mas isso nunca se aplicou à mim, porque se você bebe quatro garrafas de uísque por noite, não é exatamente uma redução de calorias" (**ELTON JOHN**, na *New Musical Express*)

"Eu vi 14 companheiros meus morrerem de overdose de heroína em um ano. Isso foi no ano passado, o ano em que estávamos gravando nosso disco. Toda semana, havia alguém no telefone avisando sobre a morte de alguém" (**MANI**, baixista do grupo inglês **STONE ROSES**, na *New Musical Express*)

"Eu fiquei emocionado quando descobri que Kurt Cobain gostava do meu trabalho, e eu sempre quis conversar com ele sobre as razões dele ter feito *a cover* de 'Man Who Sold The World'. Foi uma ótima regravação e soava muito honesta. Teria sido muito bom trabalhar com ele, mas somente conversar já seria bem legal" (**DAVID BOWIE**, na *Spin*)

"Eu adquiri uma nova organização mental quando me tornei um símbolo. Eu simplesmente não consigo comparar como me sinto agora em relação ao meu passado. Eu não quero destruir a mística da mudança ao revelar como me sinto publicamente" (**PRINCE**, no *New Musical Express*)

"Se os adolescentes na Islândia são jovens e rebeldes, eles não formam bandas punk. Eles escrevem poesia. Depois eles ficam bêbados e declamam seus poemas uns para os outros"(**BJÖRK** na *Vox*)

"Eu era muito jovem, então tudo era bem estranho. Não parecia real. Eu não agi como uma estrela de rock, pus o dinheiro no banco e continuei morando com meus pais para não pagar aluguel. Só comprei um carro" (**MIKE PATTON** do **FAITH NO MORE** respondendo se foi bom quando começou a rolar dinheiro com o grupo, na *Kerrang!*)

"Não me diga que porque sou uma estrela de rock, eu não tenho valores ou que porque estou perto dos 50 anos, eu não posso fazer isso ou aquilo. Já estou de saco cheio" (**PETE TOWNSHEND** na *Spin*)

MAIS UM TITÃ EM CARREIRA SOLO

FOTO: PIA MENDES

Nando ainda contou com as participações de Herbert Vianna e Paula Toller

Nando Reis assume seu lado compositor e lança 12 De Janeiro, um disco totalmente diferente dos Titãs, influenciado pelos sons de Gilberto Gil nos anos 70. Mas Nando descarta qualquer posssibilidade de sair dos Titãs

Mais um capítulo da novela: *Os Titãs Vão Mesmo Se Separar?* Depois do álbum solo de Paulo Miklos e do *hardcore* desencanado do Kleyderman (que conta com Branco Mello e Sérgio Britto), chegou a vez de **NANDO REIS** mostrar seu projeto solo. O disco leva o nome de *12 De Janeiro* e deve chegar às lojas via Warner este mês.

O álbum reúne músicas que vêm sendo estocadas desde 82. Como "A Menina E O Passarinho", uma composição estranhíssima e de letra quilométrica, que começa como toada caipira para depois se transformar numa melodia estilo Jovem Guarda. "Era para entrar no *Televisão* (85)", revela Nando. Outras músicas ganham um clima MPB, lembrando as coisas feitas por Gilberto Gil nos anos 70.

Já o título é nada menos que a data de nascimento de Nando.

12 De Janeiro foi gravado em Salvador e Rio de Janeiro no começo deste ano e o titã tocou violão, acompanhado por Luís Brasil (violões), Marcos Suzano (percussão), além de Dadi (baixo) e Cezinha (bateria), que também tocam na banda de Marisa Monte. Entre as participações estão Herbert Vianna, Paula Toller e... Roberto Mendes. Quem? "Roberto Mendes é um violonista baiano, com três discos lançados e um dos maiores especialistas em música folclórica. Eu o conheci numa roda de chula (*um ritmo nordestino*) nas gravações de *Gastão Redescobre O Brasil* (*programa da MTV*)", conta Nando. "Mendes é um virtuose. É ele quem toca violão em 'Do Lado De Cá'."

As outras influências – nem tanto à mostra – ficaram a cargo de Led Zeppelin e Neil Young. O primeiro, especialmente *Physicoll Graffiti* e o *Houses Of The Holy*, fez companhia ao cantor durante sua temporada no Rio de Janeiro. Neil Young ajudou Nando a superar um de seus maiores traumas: o timbre de sua voz. O cantor chegou a parar as gravações do disco, de tão encanado que ficou com os vocais. Voltou para o hotel e ouviu *Sleep With Angels*, o último disco de Young, e viu que ter uma voz peculiar não é tão grave assim. "Fiquei maravilhado com aquela coisa do Neil Young de, mesmo não tendo uma voz afinada, cantar do jeito que ele faz."

As letras de Nando são bastante pessoais, cantadas em primeira pessoa sobre o dia-a-dia (a bela "Bom Dia") e reconciliação. "Me Diga" trata das saudades que Nando sente dos filhos. "Foi Embora" tem um jeitão "estou de volta pra casa". Nando concorda. "Tenho um lado meio fechado que só resolvo compondo."

Segundo os Titãs, a separação não está nos planos. "Esse lance de falar em separação dos Titãs é um recurso jornalístico", garante Charles Gavin, referindo-se à matéria da BIZZ de fevereiro. Mas o projeto solo de Nando continua rolando. Ele presenteou o baterista Cezinha com uma luxuosa caixa de CDs do Led Zeppelin – Cezinha, que já participou de discos de Luís Caldas a Marina, nunca tinha ouvido as pauladas hercúleas de John Bonham. "Fiz isso pensando na gravação do nosso próximo disco", revela Nando, já antecipando o efeito Led Zeppelin na batida da percussão.

SÉRGIO MARTINS

FOTO: ZÉ MARIA PALMIERI

André Mattos (à frente) está espantado com a popularidade do Angra

ANGRA GANHA PRÊMIO E GRAVA DISCO NA EUROPA

O **ANGRA** é uma banda formada por bons músicos – daqueles que passaram anos em conservatórios –, que se apresentam com roupas impecáveis e cabelos bem tratados e suas composições têm o que chamamos de "incursões pela música clássica". Se este tipo de atitude causa calafrios entre os roqueiros que detestam um rock mais elaborado, do tipo "progressivo com heavy metal", por outro lado há uma facção roqueira que acolheu o grupo de vez: o Angra foi o campeão de vendas de sua gravadora, a Eldorado (cerca de 25 mil cópias de *Angels Cry*), teve uma boa receptividade do público no festival Monsters Of Rock, realizado em agosto passado, além de ser eleito a revelação de 94 pelos leitores da BIZZ.

"O prêmio foi uma surpresa até para mim. Eu achava que os nossos fãs vinham mais do segmento heavy metal. Mas hoje vejo que a popularidade do Angra está crescendo", confessa o vocalista André Mattos. Ele cantava no Viper e foi cotado para substituir Bruce Dickinson no Iron Maiden. Só perdeu o posto porque inglês é bairrista pra caramba.

O Angra reúne fãs no Brasil e no exterior – que recebem o informativo *Angra News*, contendo as últimas fofocas dos cabeludos – e tem admiradores até na geração trintona. "Eles começam a carta meio que se desculpando, falando que é estranho escrever pra gente. O nosso som atrai esse pessoal, porque tem muita influência dos anos 70 – tipo Yes, Rush – o que é raro hoje em dia", comenta Mattos, ele mesmo um saudosista de primeira vide a versão deles para "Wuthering Heights", da cantora Kate Bush. "São poucos os grupos novos que me chamam a atenção."

Enfumados numa fazenda – seria o clima bucólico influência do Yes? –, o Angra prepara o sucessor de *Angels Cry*. O disco será gravado na Europa e chegará às lojas em setembro. Os fãs matam saudades com o EP *Evil Warnings*, lançado no Japão mas prometido para breve pela Eldorado no Brasil.

S.M.

MADONNA VIRA EVITA PERON

Depois de muita lenga-lenga finalmente **MADONNA** interpretará Eva Péron, a mulher do ditador argentino Juan Carlos Perón, no cinema. O filme **EVITA**, baseado no musical homônimo de Andrew Lloyd Webber, começa a ser rodado em agosto, em Madri e o cachê da estrela será cerca de US$ 4 milhões. Há anos que Madonna é obcecada com a idéia de interpretar Evita, sendo que já havia sido descartada "em prol" de Meryl Streep. Assim como a pintora mexicana Frida Khalo, Eva Perón serviu de inspiração e referência aos múltiplos visuais de Madonna.

FOTO: JONAS NORTHMANN

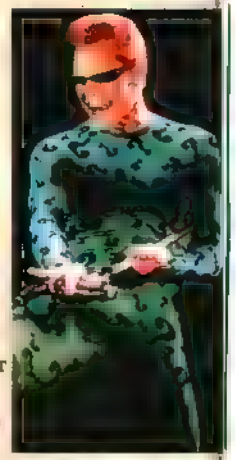
UM STONE NO CINEMA

MICK JAGGER (foto) se prepara para atacar novamente no cinema. Jagger já havia atuado como ator, mas agora dará um salto mais alto. Seu novo papel: produtor. Formou com Steve Tisch (produtor de *Forrest Gump – O Contador De Histórias*), a empresa Lip Service (seria uma referência a si mesmo?). O roqueiro só espera o fim da turnê *Voodoo Lounge* para se dedicar de corpo e alma à nova empreitada. Enquanto isso, Tisch já está selecionando roteiros para serem produzidos pela dupla.

O novo Homem-Morcego

Jones, o novo Duas Caras

A *Entertainment Weekly* deu uma rasteira em toda a imprensa mundial e publicou com exclusividade as primeiras fotos de ***Batman Forever***, o terceiro filme da série – que deve estrear no Brasil em julho. Novidades não faltam: no papel do famigerado Charada, aparece a nova sensação de Hollywood, **Jim Carrey** (O *Máskara*). Ainda na ala dos vilões há **Tommy Lee Jones** (Oscar de melhor ator coadjuvante por O *Fugitivo*), como Duas Caras. As beldades Drew Barrymore e Nicole Kidman – a Sra. Tom Cruise – emprestam seu charme ao filme. Mas a maior surpresa é o novo Homem-Morcego: sai o insosso Michael Keaton e entra Val Kilmer, o Jim Morrison de *The Doors*.



Jim Carrey como Charada

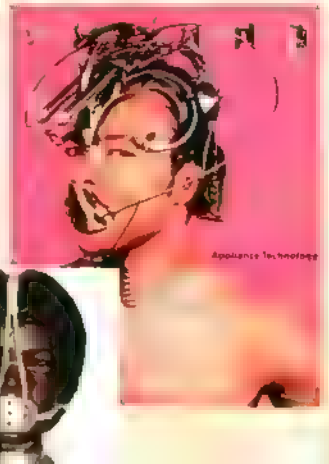
Pagar para sofrer

O que fazer com um adolescente que não se encaixa nos moldes da sociedade americana? Simples! jogue-o no meio do deserto com a roupa do corpo, sem comida nem água. Acredite se quiser, mas um programa de reabilitação de jovens problemáticos prega exatamente isso, por um custo que varia entre 14 e 20 mil dólares. Até agora, dois jovens morreram durante o programa, conforme conta a *Vibe*. Que país será aquele?

Tanya Donelly: a rainha das capas

Parece até armação. De uma vez só, **Tanya Donelly**, do **Belly**, emplacou a capa de três das mais respeitadas revistas musicais do planeta, a americana *Request* e as britânicas *Pulse!* e *Vox*. O motivo para tanto barulho é o lançamento do segundo disco da banda, *King*. Para quem não sabe, o Belly é liderado pela poderosa Donelly, ex-Throwing Muses e The Breeders, uma das meninas preferidas da cena *indie*. "Eu não me sentia feminina até fazer 19 anos", confessou à *Vox*. Fique com os ouvidos bem abertos!

Escravos cibernéticos



Repare só nessas duas figuras. Pois é, um "artista cibernético" chamado **Ira Sherman** conseguiu traduzir o mito afro-brasileiro da **Escrava Anastácia** para o mundo cibernético – ao que parece, involuntariamente. Destaque nas páginas da *Wired*, a invenção do americano é apenas uma de suas obras interativas – que, segundo ele, não causam mal algum àqueles que as usem. *Hélio Gomes*

VENHA TORCER PELA SUA BANDA

Fest VALDA

Aberto de música

Porto Alegre
Bar Opinião
10 a 12 de maio

Disque Fest VALDA (0800)21.1200

Patrocínio:

pastilhas VALDA Mentol / Eucaliptol
Bala VALDA goma de mascar

São Paulo - Junho
Rio de Janeiro - Outubro

Apoio
REVISTA BIZZ
Atlântida
mauá
opinião

ENJOY IT

JORNADA NAS TRANKKEIRAS

KLINGON MUG
Leitinho matinal com gosto de *Jornada nas Estrelas*. Você vai adorar! **R$ 20**

TREK KEYCHAIN
Item nota dez para encher o saco alheio com barulhinhos pertelhos. **R$ 36**

ENTERPRISE OPTIC LIGHTS Réplica perfeita: modelo para montar, vem até com luzes de fibra ótica e compensa à pagação na hora da montagem. **R$ 63**

STAR TREK T-SHIRTS
Em tamanho único, existem estampas para todos os gostos. De **R$23** a **R$ 27**.

PIN COMMUNICATOR
O que parece um distintivo, é na verdade um "comunicador" que reproduz efeitos sonoros ao ser apertado. **R$ 8,70**

ACTION FIGURES
Perfeito para ser estraçalhado pelas crianças enquanto o papai "trekker" arranca os cabelos. **R$21,60**

POP SHOT STAR TREK
Parabéns a você! Presentinho bacaninha: cartão de aniversário em 3D com os personagens da Nova Geração. **R$ 8**

REAL SIZE POSTERS
Vai encarar? Com quase 2 metros de altura, existem reproduções em tamanho natural de todos os personagens da série. **R$13**

TIMEX WATCHERS
Estiloso, é uma peça que dá para usar sem passar ridículo. Também é à prova d'água. **R$ 60**

PLAYMATE TRICORDER No filme serve para rastrear os lugares desconhecidos. Esse aí emite sons e tem luzinhas piscantes. É claro, não serve para nada. **R$ 31,90**

KLINGON DICTIONARY Todas as palavras do dialeto alienígena têm seu significado no livro. Acredite, existe *trekker* que tem toda a gramática decorada **R$ 20**

LIGHTED STAR GLOBE
Piper kitch! Ligado na tomada, o globo fica iluminado com a reprodução da Enterprise em cores fluorescentes. Produção limitada. **R$100**

THE NEW GENERATION UNIFORM Numa convenção de *trekkers*, quem sabe você não encontra o seu par perfeito? **R$ 50**

PHASER NEXT GENERATION A arma reproduz os efeitos da "verdadeira". Tente assustar seu cachorro com ela. Provavelmente não vai funcionar. **R$ 40**

STAR TREK CDs Excelente para lavagem cerebral. Tem para todos os gostos. Desde as trilhas sonoras dos seriados da televisão às dos filmes feitos para o cinema. Em média **R$ 23**

ONDE ACHAR: GIGABUM MEMORABILIA
Rua Humberto I nº 877 Vila Mariana, São Paulo, SP
Fone/fax (01) 549-9960

veja

Indispensável

CRISE FINANCEIRA

CRIA EMPREGOS ALTERNATIVOS NA EUROPA

Londres

A falta de grana e os empregos alternativos não são exclusividade dos jovens dos países de terceiro mundo. A crise do mercado financeiro mundial está refletindo na qualidade e modo de vida da juventude de todo o planeta e agora o bicho começou a pegar pesado até em picos mais tradicionais como a Inglaterra. A maneira que a galera local arrumou para driblar a falta de grana são trampos independentes geralmente ligados a área artística. Tem gente se passando até por dublê de barbeiro, fazendo a cabeça dos malucos em festivais ou manisfestações parecidas. Cortar cabelos, como na foto acima, é o lado menos romântico do grupo de acrobatas The Boggle (O Fantasma) que vem se destacando com performances circenses em *raves*, *nightclubs* e até em festivais. O cachê varia de 50 a 200 libras por apresentação, mas o show pode até sair de graça se for por uma causa justa como as passeatas contra a lei Criminal Justice Bill, quando os trapezistas se juntam às bandas de rock para dar um visual mais dinâmico ao protesto.

Como para sobreviver de arte nesse esquema é preciso ter muito mais raça do que graça, é comum outras pessoas fazerem como os "fantasmas", que se viram cuidando de crianças, fazendo crepes e até vendendo tranqueiras numa lojinha improvisada num ônibus "multimídia" que serve ainda de casa, depósito e até de banheiro publico ambulante.

Nova York

Cartão de tesão A admiração dos americanos pelas supermodelos está começando a passar dos limites. E alguns espertinhos estão aproveitando para ganhar dinheiro com isso. A Super Model Collector Card Co. acaba de lançar nos EUA a série de cartões telefônicos que traz fotos sexy de belas modelos estampadas e está ganhando milhões de dólares com a idéia. Cada cartão custa a "bagatela" de US$ 10,00 e rende vinte ligações. O argumento promocional usado pela empresa é que agora os americanos têm mais um motivo para levar as amadas no bolso.

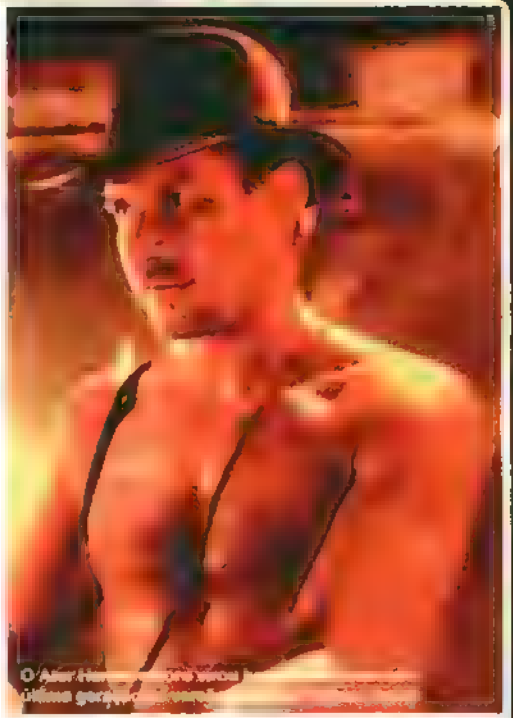
Buenos Aires

Borrachos portenhos A tradição argentina de se embebedar nos bares com a mistura interessante de vinho com club soda está sendo substituída por um coquetel um pouco mais heavy metal. Tequila, vodca, refrigerante e *outras cositas más*, estão sendo misturados numa seringa gigante e o líquido é esguichado goela abaixo do felizardo. Saca a cena: no meio de um bar é colocada uma cadeira de barbeiro reclinável, o sujeito deita ali, abre a boca e... seja o que Deus quiser! O prêmio para quem consegue beber todo o conteúdo da seringa é uma dose grátis da "bomba atômica".

Londres

Noviças rebeldes Freiras "montadas" com pinta de *drag queens* maquiadíssimas e vestindo roupas caras estão sacudindo a mídia inglesa. Chamadas de *Sisters*, elas são na verdade um grupo de gays que resolveram fazer algo mais prático do que ficar teorizando a respeito da luta contra a Aids. Num clima de conscientização com diversão, eles (ou elas, como preferir) participam de toda e qualquer manifestação popular que aconteça na cidade, distribuindo panfletos e informando através de performances como evitar a contaminação pelo vírus HIV. O sucesso das Sisters é tanto que elas passaram a ser convidadas para realizar um programa educativo nas escolas, trabalhando direto com adolescentes.

Drag Queens inglesas estão se mexendo contra a aids



Los Angeles

Indiana Jones flerta com Mickey Mouse Já está funcionando desde março na *Disneyland*, California, a mais nova atração do parque: é o Temple Of The Forbidden Eye, uma réplica perfeita do templo do filme Indiana Jones. Resultado de uma associação do produtor George Lucas com a Disney, o superbrinquedo reproduz com fidelidade as situações vividas pelo ator Harrison Ford e as dificuldades de sempre: centenas de cobras, múmias, pedras que despencam, tuneis etc. Os *troop transport* (uma especie de Jeep adaptado) são controlados por um sistema de computação que monitora independentemente cada carro reproduzindo efeitos visuais e sonoros. Isso faz com que existam varias combinações diferentes entre as salas a serem seguidas e que o passageiro nunca saiba previamente qual será o roteiro percorrido (mesmo que já tenha ido ao brinquedo). Em breve, serão construídos mais "templos" em outros parques do império Disney.

Johanesburgo

Africa via satélite A música africana acaba de ganhar mais um grande aliado branco: a MTV. A partir de 96, o canal de música passa a atuar na África do Sul. Com sede em Johanesburgo, em parceria com o cantor e ativista anti-racista Johnny Clegg e com a emissora local Primequity, a MTV africana ficará 24 horas no ar, dará destaque para a música local e será o grande veículo para a exportação do som e dos hábitos nativos. Um canal de satélite manterá os sinais da MTV africana disponíveis para a recepção em outros continentes.

10 + 1 perguntas para Elton John

Reginald Kenneth Dwight, o *popstar* conhecido como Elton John, está de volta. Depois de se recuperar dos tempos de abuso de drogas e álcool – "eu tinha que cheirar cocaína a cada quatro minutos" –, Elton lança o que ele mesmo chama de seu melhor disco em anos, *Made In England*.

Ao completar 25 anos de carreira e 47 de vida, o mestre do pop inglês ainda arruma tempo para cuidar de sua fundação de pesquisas sobre a Aids e manter-se atualizado com as novas tendências da música pop. Com vocês, *Mr. Rocketman* em pessoa.

Você vendeu cerca de 200 milhões de discos em todo o planeta. Como você faz para se manter criativo e continuar a fazer tanto sucesso?
Isso não é difícil para mim porque eu não componho com tanta frequência. Acho que esse é o segredo. Eu escrevo quando tenho que gravar um álbum, um *single* ou algo parecido. Ouvir coisas novas me ajuda e estimula muito.

Você disse que *Made In England* é o seu melhor disco nos últimos tempos...
Acho que este é o melhor disco que fiz desde *Blue Moves*, em 76. Eu não estou detonando os meus últimos discos, mas o que quero dizer é que durante a produção desses discos eu me mantive afastado demais. Com este álbum, consegui ser determinado o suficiente para estar no estúdio 100% do tempo.

O que o levou de volta a seu famoso piano?
Escrevi todas as canções no piano e a banda estava ao meu lado enquanto eu as compunha. Voltei ao começo dos anos 70 em minha maneira de trabalhar, como quando fiz *Yellow Brick Road* e outras coisas. Eu quis recriar aquela atmosfera.

Este álbum é uma "volta às raízes"? Como você o definiria?
Retomei a minha equipe básica, com o letrista Bernie Taupin. Gravamos vinte músicas para este disco e apenas onze acabaram entrando. Há muita energia no álbum, até mesmo nas baladas, como "Living In Pain". Apesar de contar com a banda, toquei muito teclado o que não fazia há tempos.

A fase "barra pesada" de Elton John acabou?
Vivi infeliz por muitos anos e consegui mudar muito desde que estou sóbrio, ou seja, há quatro anos. Agora, eu não entro numa sala se percebo que ali dentro está rolando algo com que não queira mais me envolver. Tenho consciência de que ainda tenho um longo caminho a percorrer em certos aspectos.

E como está a sua vida particular?
É a está extraordinária! Estou muito feliz em poder dizer que sou gay. Dentro de mim mesmo estou muito feliz, estou confiante. Tenho 47 anos e acho que pela primeira vez em minha vida me sinto um adulto, apesar de ainda ser um pouco travesso. Não quero perder isso, mas existe uma diferença entre travessura e imaturidade. Acho que a imaturidade é algo que faz parte do meu passado. Hoje, eu posso falar sobre isso com alguém, não preciso mais entrar num quarto, trancar a porta e cheirar cocaína.

Como você escolheu o título do disco – *Made In England* (Feito Na Inglaterra)?
Até o final do ano passado o disco ia se chamar *Believe* (*Acredite*). Na verdade, a capa já estava pronta. Mas um dia eu estava na cama e cheguei à conclusão que *Believe* seria um título um pouco místico demais. Eu queria ser positivo. *Believe* é meio... *(faz uma careta)*

Fale sobre a trilha sonora que você fez para *O Rei Leão*.
A maioria dos desenhos da Disney tem essas maravilhosas canções no velho estilo da Broadway. No caso de *O Rei Leão* o estúdio queria se afastar desse padrão, e eu desejava apenas escrever canções para crianças de cinco ou seis anos. Quando você trabalha com a Disney, você compõe para as crianças mas os adultos também acabam gostando das canções. E acabou dando certo.

Qual é o seu objetivo ao criar uma fundação de pesquisas sobre a Aids?
É a foi formada há apenas dois anos – nós temos uma filial na América do Norte e outra na Europa –, e a razão, além de eu ter passado tanto tempo da minha vida abusando de meu corpo e de minha sorte, foi querer fazer alguma coisa pelas pessoas que sofrem com a Aids. Eu era um grande viciado em sexo, me coloquei em situações em que eu poderia ter contraído o vírus HIV com muita facilidade. Eu não sou um portador do vírus da Aids e tenho muita sorte por ter conseguido uma segunda chance.

Qual é o momento de sua carreira que te deixa mais orgulhoso?
Acho que o que me dá mais orgulho é o fato de continuar sendo parceiro de Bernie e nós termos o mais maravilhoso dos relacionamentos. Acho que ambos estamos muito vivos, felizes por estarmos juntos e ainda muito ligados.

S.H. Fernando Jr.

CUCA

A BELA DA TARDE

Ela não é só um rosto perfeito e um corpinho maneiro. Robert Halfoun revela como a VJ se tornou a princesa da MTV

Rock in Rio II, janeiro de 91. A cidade maravilhosa vivia um clima ainda mais especial que o clichê tradicional de sol, mar e mulheres estonteantes que rola no verão. Em meio àquela magia e empolgação, um punhado de estrelas internacionais circulava pelo balneário, é claro, com o propósito de participar do festival. A maior delas, Axl Rose. Jornalistas, fãs, gente famosa de televisão, todos queriam alguns minutos com o ídolo, que naquele momento estava no auge da sua popularidade. Axl, "para variar", recusava-se a dar qualquer entrevista, fugia de fotógrafos e já demonstrava sua faceta Mike Tyson que, mais tarde, quando os Guns N Roses voltaram a tocar aqui em 92, transformaria cadeiras em projéteis voadores cujo alvo era a cabeça de repórteres. Duas palavras definiam o cantor dos Guns N Roses: calado e perigoso.

Enquanto isso, a 400 quilômetros dali, na atmosfera menos mágica e mais enfumaçada de São Paulo, a MTV Brasil engatinhava. Praticamente acabara de estrear com a proposta e a responsabilidade de sacudir o mercado pop brasileiro, assim como a original americana fez quando surgiu há dez anos nos Estados Unidos. Correndo atrás das notícias do festival, aliás, como todos os outros veículos da imprensa, a emissora tinha um trunfo imbatível na manga para dar seu primeiro grande passo e não sabia disso.

"Não sei se tô ficando careta, mas é uma puta roubada ficar se drogando e enlouquecendo por aí"

Provavelmente numa das tardes de tédio que Axl passa cheio de mordomias em suítes luxuosas de hotel vendo televisão, o próprio ídolo se encarregou de abrir os olhos da emissora: daria uma única entrevista no Brasil, "para aquela gata, a tal de Cuca da MTV".

Do programa *Non Stop*, exibido nas tardes de música do canal UHF e de pouca expressão fora do universo segmentado da MTV, surgia no mundo pop Regina Paula Lazzarotto, a Cuca (apelido que ganhou da irmã mais velha quando criança), com seus 22 anos na época (hoje tem 26), 1,65 metro de altura, pouca experiência na frente das câmeras e um rostinho de princesa. Começava ali o seu desfile na passarela eletrônica para se tornar a VJ (*video jockey*) mais desejada da TV e uma das figurinhas carimbadas dos sonhos inconfessáveis da maioria dos adolescentes brasileiros. E, que a verdade seja dita, dos pais deles também.

Voltando ao verão carioca de 91, naquela altura do campeonato, o foco das fofocas sobre a estada de Axl Rose no Brasil tinha mudado de direção. O posicionamento do astro descartando renomados repórteres da televisão brasileira e exigindo falar com aquela menina bonita, porém inexperiente, revelava uma cantada explícita.

A entrevista exclusiva para a MTV rolou, Cuca foi a entrevistadora ao lado do jornalista Zeca Camargo, que na época era diretor de jornalismo da emissora, mas o desejado *affair* planejado por Axl, confirma Cuca, não passou de pura especulação da imprensa.

"Se eu quisesse rolava, mas eu não quis. Eu entrevistei o Axl, voltei para o hotel e fui dormir. É um absurdo achar que só porque milhares de meninhas queriam transar com ele, eu ia querer também. Os jornais não tiveram o menor escrúpulo ao sair dizendo que eu tinha dado para o cara. Pra mim essa história toda foi uma droga. Como eu não tinha experiência, obviamente a entrevista não foi legal e eu sofri pressões pessoais absurdas. Até o meu namorado brigou comigo. Eu cheguei a pensar em abandonar a profissão."

Hoje, quatro anos mais tarde, Cuca é a única VJ que integra o elenco da MTV desde o início, suportando várias mudanças de cúpula da emissora e mais: transformou-se na grande estrela da rede e apresenta o *Disk MTV*, o programa de maior audiência do canal UHF.

O sucesso da apresentadora, no entanto, é curioso. Ao contrário dos outros VJs da MTV, Cuca não faz exatamente o perfil alternativo das outras caras que pintam na telinha da emissora. Muito pelo contrário, se eles são os prótons, ela é a porção elétrons do time.

Ao ser classificada numa galeria de personalidades, ficaria seguramente no *hall* das patricinhas. *But who cares?* Vestidos de alcunha e cinturinhas bem delineadas sempre fizeram a cabeça de qualquer marmanjo. Principalmente quando o corpo que recheia a embalagem ajuda. Talvez esse seja mais um dos fatores que contribuem para o seu sucesso. "Prestando atenção nos anos de MTV, eu sempre fui o ser mais normal da telinha. Eu não quero detonar ninguém, mas o público acaba se identificando comigo. Eu uso roupas que qualquer menina usa, cabelo nor-

mal... Nunca fui *over* e nem deixei de ser. Sempre fui eu mesma", define a VJ tentando explicar o seu sucesso.

No prédio de corredores apertados da MTV, Cuca aparece para a entrevista do jeito que você está acostumado a vê-la na telinha. Ela veste uma camisetinha apertada, uns três números menor que o seu tamanho real, uma calça de um tecido quase transparente e uma sandália de salto alto. O rosto está empastelado de maquiagem para a gravação que começaria pouco depois do papo.

De cabelos soltos, Cuca é simpática e faz jus à classificação de arrumadinha. "Adoro comprar roupas boas, perfumes e freqüentar bons restaurantes. Se dinheiro é importante? É, infelizmente grana é fundamental para todo mundo. Quero ganhar muito dinheiro", diz, sentada elegantemente de pernas cruzadas, como quem está acostumada a andar de minissaia.

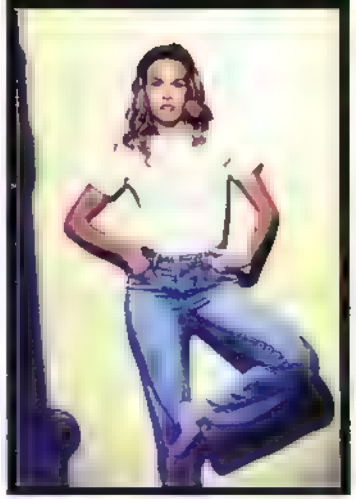
Um cachê milionário, porém, não foi o suficiente para Cuca se render à proposta da revista *Playboy* para posar nua. "A última vez que me chamaram, o convite veio através de um fotógrafo famoso. É lindo eles me oferecerem uma fortuna para eu ficar nua, mas me sentiria um lixo. Tiro a roupa só para o meu namorado e é mais do que suficiente."

Gesticulando muito, mas com movimentos curtos, típicos de quem trabalha na televisão, Cuca exibe a mesma graça que a faz encantar na telinha. Procura deixar bem claro que sabe quando é o momento de provocar. Embora não tenha o exibicionismo de Madonna, a loira da MTV tem seus momentos de Sharon Stone. Olha no fundo do olho do interlocutor, mexe nos cabelos e parece usar a mesma fórmula que hipnotiza os milhares de olhares masculinos que a acompanham na TV. Cuca parece segura. Não foge, nem titubeia ao responder as perguntas e deixa escapar uma ponta de orgulho quando é lembrada que faz parte do universo proibido dos milhares de Beavies e Butt-Heads espectadores da MTV. "É claro que massageia o ego de qualquer um saber que as pessoas gostam da minha imagem, me acham bonita e até uma mulher desejável."

Sua pele emana vaidade. Talvez esse seja o traço mais marcante da sua personalidade. Mas definitivamente não é o único. Quase que para compensar a loucura do universo pop em que habita, Cuca é uma mulher conservadora. Odeia drogas e não entra em baladas que possam lhe tirar do prumo. Mesmo que esporadicamente.

Uma comparação básica: Mônica e Cebolinha ou Beavis e Butt-Head? "Mônica e Cebolinha", responde de bate-pronto. "Acho Beavis e Butt-Head engraçados, mas se eu tivesse um filho como eles eu matava o moleque", diz rindo. "Acho que o mundo está muito deturpado. Não gosto da postura de não ter os pés no chão. Não sei se tô ficando careta, mas é uma puta roubada ficar se drogando e enlouquecendo por aí. Outro dia uma amiga me disse que deu para uma bicha e foi maravilhoso! Pô, e o risco da Aids? Tá todo mundo enlouquecendo?"

> "É claro que massageia o ego saber que me acham bonita e que sou uma mulher desejável"



Provavelmente, e o trânsito de São Paulo tem muito a ver com isso. No dia desta entrevista Cuca foi mais uma vítima do caos motorizado que rola nas ruas paulistanas e chegou atrasada. "Excepcionalmente", faz questão de frisar. "Meu carro quebrou e peguei o Mercedes da minha sogra emprestado. O carro é muito grande e fiquei horas procurando vaga", justifica.

Quando ela se refere a sogra, não significa exatamente que ela seja casada. Não anda. O que era namoro virou noivado em cinco anos de relacionamento com um cara que está muito mais para os corredores da bolsa de valores do que para os bastidores de shows de rock. O estilo roqueiro cabeludo e tatuado que usa bermudão e tênis rasgado definitivamente não a atrai. Pode estar aí o maior motivo para a dispensada que deu em Axl Rose. "Ele é baixinho, é doidão e ruivo de cabelo comprido. Eu gosto de homem de cabelo curto e de preferência perfumado. Tudo bem, no palco ele é o máximo, mas até aí o Slash, que é um horror também é."

Para consolar o *bad boy* egocêntrico de cabelos vermelhos, Cuca diz não se sentir atraída, digamos, sexualmente por nenhum nome do *showbiz*. Até Mick Jagger foi descartado e o primeiro nome que lhe veio a cabeça quando perguntada sobre ídolos foi o de Gandhi. "O Mick Jagger é um cara supersexy, a Madonna usa a sensualidade dela de uma maneira muito interessante, mas não acho que tenha alguém que faça parte dos meus sonhos ou desejos mais íntimos."

Musicalmente falando, Cuca é descaradamente de fases e exclui das suas preferências apenas o samba e o heavy metal. "Atualmente, como todo mundo, é claro que passei por uma *overdose* de Rolling Stones. Mas tenho ouvido muito David Bowie, U2, reggae, dance..."

Não ser uma *expert* em música e se destacar na MTV com outros quesitos básicos que não só conhecer os detalhes e as milícias do pop, acabou chamando a atenção dos poderosos que circulam principalmente pelo Jardim Botânico, Rio. Cuca já foi várias vezes convidada para participar de novelas na Globo, mas recusou todas as propostas. Seu negócio é outro. "Não tenho vontade de ser atriz e mesmo que me propusessem um programa de variedades em horário nobre não iria topar. Atualmente, estaria dando um passo muito maior do que a perna." Cuca é cautelosa e demonstra ter uma ótica mais real do sonho platinado do que seus ex-colegas de MTV tiveram e por isso acabaram não se dando muito bem. "A gente tem que ir sempre aos pouquinhos e, sem querer, a Maria Paula e o Thunderbird extrapolaram. Os dois se deram mal, a Maria Paula poderia estar fazendo algo muito melhor e ele hoje em dia não é nada. A MTV é uma pedra no sapato da Globo e acho que eles quiseram queimar duas peças importantes do nosso time."

No futuro Cuca sonha em fazer um programa jornalístico que misture comportamento, moda e variedades mas não pretende ficar na TV por muito mais tempo. "Não quero ser a Hebe Camargo." Mas no momento o que realmente lhe preocupa e induz ao término desta entrevista é descer aos estúdios no andar de baixo e fazer o melhor possível para manter a beleza das tardes da MTV. ■

AnarQuiA RecicladA

Ilustração: Eli Burnside/ Na ilustração, Johnny Rotten (Sex Pistols, acima) e Billie Joe (Green Day)

Nenhum movimento musical conseguiu superar a força seminal do punk. Incorporando a rebeldia primal do rock'n'roll, um bando de garotos eternamente inconformados conseguiu transformar os padrões de comportamento em todos os segmentos do mundo pop. Não é exagero nenhum dizer que o punk mudou tudo – e não apenas no que tange à música. Desde os seus primórdios, o estilo sustentou-se graças à sua multiplicidade. Ser punk sempre foi algo maior do que ser apenas mais um fã de qualquer outra facção do amplo universo da música pop. O punk rock era um estilo de vida.

Curiosamente, a música inventada por Sex Pistols, The Clash e tantos outros ganhou nova vida no último ano. O *revival* tem como cenário a enlouquecida Califórnia dos Dead Kennedys e do Black Flag, a meca do *hardcore* a partir de meados dos 80. De um lado há o Green Day, um trio com forte sotaque pop liderado pelo vocalista e guitarrista Billie Joe Armstrong, contratado por uma gravadora multinacional e a sensação de Woodstock '94. Do outro temos o Offspring, a banda independente mais bem-sucedida da história do rock, com nada menos que cinco milhões de álbuns vendidos em todo o planeta até agora.

Na Inglaterra, a febre atingiu o cenário musical com menos intensidade. Batizada de *new wave of the new wave* pela imprensa especializada (*veja reportagem na* BIZZ *110*), a cena tem como protagonistas os grupos Elastica, Echobelly e S*M*A*S*H. O som e a atitude não são apenas calcados no punk rock, enveredando-se também pelas sonoridades da new wave original.

Enquanto isso, no Brasil, os Raimundos conquistam o público mais jovem com seu *crossover* de *hardcore* e ritmos nordestinos (*veja* BIZZ *115*), e alguns dos velhos nomes da safra punk de 82 – Olho Seco, Ratos De Porão e Inocentes – preparam seus aguardados retornos (*veja quadro a seguir*). Mas afinal, qual é o porquê da volta ao som de 75? Basta olhar para trás para entender essa história.

O começo de tudo

O homem-chave no nascimento do punk rock atende pelo nome de Malcolm McLaren, hoje um senhor de 49 anos mais preocupado com a produção do disco da *top model* Christie Turlington. A história de McLaren começa a ficar interessante em 71, quando abriu a Let It Rock, uma loja de roupas para a nova geração de *teddy boys* – os filhotes das gangues originais, surgidas nos idos de 53. Desde então, McLaren tornou-se uma celebridade entre músicos e modernos londrinos.

Num dia qualquer de 73, os integrantes da banda protopunk New York Dolls adentram a Let It Rock. O visual absurdo da banda (uma mistura de *glitter* e sadomasoquismo) conquista McLaren e ele vira seu empresário. Em Nova York, percebe o quanto os New York Dolls estavam datados e deixa o barco.

Apesar de renegar os Dolls, o empresário trouxe uma idéia brilhante dos Estados Unidos. Depois de sacar que o que valia no mundo do rock em 75 era muito mais a atitude do que o som (vide a decadência dos progressivos), McLaren decidiu "construir" uma banda segundo seus novos padrões.

Mais uma vez em Londres, reassume sua loja – agora chamada SEX – e transforma-a no epicentro do terremoto que sacudiria o mundo pop, ajudado pela estilista Vivienne Westwood (*leia texto a seguir*). Segundo o próprio McLaren, foi ali que ele inventou o punk rock, ou melhor, os Sex Pistols.

Reunir os quatro Pistols foi fácil: Steve Jones e Paul Cook (respectivamente guitarrista e baterista) viviam na SEX. Glenn Matlock – baixista e balconista da loja aos sábados – foi convocado imediatamente. Faltava escolher o vocalista.

Depois de descartar o crítico Nick Kent e o cantor Richard Hell (*veja a* Discoteca Básica *desta edição*) para a vaga, a banda experimenta um velho freqüentador do pedaço, um adolescente de dentes podres chamado John Lydon. O teste é feito na loja, com o vocalista cantando sobre uma música que tocava numa *jukebox*. Os ensaios começam. Agora a banda se chama Sex Pistols e John Lydon vira Johnny Rotten (literalmente, Joãozinho Podre).

O primeiro show acontece em 6 de novembro de 75, um fiasco inevitável dado o despreparo da banda. De qualquer maneira, ali nascia o punk rock. A palavra que dá nome ao estilo não era nova. Muito pelo contrário. Wilham Shakespeare a usava para qualificar prostitutas. Séculos depois a palavra transformou-se no adjetivo para designar sadomasoquistas. Esperto como sempre, McLaren a escolheu como nome do estilo que ajudara a forjar – um sinônimo para o lixo exposto por Rotten e companhia.

O movimento se alastra

Simultaneamente ao parto dos Pistols, dezenas de bandas começaram a abraçar o estilo, sobretudo em Londres. A epidemia alastrou-se com velocidade absurda. O motivo para tanta rapidez era simples: estava na hora de renegar a mesmice dos paleolíticos *rockstars* da época.

Não por acaso, um jovem chamado Joe Strummer – sim, o vocalista e guitarrista do The Clash – resolveu acabar com seu velho grupo, o 101'ers, depois de dividir o palco de um pequeno festival com os Sex Pistols.

O grupo The Clash foi formado em 24 horas, em 76. Depois de um encontro no mercado de rua de Portobello Road, Mick Jones (guitarra), Paul Simonon (baixo) e Strummer já começaram a ensaiar. Achar o baterista Terry Chimes foi apenas questão de tempo. Como num passe de mágica, os Pistols tinham com quem dividir as parcas luzes do circuito punk londrino.

O movimento crescia a cada dia e bandas não paravam de pipocar – entre elas The Damned, The Stranglers, Siouxsie & The Banshees, Generation X (que contava com um vocalista endiabrado chamado Billy Idol) –, mas até meados de 76 nenhum disco havia sido lançado. O primeiro compacto punk saiu em 5 de novembro do mesmo ano: "New Rose" (The Damned). Pouco antes, em 8 de outubro, os Pistols assinam o histórico contrato com a EMI – a gravadora dos Beatles, The Animals e The Mammas And The Pappas, entre muitos outros.

Um mês e meio depois chega às lojas o histórico compacto "Anarchy In The UK". A porrada acertou o alvo – o caquético império britânico e seus valores –, mas não derrubou por completo o adversário. Os Pistols ainda eram conhecidos apenas no gueto de onde surgiram.

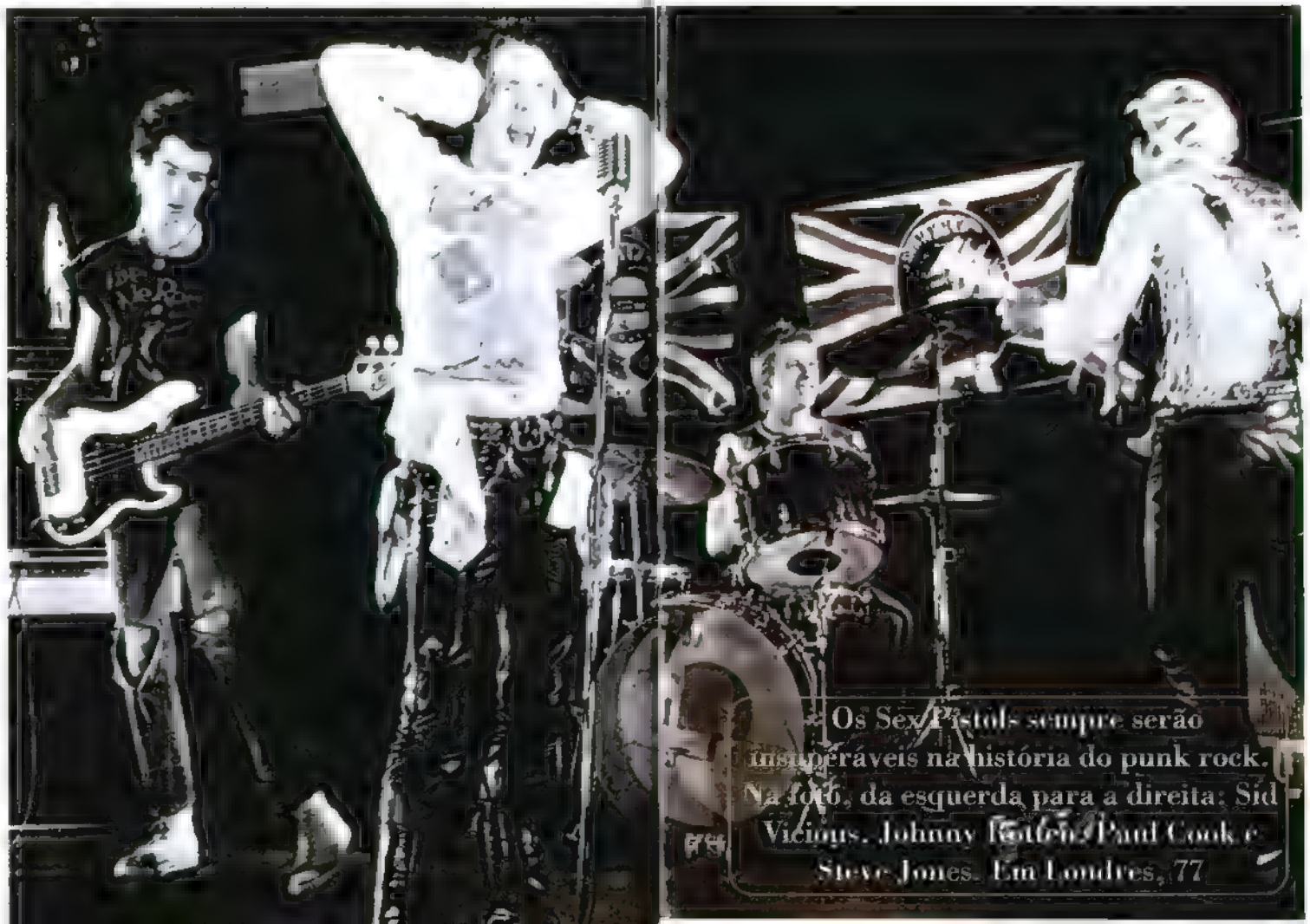
Mas a televisão encarregou-se de levar o punk aos pudicos lares ingleses. No dia 1º de dezembro de 76, Siouxsie, os Pistols e outros punks são os astros de um dos programas de maior audiência da TV inglesa, levado ao ar às cinco da tarde, a famosa hora do chá, na qual famílias concentram-se frente à TV. Depois do programa, dois milhões de britânicos passam a amar ou odiar os Sex Pistols. Motivo: pela primeira vez na história a expressão "fuck off" (foda-se) é dita diante das câmeras. O protagonista da história só podia ser Johnny Rotten.

Melhor golpe de marketing impossível. A imprensa caiu de pau no episódio, detonando os Pistols por completo e, de quebra, levando o movimento às primeiras páginas de todos os jornais. Dez mil cópias de "Anarchy In The UK" são vendidas diariamente. Contudo, os Pistols são chutados da EMI em 6 de janeiro de 77. Começava o ano de glória da banda.

77: o ano do punk

Glen Matlock nunca se deu bem com Johnny Rotten, apesar de ser considerado por muitos o melhor músico do grupo. Em fevereiro de 77 as brigas encresparam – sobretudo no que se referia às suas diferenças políticas – e Matlock é enxotado. A saída do baixista motivou a entrada daquele que viria a ser o maior símbolo do punk rock em todos os tempos, Sid Vicious.

O melhor amigo de Rotten era um baixista sofrível, que mal conseguia tocar, por estar o tempo todo chapado com drogas de todo tipo. Contudo, sua performance ao vivo e sua personalidade autodestrutiva deram o



Os Sex Pistols sempre serão insuperáveis na história do punk rock. Na foto, da esquerda para a direita: Sid Vicious, Johnny Rotten, Paul Cook e Steve Jones. Em Londres, 77.

toque final na fórmula do grupo. Vicious dá trabalho desde o início: num dos primeiros ensaios, passa mal e é levado às pressas para o hospital. Diagnóstico: hepatite causada pelo alto consumo de álcool e drogas, é claro.

Apesar de terem cancelado dezenas de shows, os Pistols logo assinaram um contrato com a gravadora A&M. Aproveitando a comemoração do jubileu de prata da rainha Elizabeth II, quando esta completou 25 anos no poder, a banda solta o compacto de "God Save The Queen". A canção trazia uma das máximas do movimento punk: "Não há futuro na Inglaterra"

Em março, foi a vez da A&M despedir o grupo. Os motivos foram exatamente os mesmos da EMI, mas desta vez os quatro Pistols e McLaren embolsaram cerca de 75 mil dólares cada um. Dois meses depois, a Virgin contratou a banda.

Enfim, o grupo achara a gravadora perfeita. Dirigida por Richard Branson – um jovem milionário excêntrico e quase tão maluco quanto os músicos que contratara –, a Virgin banca todas as brigas dos Pistols, inclusive o veto da BBC a "God Save The Queen". Numa das raras entrevistas dadas pelos Pistols na época, Johnny Rotten explica a revolta de sua banda: "A música precisa dar assistência a todo esse lixo (*a sociedade britânica*). A música tem que mostrar saídas para se vencer a estagnação. Ela tem que ser verdadeira mas também bem-humorada. E isso não é política."

O compacto chegou à terceira posição na parada britânica enquanto a banda preparava seu tão aguardado álbum de estréia. O quarteto The Clash lançava seu primeiro disco, com o nome da banda, sob acusações de "traição do movimento" por terem assinado com a toda-poderosa CBS.

Começam a sair os primeiros discos punks, de bandas como The Jam (que fazia um som mais para o *mod à la* The Who), Siouxsie And The Banshees, Richard Hell & The Voidoids e a americana Ramones. Em 12 de novembro, era lançado o primeiro álbum da banda inventada por Malcolm McLaren, *Nevermind The Bollocks. Here's The Sex Pistols*. De repente, a Inglaterra ficou pequena para o punk rock.

O último tiro dos Pistols

Mais uma vez, os pioneiros são os Pistols. A banda foi para os Estados Unidos em janeiro de 78 e encontra o país no auge da febre *disco*, apesar da aceitação do punk entre alguns poucos nova-iorquinos. O visto de permanência no país valia apenas dezesseis dias, o que força a banda a fazer uma minitumê em ritmo de maratona. Ela passa por Atlanta, Dallas, Tulsa e finalmente chega ao berço do psicodelismo, San Francisco.

The Clash na virada dos 80: Mick Jones, Joe Strummer, Topper Headon e Paul Simonon

Depois de ser preso pelo assassinato da namorada, Sid Vicious passa um tempo em [illegible] morrendo de overdose no banheiro de sua mãe aos 21 anos

No dia 14 de janeiro os Pistols fazem seu último show, para uma platéia de 5.500 pessoas. Quatro dias depois, no restaurante do hotel onde a banda estava hospedada, em San Francisco, Paul Cook e Steve Jones dizem a Rotten que querem acabar com a banda. Pior: McLaren pensava o mesmo.

O vocalista subiu até o quarto do empresário. Lá, ouviu McLaren confirmar a história e ainda expulsá-lo da banda, sob a acusação de ser o responsável pelo fracasso de vários projetos do grupo – entre eles a famosa visita ao assaltante Ronald Biggs no Rio de Janeiro, feita por Cook e Jones pouco tempo depois. Onde estava Sid Vicious enquanto sua banda chegava ao fim? Internado num hospital, recuperando-se de um porre homérico.

A primeira geração do punk britânico começava sua decadência. Na Inglaterra, grupos como The Police ou The Pretenders eram as apostas mais quentes do momento, os maiores nomes de uma nova música, a new wave. Enquanto isso, o grupo The Clash usa cada vez mais elementos de reggae, ska e até mesmo jazz em sua música – de quebra, o baterista Terry Chimes da lugar a Nicky "Topper" Headon, isso bastou para a banda ser chamada de "traidora" do punk, juntamente com Generation X e The Damned – grupos que caíram para o lado da new wave.

Já em Nova York, os Ramones celebravam o punk rock no lendário clube CBGB's, o berço dos Talking Heads e do Television. E lá também, Sid Vicious vivia seu calvário.

Depois do desmantelamento dos Pistols, o baixista ainda gravou algumas canções com Cook e Jones, como a absurda versão de "My Way" e "Belsen Was A Gas", incluídas no filme e disco *The Great Rock N'Roll Swindle*.

Vicious iniciou então uma carreira solo, acabada numa cela de cadeia. O baixista foi preso pelo assassinato de sua namorada americana, Nancy Spungen, em 11 de outubro de 78. O fato nunca ficou totalmente esclarecido: o corpo esfaqueado de Nancy foi achado num quarto de hotel em Nova York, com Sid completamente chapado de heroína ao seu lado.

O baixista foi preso imediatamente e só saiu da cadeia depois que a Virgin bancou uma fiança de 50 mil dólares. Em 2 de fevereiro de 79, menos de 24 horas depois de sua libertação, Vicious sofre uma overdose de heroína no banheiro da casa de sua mãe durante uma festa. Aos 21 anos, estava morto o homem-símbolo do punk rock.

Malcolm McLaren, Paul Cook e Steve Jones chegavam a Nova York poucas horas depois, ironicamente com a intenção de manter Vicious longe da heroína. "Não creio que Sid morreu por causa dos problemas com os Pistols. O que eu não entendo é como as pessoas que estavam com ele na festa o deixaram consumir heroína", disse McLaren ao *Melody Maker* dias depois da morte do baixista.

O engodo assumido *The Great Rock N Roll Swindle* só veio para colocar um ponto final no mito Sex Pistols. Tanto o disco quanto o filme são obras erráticas, que valem apenas pelo registro de algumas das imagens – sonoras e visuais – mais importantes da história do punk. Na seqüência em que Vicious canta "My Way" e estoura os miolos da platéia de velhinhos que o assiste está resumida a história dos Pistols – um coquetel molotov que arrasou a Inglaterra e mudou a história do rock.

A década americana

Corte brusco: pulamos para 82. The Clash virou sinônimo de megaestrelato, depois de tornar-se uma "banda de estádios" nos Estados Unidos (com direito a abrir para o The Who em sua turnê de 81) e lançar álbuns como os fundamentais *London Calling* (duplo, 79) e *Sandinista!* (triplo, 80). Agora era a hora da crise. Strummer sumiu do mapa por uns tempos e a banda ficou sem baterista de novo, até que Terry Chimes voltasse para o lugar que deixou em 78.

Enquanto a Inglaterra vivia o pós-punk em sua plenitude com The Cure, Joy Division e Echo And The Bunnymen, os americanos davam abrigo a John Lydon (ex-Johnny Rotten) e seu Public Image Limited, o PiL. Nos Estados Unidos, agora os polêmicos Dead Kennedys e o seu líder, Jello Biafra, são o centro das atenções.

O punk ainda pipoca pela Europa e pela ensandecida Califórnia, apesar de não penetrar na mídia com a mesma intensidade.

DO SUBÚRBIO ÀS PASSARELAS

Como a moda absorveu a estética "podreira" do punk

Se você nasceu ontem ou tem menos de 20 anos, talvez olhe uma foto do Green Day e pense: "esses caras são muito doidos!" Mas, mesmo tendo menos de 20, se você for uma pessoa bem informada, vai saber que não é de hoje que rapazes tingem os cabelos das mais variadas cores, usam roupas detonadas e quilos de pierces espalhados pelo corpo. O *revival* do punk não é apenas musical, ele também trás de volta a moda punk.

Era uma vez, na nebulosa Londres, um rapaz esperto que tinha uma loja de roupas chamada Let It Rock, ponto de encontro de modernos, músicos e desocupados. Seu nome: Malcolm McLaren. Depois de passar um período com os New York Dolls nos Estados Unidos, ele volta a Londres com novas idéias para sua loja.

Malcolm e sua sócia, a estilista Vivienne Westwood (que "vestia" os Sex Pistols nas apresentações ao vivo), enchem as prateleiras de roupas de couro e acessórios inspirados no sadomasô. A cor preta reinava absoluta, num retorno ao básico e ao minimalismo. Chega de

Os New York Dolls ajudaram McLaren a definir a estética do movimento

roqueiros glamourosos e da superprodução "cafona-laser" dos progressivos! Daí para o surgimento da união de McLaren e os Sex Pistols é outra história.

Não é difícil afirmar que a moda punk foi uma das coisas mais "inspiradas" e poderosas que já ocorreram. "O feio é o belo". Mais ou menos... Por trás do aparente desencanação agressiva, havia uma forte preocupação com o visual. Afinal o visual "externo" todo o pensamento punk. O Contingente de Bromley, por exemplo, era uma espécie de gangue que tinha como QG o apartamento de Siouxsie Sioux e era dedicado principalmente a difundir o visual punk: para as mulheres, o visual "mulher-gato", olhos supermaquiados, cabelos curtíssimos tingidos de preto ou de cores absurdas (or, Green Day!). Para os rapazes, cabelos igualmente tingidos, arrepiados em todos os estilos, roupas de segunda mão, colunas e muitos acessórios sadomasô – leia-se, correntes, alfinetes e símbolos.

O que seria de nós sem "ele"? Quantos "patronhas" deixaram de usar seus colunas com vestidinhos floridos? Quantos adolescentes ostentaram pierces no nariz? A influência do visual punk é tão grande que é impossível pensar em moda hoje em dia sem cita-lo. De Vivienne Westwood aos skatistas radicais, dos góticos ao *grunge*, não há quem não tenha um "pé" (ou seria um coturno?) no punk.

Assim como o movimento dos anos 70 era o oposto da discoteca, o novo punk é o mais puro "não" aos clubbers e à *dance music* dos anos 90. Soam Bee Gees e Johnny Rotten, entram os super DJs e Billie Joe. E novamente há a "guerra" da superprodução dos "montados" clubbers com os que se inspiram na "nova onda" punk.

A grande vantagem (ou desvantagem) é que hoje em dia os movimentos jovens não são engajados. O que antes refletia comportamento e contestação, agora é moda e só moda, com raras exceções. Não é difícil encontrar um "Mauricinho" com piercer ou um coturno na novela das oito. Bem ou mal, pode-se misturar calças de couro, piercer, correntes no pescoço, coturno e duas gotas de Chanel nº 5.

CLAUDIA GRECHI

Com a Guerra das Malvinas e a persistente indefinição econômica na Europa, as bandas do continente tornam-se cada vez mais rapidas – leia-se *hardcore* – e ferinas.

O panfletario disco *Punk's Not Dead*, dos escoceses do grupo The Exploited, ja declarava a intenção das novas bandas em seu proprio titulo. Não por acaso ele chegou ao primeiro posto da parada independente ao vender 200 mil copias.

A cena *hardcore* amplia os horizontes do punk: Italia, Holanda, Polônia, Brasil... A música ganha novas nuances e grupos como o americano Bad Brains assumem a ponta de lança. Na California, o punk estreita os laços com a tribo dos esportes radicais graças a bandas como T S O L. – uma das preferidas pelos skatistas.

The Clash da seu ultimo suspiro com o fraquissimo *Cut The Crap* (85), disco com apenas Joe Strummer e Paul Simonon, feito com a clara intenção de agradar o publico americano. A essa altura, Mick Jones ja estava envolvido com seu Big Audio Dinamite, o BAD.

Aos poucos, elementos musicais do punk rock são absorvidos por outros estilos como o *thrash metal*. Mais alguns anos se passam, chegam os tempos do *grunge*, Nirvana Seattle... Mas essa é outra historia - que, diga-se de passagem, não existiria sem o punk rock.

Os novos punks

A coisa toda pegou muitos de surpresa. Afinal, quem poderia prever uma volta tão intensa do punk rock em pleno 94? A nova fase começou sem chamar muita atenção, na região da baia de San Francisco.

Muita gente afirma que o movimento nunca morreu na California. De fato, ali sempre esteve o principal celeiro de bandas *hardcore* americanas – descontando-se o *boom* passageiro de Seattle. O problema é que o som original dividiu-se em incontaveis subestilos depois de ser contaminado pelo funk, heavy metal e mais uma batelada de generos.

A nova cena – mais retrô – é liderada por Offspring e Green Day. As bandas dividem as atenções graças a suas diferentes posturas. Para começar, o Offspring continua dentro do esquema independente. Principal nome do cast da gravadora Epitaph, a banda ja entrou para a historia como a recordista de vendas no mercado *indie*. Seus quatro albuns somam "apenas" cinco milhões de copias vendidas. Apenas nos Estados Unidos, *Smash*, o ultimo deles, ja vendeu três milhões.

Já o Green Day faz uso do grande mercado com destreza. A grande vitrine da banda foi Woodstock 94, onde deixou

A região da baia de San Francisco tornou o berço do *hardcore* americano, mas nenhuma banda causou tanto estrago quanto o Green Day

supergrupos como Aerosmith ou Metallica para tras. A gravadora da banda é a toda-poderosa Warner, que colhe os lucros das vendas de mais de seis milhões de copias de *Dookie*, terceiro album da banda e o primeiro pela multinacional. Ao cair no gosto do grande publico e da critica, o Green Day acabou acusado de "vendido" e outras coisas mais por seus ex-colegas de San Francisco, inclusive por Dexter Holland, vocalista e lider do Offspring.

É uma vergonha. O Green Day deixou o selo Lookout porque a banda achava que a gravadora prejudicava seu crescimento. Agora o seio vende milhões de copias dos dois primeiros discos da banda (*39/Smooth*, de 90, e *Kerplunk*, de 92)", ironiza Holland. Mas o palavrório do lider do Offspring não é capaz de jogar por terra o sucesso alcançado pelo trio formado por Billie Joe Armstrong (guitarra e vocal), Tré Cool (bateria) e Mike Dirnt (baixo e vocais), todos com 22 anos.

Os fatos são incontestaveis: o Green Day levou um Grammy, foi considerado o melhor grupo novo de 94 pela *Rolling Stone* e eleito como a revelação do ano passado pelos leitores da BIZZ.

Mas é obvio que qualquer punk se sentiria um pouco esquisito ao ser tão popular e – por que não dizer? – comercial. "Existem punks que sabem de onde viemos e ha pessoas cujos pais pagam para serem degenerados. Temos que lidar com esses caras que ficam dizendo: 'diga ao Green Day que eles podem ir se foder por terem trazido a MTV à nossa cena'. Eu nunca vi televisores nos clubes punk onde tocamos. Onde será que eles nos viram?", disse o baixista Dirnt à *Rolling Stone*.

Já o baterista Tré Cool representa a ala mais bem-humorada da banda – como pode ser conferido nos clips de "Basketcase" e "Longview" –, aquele espirito que dá ao Green Day o frescor que conquista novos fãs a cada dia. Ele explica de onde veio o estranho nome do grupo: "Você está sentado com uma boa seda e um isqueiro que funciona, mas você está duro e sem erva. Então você liga para todos os seus amigos e ninguém está em casa. Você se sente completamente imprestavel. Mas de repente, um amigo aparece com uma presença e diz, 'Ei cara, eu divido contigo'. Agora você está feliz. É isso que faz um Dia Verde (*Green Day*)".

Musicalmente falando, o Green Day caiu como doce para o paladar dos saudosistas, graças a seu sotaque nitidamente retrô. O engraçado é que os novos idolos do punk rock embarcaram por completo no velho dilema do estilo: crescer ou não crescer?

"Quando lia sobre a 'explosão do punk', eu achava tudo muito estupido. Agora eu estou no meio de tudo, e continua sendo muito estupido. De muitas maneiras estou muito feliz que Kurt Cobain não esteja aqui para ver essa 'coisa-punk-rock' acontecendo." A declaração de Billie Joe deixa clara a indefinição da banda quanto ao seu futuro.

Mas tudo bem, quem se lembra do passado sabe que o Green Day veio para ficar – assim como Offspring, Bad Religion, NOFX, Rancid, S*M*A*S*H e tantos outros. O mundo do rock sabia que tudo que precisavamos era de mais um choque desse tipo. As vezes, essa terapia funciona.

O que pensam os punks brasileiros?

Desde os seus primórdios, o punk brasileiro teve São Paulo como lar. É claro. Salvador e Brasília nos brindaram com grupos históricos – leia-se Camisa De Vênus e Aborto Elétrico. Recife, a terra de Chico Science e Jorge Cabeleira, é outra capital punk, com bandas como o ótimo Devotos Do Ódio.

O maior agitador do movimento no Brasil, Antonio Bivar, lembra o espirito comunitário do passado: "Na época do Começo Do Fim Do Mundo (*festival realizado por Bivar em 81, no Sesc Pompeia, em São Paulo*), o melhor era a união que existia entre todos." Aos 55 anos, o ex-agitador é hoje um dos colunistas mais renomados do jornal *O Estado De S. Paulo*. Distante do punk há alguns anos, Bivar não tem uma opinião formada sobre o *revival*: "não conheço o suficiente", diz.

Já três dos maiores nomes do punk paulistano continuam firmes e fortes. João Gordo e os Ratos de Porão estão lançando um disco de *covers*, *Feijoada Acidente*. Clemente e os Inocentes preparam um novo disco e não saem do palco. Para completar, o Olho Seco, liderado pelo nervoso Fábio, acaba de gravar um novo disco. Confira o que cada um deles acha da nova geração do punk americano.

"Eu não gosto nem do Green Day nem do Offspring. Eles pegaram o bonde andando. É só um lance de mercado", *João Gordo*

"Eu gosto, mas não cheira nem fede, sabe como é? O bom é que as novas bandas levam a moçada a descobrir o som original, as fontes", *Clemente*

Fotos: Rita Morais

"Para falar a verdade, eu não conheço. Estive um pouco distante da música e não ouvi nenhum disco dessas bandas novas". *Fábio*

Um guia do barulho

Uma discografia essencial do punk, fora os precursores, como os geniais grupos "hexos" dos anos 60 – The Troggs, The Sonics, The Seeds etc.

PROTO PUNK

● **THE VELVET UNDERGROUND AND NICO • The Velvet Underground And Nico Produced By Andy Warhol** (67, Verve) *Discoteca Básica*, BIZZ 07. "Pouca gente ouviu o primeiro album do VU, mas quase todos que o escutaram formaram uma banda". O disco que lançou os fundamentos da estética punk ● **MC5 • Kick Out The Jams** (69, Elektra) *Discoteca Básica*, BIZZ 78. A anarquia politizada do quinteto de Detroit foi vomitada aqui ao vivo, em ensurdecedores decibéis ● **THE STOOGES • The Stooges** (69, Elektra) *Discoteca Básica*, BIZZ 37. Iggy Stooge (futuro Pop) em bombas como "No Fun" e "I Wanna Be Your Dog" ● **THE NEW YORK DOLLS • Too Much, Too Soon** (74, Mercury) *Discoteca Básica*, BIZZ 36. Puro rock n roll em formato *glitter* ● **DR. FEELGOOD • Malpractice** (75, U.A.) *Discoteca Básica*, BIZZ 55. Segundo album do grupo inglês de *pub rock* (bandas de botecos) ● **PATTI SMITH • Horses** (75, Arista) *Discoteca Básica*, BIZZ 28. A poetisa do *underground* nova-iorquino aderia ao punk ● **THE MODERN LOVERS • The Modern Lovers** (76, Beserkley) *Discoteca Básica* BIZZ 99. Gravado em 71, mas lançado cinco anos depois. Jonathan Richman & Cia. antecipavam a new wave

EXPLOSÃO DA ANARQUIA

● **SEX PISTOLS • Never Mind The Bollocks, Here's The Sex Pistols** (77, Virgin) *Discoteca Básica*, BIZZ 12. Três acordes em canções com menos de três minutos na cartilha do punk ☽ **THE RAMONES • Rocket To Russia** (77, Sire/Warner) *Discoteca Básica*, BIZZ 77. Joey Ramone e seu "one... two... three... four... gaul!" ● **RICHARD HELL AND THE VOIDOIDS • Blank Generation** (77, Sire) *Discoteca Básica* desta edição. Profeta punk, Hell lançava seu "evangelho" ● **TELEVISION • Marquee Moon** (77, Elektra) *Discoteca Básica*, BIZZ 22. Tom Verlaine e Richard Lloyd nas guitarras saem do punk simples para vôos nauditos ☽ **TALKING HEADS • '77** (Sire/Warner) *Discoteca Básica*, BIZZ 47. "Punk cabeça" grandes idéias ● **THE RUNAWAYS • Queens Of Noise** (77, Mercury) Banda feminina de Joan Jett, produção de Kim Fowley ● **THE DAMNED • Damned, Damned, Damned** (77, Stiff) Pioneiro do punk inglês ● **THE BUZZCOCKS • Another Music In A Different Kitchen** (77, U.A.) Primeiro album da banda de Manchester ● **THE STRANGLERS • Black And White** (78) *Discoteca Básica*, BIZZ 100. Tons psicodélicos – e até progressivos! – no punk ● **SIOUXSIE AND THE BANSHEES • The Scream** (78, Polydor) Estréia de Siouxsie (voz) e do "futuro Pistols" Sid Vicious (baixo) ● **GENERATION X • Generation X** (78, Chrysalis) Grupo que lançou Billy Idol ☽ **THE CLASH • London Calling** (79, Columbia) *Discoteca Básica*, BIZZ 50. O grupo ampliava os horizontes musicais, sem abandonar a revolta ● **GANG OF FOUR • Entertainment!** (79, EMI) *Discoteca Básica*, BIZZ 44. A banda de Leeds forjava um som único (ver *Classicos* desta edição)

● **DEAD KENNEDYS • Fresh Fruit From Rotting Vegetables** (80, I.R.S.) Pedrada inicial do grupo de Jello Biafra ● **X • Los Angeles** (80, Slash) Punk na voz de Exene Cervenka ● **THE JAM • Sound Affects** (80, Polydor) Quinto album do trio punk/*mod* ● **BLACK FLAG • Damaged** (81, SST) Henry Rollins, com muita raiva e *hardcore* ● **THE EXPLOITED • Punk's Not Dead** (81, Secret) Porradas animais com os urros de Wattie ● **FLIPPER • Generic Album** (82, Subterranean) Curioso grupo de San Francisco, com dois baixistas ● **THE MISFITS • The Misfits Walk Among Us** (82, Ruby) Banda de New Jersey. Destaque a faixa "Mommy, Can I Go Out And Kill Tonight?" ● **THE BIRTHDAY PARTY • Junkyard** (82, 4AD) Nick Cave vertia sua ira em faixas como "Big-Jesus-Trash-Can" ● **G.B.H. • City Baby Attacked By Rats** (82, Clay By Clay) *Hardcore* inglês ● **THE MINUTEMEN • What Makes A Man Start Fires?** (83, SST) Dezoito faixas – dezessete com menos de um minuto ● **HUSKER DU • Zen Arcade** (84, SST) Pauleira melodiosa do trio de Minneapolis ● **THE POGUES • Run, Sodomy And The Lash** (85, Stiff/MCA) Folk britânico com a adrenalina punk ● **BIG BLACK • Atomizer** (86, Homestead) Um classico do punk de Chicago

PUNK ROCK ANOS 90

☽ **GREEN DAY • Dookie** (94, Reprise/Warner) O trio em hits como "Basketcase" e "Longview" ● **OFFSPRING • Smash** (94, Epitaph) *Hardcore* com toques de metal ● **S*M*A*S*H • Self Abused** (94, Hi Rise) *Darling* da nova onda, com tipo geração 76/77 ● **THESE ANIMAL MEN • (Come On, Join) The High Society** (94, Hi Rise) Caras, bocas e visual dos Sex Pistols. *Celso Pucci*

● Disponível apenas em CD importado ☽ Disponível também em CD nacional

A Yoko Ono de Seattle

Assim como a ex de John Lennon – rotulada como a mulher que envenenou o ambiente dos Beatles –, COURTNEY LOVE é objeto de ódio dos fãs do Nirvana. A birra procede, porque Love deu várias mostras de seu temperamento descontrolado pelo uso excessivo de drogas, reflexo de uma adolescência marcada por prisões e esquisitices da mãe. Sérgio Martins desvenda a teia da viúva negra de Seattle

Pergunte a qualquer fã ardoroso do Nirvana a opinião dele sobre Courtney Love e certamente choverá desaforos. A maioria a vê como uma piranha de terceira categoria, que se casou com Kurt Cobain por interesse, apresentou-o à heroína, vício que destruiu Cobain física e mentalmente – e, três meses após a morte do marido, foi clicada em amassos *calientes* ao lado de Evan Dando (o mala dos Lemonheads).

Courtney sabe de sua má-fama e nunca levantou um dedinho para dissipá-la. Pelo contrário, faz questão de alimentá-la cada vez mais. A cantora chocou a imprensa americana quando, grávida de Frances Bean, admitiu à revista *Vanity Fair* aplicar regularmente seus picos de heroína. A entrevista foi repudiada pelo casal logo depois. Este ano está previsto o lançamento de *Bongwater*, livro que retrata o cenário grunge. Um dos personagens é a roqueira chamada Courtney que tenta de todas as maneiras ficar famosa enquanto incendeia casas e decepa bonecas. A história tem a assinatura do escritor Michael Hornburg, por coincidência ex-namorado de Love.

Os brasileiros viram o "furacão Love" em 93, quando ela visitou o país com Kurt Cobain – o Nirvana foi um dos *headliners* do Hollywood Rock. A cantora beijou suas amigas do L7 na boca, distribuiu dólares entre as prostitutas do centro de São Paulo e protagonizou duas brigas célebres.

Uma delas foi durante a entrevista de Cobain para a MTV brasileira. O cantor do Nirvana, bastante irritado, silenciou a mulher com um "Shut up, Yoko!" (ou "Cala a boca, Yoko!"), comparando Love com a japa que detonou os Beatles. Outro *round* foi ganho por Love: ela atirou as roupas de Cobain pela janela de um quarto de hotel no Rio de Janeiro.

Porém existe uma outra Courtney Love. É aquela que passou a infância numa casa infestada de hippies, teve diferentes pais – o "oficial", Hank Harrison, era biógrafo do Grateful Dead – e pensou encontrar o amor ao lado de Kurt Cobain. "Kurt foi a única felicidade que eu jamais tive", confessou ela à revista *Spin*. Love tentou de todas as maneiras tirar o marido do vício. Chegou a internálo na Marina Del Rey, uma clínica para recupera-

ção de drogados, situada nos arredores de Los Angeles. Cobain fugiu do local – dias depois seria encontrado morto, com um tiro na cabeça – e a cantora contrataria um detetive, Tom Grant, para localizá-lo. Hoje em dia Grant tenta se promover às custas de uma história esfarrapada de que Cobain teria sido assassinado.

A Courtney Love que poucas pessoas conhecem passou sua adolescência em Liverpool, onde morou num *squat* e era fã do Echo & The Bunnymen – quando estava de férias na escola, chegava a viajar para onde a banda estivesse. Antes de conhecer Kurt Cobain, tentou a carreira cinematográfica. Fez uma ponta em *Sid & Nancy* (curiosamente, foi chamada de "Nancy" depois que casou com o cantor do Nirvana) e foi a personagem principal de *Direto Para O Inferno*, ambos dirigidos por Alex Cox. De volta para os Estados Unidos, casou e descasou com um travesti em Las Vegas – resultado de uma noite de porre – e tinha como *hobby* roubar roupas em grandes magazines. Formou uma banda com Kat Bjelland (guitarra das Babes In Toyland) e Jennifer Finch (baixo, L7). Chamado de Sugar Babydoll, o grupo seria o embrião das Babes In Toyland.

O Hole surgiu quando Love encontrou o guitarrista Eric Erlandson em Los Angeles. Numa entrevista à revista inglesa *The Face*, a cantora revelou que o nome do grupo foi tirado de um trecho da peça grega *Medeia*. "Há uma fala em que Medéia comenta o furo que existe dentro da alma dela. Isso é o Hole, o abismo que existe dentro da gente."

"Cala a boca, Yoko!", grita Kurt Cobain durante uma entrevista à MTV brasileira. As encheções de Courtney Love chegaram ao limite máximo nos shows do Nirvana no Hollywood Rock

Um ano depois da tragédia com Kurt Cobain e oito meses após a morte de Kristen Pfaff, baixista do Hole (depois de uma overdose de heroína), o grupo obteve boas vendagens do disco *Live Through This* (lançado dias após a morte de Cobain) e encabeça a lista dos melhores do ano passado de várias publicações. Mas a luta de Courtney Love para se fazer respeitar, agora convertida ao budismo, ainda continua.

A cantora trabalhou na trilha de *Tank Girl*, filme baseado na história em quadrinhos de proporções futurísticas. O filme tem Lory Petty – a namoradinha de Keanu Reeves em *Caçadores De Emoções* – no papel título e está sendo aguardado como uma das grandes atrações do verão americano. O Hole também foi convidado para ser um dos *headliners* do Lollapalooza, o festival independente organizado por Perry Farrell. Love, ainda chateada com a desistência de Neil Young – ele preferiu ir para Seattle trabalhar com o Pearl Jam –, não sabe se aceita a oferta. "Seria legal para nós, mas não sei se vale a pena tocar entre Cypress Hill e Snoop Doggy Dogg", reclama.

O passo mais recente da cantora foi a gravação de um *Unplugged* da MTV em fevereiro passado. Courtney chegou acompanhada de Frances Bean – desmentindo os boatos de que teria perdido a guarda da filha – e cantou para uma platéia em que se destacavam as atrizes Drew Barrymore – atual namorada de Eric Erlandson – e Patricia Arquette, Thurston Moore e Kim Gordon do Sonic Youth, além de Wendy O'Connor, mãe de Kurt Cobain. O Hole tocou duas músicas inéditas – uma delas, "Drunk In Rio", foi escrita durante uma bebedeira no Brasil – e surpreendeu com a *cover* de "Hungry Like A Wolf", do Duran Duran. Ao final da apresentação, Love, numa tentativa de imitar Kurt Cobain, fingiu destruir a guitarra.

O dia seguinte foi agitado para a cantora. Foi entrevistada pela MTV – o bate-papo foi conduzido por Jackie Berry, ex-babá de Frances Bean e ex-*tour manager* do Hole, alçado à condição de VJ – e – vejam só – pode ganhar uma bela matéria de capa da *Vanity Fair*. Curiosamente, a revista que a acusou de drogada, azedando sua relação com Kurt Cobain.

Durante a entrevista, Love fez confissões no mínimo curiosas. Entre elas a de que está lutando para eliminar a indisfarçável barriguinha que aparece nos clips do Hole. "Eu não faço ginástica. Mas parei de comer queijo, risquei os *donuts* de minha alimentação e tenho perdido peso desde então", disse. "Eu sofro pela minha arte". Love, temerosa de seu passado sexual de alta rotatividade, ainda revelou ter feito um teste de Aids. "Tempos atrás, eu estava a ponto de morrer. Então, decidi fazer o teste. Estou bem, deu negativo."

Um novo disco do Hole está previsto para sair ainda este ano, talvez em julho. Love ainda não sabe onde serão as gravações. Está dividida entre Seattle, Nova Orleans e Irlanda. "Não tenho tido fases muito inspiradas. Tive um lampejo de criatividade em Nova Orleans, mas não rendeu o suficiente."

Os fãs do Nirvana ainda reclamam de Courtney Love. A mídia corre atrás. Mas Love parece não se importar muito. A cantora hoje tem as luzes da fama voltadas para si. Apesar de odiada, hoje ela é uma *superstar*. ■

Courtney Love: depois de uma infância difícil, a transformação em *superstar* com a morte do marido

SLASH E SEU NINHO DE COBRAS

O guitarrista dos Guns N'Roses deixa de lado a estafante vida de rodostar para se dedicar ao Snakepit, banda formada por ratos de estúdio, tocando em clubes noturnos e sentindo novamente o gostinho do anonimato

por Luís A. Pereira

Los Angeles é notória por concentrar esquisitices de todo o gênero no mundo do rock'n'roll Algumas das mais estranhas referem-se a Slash, dono de mais de duzentas cobras e viciado por fliperama (aliás, ele lançou recentemente sua própria máquina, que funciona ao som de "Welcome To The Jungle").

O exótico guitarrista decidiu dar um tempo e desencanar um pouco dos Guns N'Roses para se dedicar ao Slash's Snakepit, seu projeto solo, lançando o disco It's Five O'Clock Somewhere, *que tem como destaque suas guitarras pesadas envenenadas com blues.*

E foi de Los Angeles que Slash falou com exclusividade sobre o resultado dessa experiência, esclareceu os atritos que teve com Axl Rose e comentou seu relacionamento com a rainha do cinema pornô Savannah – que se suicidou em julho do ano passado.

Quais são as diferenças entre o Slash's Snakepit e os Guns N'Roses?

No meu ponto de vista, o Slash's Snakepit é um grupo de caras que se consideram *backlines* (*músicos de apoio*) e fizeram a maior parte do trabalho. Isso foi muito divertido. Já os Guns N'Roses são uma coisa muito maior, mais estressante. Depois de uma turnê de dois anos e meio em estádios é bom estar com músicos numa banda com estrutura mais próxima da realidade, pronta para fazer shows em *clubs*. Enfim, com os pés no chão.

Isso quer dizer que vocês não farão megashows?

Estamos pensando numa estrutura de shows em clubes noturnos. Acho que tem mais a ver. Começaremos a tocar no início de abril em lugares de Los Angeles e locais próximos. Nós iremos tocar no Brasil, só que ainda não há datas e locais definidos

Como foi a participação do baterista Matt Sorum e do guitarrista Gilby Clarke *(despedido dos Guns pelo vocalista Axl Rose)* no disco?

Foi ótimo. Foi aí que tudo começou! Estava escrevendo as músicas em casa e Matt chegou e ouviu o que eu já havia composto. Construí um estúdio em minha casa e, com o Matt, fizemos os arranjos juntos. Aí Gilby entrou na história. Ele colocou novas guitarras sobre as minhas bases, além de trazer algumas composições que havia feito. Então nós dois começamos a escrever coisas juntos.

E como foi tocar com o Mike Inez (baixista do Alice In Chains) e Eric Dover (vocalista da extinta banda Jellyfish)?

Alguém me sugeriu chamar o Mike Inez. Eu só tinha encontrado o cara duas vezes antes. Acho que ele é um ótimo músico, então terminamos o disco sem cantor. Ouvimos uns quarenta caras, sem conseguir achar um que realmente fosse adequado. Um amigo me falou que conhecia um cara que era exatamente o que eu estava procurando. Ele me mostrou uma demo do Eric. Nós todos gostamos. Demos a ele uma canção e dissemos: "Canta!" Ele fez a letra da música em uma noite. Aí surgiu "Beggars And Hangers On". Pensei: "É esse o espírito!" Fizemos as letras das músicas e ficamos amigos. Incrível como tudo foi tão rápido!

O nome de seu projeto solo é Slash's Snakepit. Ele refere-se ao seu próprio serpentário (*nome dado ao local onde se criam cobras*)?

Nós construímos um estúdio numa casa. É pequeno, com uma mesa de 24 canais. O técnico começou a chamar o lugar de Snakepit porque fica ao lado do meu serpentário. Aí precisávamos de um nome para a banda e ele sugeriu: "Por que não Snakepit? Não é cool?"

Como você descobriu que era fascinado por cobras?

Desde garoto gosto de dinossauros, lagartos, sapos, animais em geral. Mas acho que as cobras são os meus animais favoritos. Em meu serpentário tenho cerca de duzentas e muitas delas são terrivelmente venenosas

E quanto aos boatos sobre o fim dos Guns N'Roses?

Não saí da banda. Os Guns ainda são minha propriedade. Gravei com o Slash's Snakepit porque ainda não estávamos prontos para sair com um novo disco dos Guns. E eu não consigo ficar parado

Como foi seu relacionamento com Savannah (*atriz pornô que se suicidou em agosto de 94*)?

Nós tivemos momentos agradáveis, nos divertimos bastante. Saimos durante alguns meses juntos. Foram grandes ocasiões. O suicídio dela foi bem difícil de engolir. Foi quase surreal. Gilby Clarke me ligou e contou o que havia acontecido. Simplesmente não conseguia visualizar. Até hoje é difícil acreditar como tudo aconteceu

Slash (à esquerda) mata as saudades de tocar em botecos ao lado do Snakepit

Você ficou completamente satisfeito com o resultado final das gravações?

Bom, como eu te falei, foi tudo muito rápido, quase todos os solos foram gravados em uma ou duas sessões. Nem tudo está perfeito, mas soa bem. Estou bastante satisfeito. É um disco de rock'n'roll divertido e bem legal. Tão bom quanto foi ter a chance de fazê-lo.

Você tem alguma faixa predileta?

Você sabe, há dias diferentes, assim como músicas diferentes. Tudo depende do meu estado de espírito, do que está rolando no momento. Algumas faixas de *It's Five O'Clock Somewhere* conseguem soar perfeitas para mim em momentos determinados. Acho injusto citar uma delas como a minha predileta de um modo específico.

Você compra as cobras, caça ou ganha de presente?

Muita gente sabe que eu mantenho o serpentário. Às vezes chega alguém com uma pedindo para que eu tome conta, ou pessoas vendendo. Diferentes situações. Já cheguei a ganhar algumas de amigos, e também de alguns fãs.

É verdade que Axl Rose não gostou das músicas do seu projeto solo?

Não é que não gostou das músicas. Não curtiu o tipo de som que eu estava fazendo. Isso no começo do Slash's Snakepit. Mas é esse o jeito que gosto de compor. Foi daí que surgiu "Welcome To The Jungle". Axl estava um pouco confuso, não sabia que direção tomar. Decidi manter as canções com outra banda para continuar o que estava fazendo.

Algumas letras no disco falam sobre suicídio. Por acaso alguma delas foi dedicada à Savannah?

Nenhuma das faixas do disco é dedicada à ela, especificamente. Umas letras lidam com suicídio. Obviamente ela estava no meu pensamento. Quanto a mim, conheço várias pessoas que já passaram por isso.

A cena noturna que rola em Los Angeles é incrivelmente diversa. Além dos lugares *hard rock*, você já chegou a arriscar em freqüentar algum *club* de *dance music*?

Strippers (*risos*)! Os *clubs* em LA são muito engraçados. Na noite passada eu estive num *club* de salsa lotado e rolava um show de uma banda de doze garotas tocando salsa! ■

DURAN DURAN canta

SLY & THE FAMILY STONE
GRAND MASTER FLASH & MELE
THE TEMPTATIONS
ELVIS COSTELLO
PUBLIC ENEMY
DURAN DURAN
LED ZEPPELIN
THE DOORS
BOB
LOU
IGG

O QUE ERA UM SONHO DA E
TORNOU-SE REALIDADE PA E.

THANK YOU
O NOVO ÁLBUM

EMI

O ROCK NACIONAL NÃO MORREU

COMO OS SELOS INDEPENDENTES E A VELHA GERAÇÃO DO ROCK MANTÊM ACESA A CHAMA DA RENOVAÇÃO

Analisando rapidamente o nível de exposição do rock na mídia, aparentemente o rock brasileiro vai mal, exceto pelo sucesso dos Raimundos. No entanto, em termos de agitação, o cenário nacional vive uma situação semelhante ao começo dos anos 80, quando o Brasil passava pela maior febre roqueira vista na sua curta história pop. Não que existam bandas de rock estourando a torto e a direito. Pelo contrário. Ao mesmo tempo que as FMs preferem rechear a sua programação com *dance music* e contaminar a atmosfera com uma nuvem de bate-estacas para academias de ginástica, uma excelente safra de boas bandas, figuras bem sucedidas do rock dos 80 e novos selos independentes estão se mexendo e parecem fazer um trabalho coeso que vai muito além da frivolidade do entra-e-sai das modinhas do *dial*.

Com a proposta de fortalecer o mercado e reestruturar o *showbiz*, a história parece estar sendo muito bem escrita. De um lado, a molecada começa a despertar de um pesadelo cujo enredo era a falta de criatividade e o xerox do som dos gringos e passa a sonhar com uma música própria entupida de personalidade. Do outro, estão o que se pode chamar de "roqueiros das antigas" como os Titãs e Dado Villa-Lobos, da Legião Urbana. Eles estão cheios de gás e dirigem os selos independentes que, ao mesmo tempo sustentam uma filosofia que visa principalmente o lado artístico, tem contratos de fabricação e distribuição de CDs com grandes gravadoras, o que garante a grandiosidade do negócio.

A fórmula, baseada na troca das superproduções pela criatividade, é a chave do negócio e faz com que artistas como os Titãs já falem da parte empresarial do selo com ares de quem é familiar ao assunto e começa a colher os resultados positivos do trabalho. Os Raimundos, a primeira cria do selo Banguela, virou fenômeno de vendas no país com uma estrutura independente. "O segredo é trabalhar com um orçamento baixo, sem deixar cair a qualidade. Não tem aqueles luxos todos, a gente usa estratégias e esquemas diferentes. Criatividade para compensar a falta de grana", diz Branco Mello.

As contas na ponta do lápis, segundo os planos dos selos, é a melhor arma para garantir a longevidade dos projetos e da própria gravadora. Segurar as despesas e fazer discos baratos é a maneira que eles encontraram para deixar fluir a proposta artística do projeto: não ter compromisso com a alta vendagem dos discos, lançar sons mais alternativos e garantir que as bandas não morram no disco de estréia. "Mantemos o mercado vivo e isso é bom para todo mundo", conta Tony Belotto.

O papel que os novos selos brasileiros vêm exercendo no mercado pop, principalmente junto às grandes gravadoras, é um esquema usado há vários anos no mercado internacional. Enquanto as *majors* lançam o som do momento, os independentes fazem o trabalho de formiga e lançam novas tendências. Mais tarde, a grande gravadora usa esse tubo de ensaio para despontar com mais uma fórmula de sucesso.

O ENVOLVIMENTO DE VELHOS NOMES NOS SELOS É LEGAL PELA EXPERIÊNCIA QUE ELES PASSAM AOS NOVATOS

Sem nenhuma conotação maniqueísta de "o selo é bonzinho e a gravadora é má" essa é uma proposta moderna que vem dando certo internacionalmente há anos. "Normalmente, mesmo que sem querer, as *majors* queimam o artista novo com aquele esquemão. Se é gasto muito dinheiro na produção, a grana tem de ser recuperada. O grupo não vende o esperado e a gravadora manda o cara embora. Conclusão: o artista não tem acesso ao segundo disco, às vezes onde o cara atinge a sua maturidade. A banda precisa de segurança para ter tranqüilidade. Se os Titãs tivessem nascido hoje, talvez não alcançassem o sucesso que conseguiram. Os selos são fundamentais para a vida das novas bandas", sentencia Charles. Embora com um largo potencial, o sistema entre *majors* e independentes está só no começo e ainda tem problemas graves.

O guitarrista da Legião Urbana, Dado Villa-Lobos, foi vítima de um trato mal feito com a EMI-Odeon. Empolgado com o esquema de união com as gravadoras, Dado, através do seu

Marcos Prado

Dado, da Legião: sonhando com a entrada da Virgin no Brasil

Rock it!, lançou bons discos em 94, como os das bandas Gangrena Gasosa e Sex Beatles, mas teve pouco retorno por problemas na fase de fabricação e distribuição dos CDs. No momento, o selo está temporariamente parado esperando a assinatura de um contrato de parceria com uma nova gravadora. "A Virgin vai entrar no Brasil e eu estou só esperando uma definição. Já tenho projetos em andamento, mas preciso ter calma para não lançar meus discos como no ano passado com a EMI-Odeon", conta. "Por circunstâncias de mercado eles não fabricaram nem distribuíram meus discos direito e assim toda a produção feita anteriormente foi em vão. Os caras não fizeram a parte deles no trato e meus trabalhos foram praticamente desperdiçados", lembra com mágoa.

Os problemas com a multinacional, no entanto, não foram o suficiente para tirar o ânimo do guitarrista que vê um bom panorama para 95 e continua dedicando seu tempo ao selo.

Os Titãs, ainda mais empolgados que Dado, chegam a realizar reuniões de até sete horas para resolver quem são os novos contratados e as estratégias do selo. Desde 94, quando o Banguela foi criado, Branco, Brito, Charles & Cia. já contrataram mais de quarenta artistas entre trabalhos solo e coletâneas.

Até o final do ano, o Banguela deve lançar no mínimo mais dez álbuns, entre eles o segundo disco dos Raimundos.

A trajetória dos sete Titãs para o outro lado da mesa, há cerca de um ano, foi simples e de certa forma a BIZZ teve a ver com isso. "Durante as gravações do *Titanomaquia*, o Miranda, que era repórter da BIZZ, estava fazendo uma reportagem com a gente, tinha um material violento nas mãos que despertou o nosso interesse. Ouvimos as fitas demo no estúdio e ele sugeriu a idéia de montar um selo com os Titãs", lembra Branco.

O envolvimento de artistas tarimbados nesse tipo de projeto, além do prestígio que eles exercem junto a *major*, é de valor inestimável principalmente pela experiência que eles podem passar para os aspirantes a ídolos. "Através da tarimba, os Titãs sabem quem está a fim de trabalhar duro junto à gravadora. Eles são fundamentais também no aspecto de orientação em termos burocráticos, cláusulas de contrato e etc. Eles sabem as necessidades reais de uma banda porque passam pela mesma situação", diz Miranda.

O processo de escolha dos artistas que acabam integrando o elenco dos selos independentes é uma mistura de um trabalho de garimpo que inclui uma extensa carga horária em shows e bares fervilhantes em cada buraco do Brasil e a audição de horas e horas de fitas demo. "Infelizmente muita gente canta em inglês e pessoalmente prefiro bandas que cantam em português. Mas o mais importante é ter originalidade. Para escolher é só ter um pouquinho de bom senso", revela Dado. "A nossa posição é lançar gente que tenha talento e que queira atuar duro junto à gravadora. Não adianta o cara pensar que o selo vai fazer tudo, porque se fosse assim era armação", avisa Branco. "O lance de estudar o que vende na rádio e qual é o som do momento é papel da *major* e isso ela faz com perfeição. O nosso negócio é ir contra isso", completa Paulo Miklos.

Segredos de seleção de lado, ao promover um movimento que une a velha com a nova geração, num esquema profissional, os novos selos independentes estão semeando um mercado roqueiro menos vulnerável no Brasil. Com um cenário forte, casos como o fim da onda de rock no apagar das luzes dos anos 80 proporcionando um esvaziamento de uma cena nacional inteira não voltarão a acontecer. No futuro essa geração de adolescentes do final do século vai olhar para trás e saber que por causa do trabalho de caras como os Titãs (Banguela), Dado Villa-Lobos (Rock It!), Pena Schmidt (Tinitus), Cacá Prates (Radical), Jeroen Zonk (Roadrunner), o rock nacional jamais morreu. Mesmo que você não goste do trabalho desses caras no passado, o que importa é o que eles estão fazendo no presente e as consequências que esse trabalho vai ter no futuro.

Robert Halfoun

OS HERÓIS DA RESISTÊNCIA

Os caras e os selos que estão dando gás à nova geração

- Titãs (Banguela/Warner)
- Dado Villa-Lobos (Rock it!/Virgin)
- Pena (Tinitus/PolyGram)
- Cacá Prates (Radical/EMI-Odeon)
- Jeron Zonk (Roadrunner/BMG-Ariola)
- Elza Cohen (Superdemo/Sony)

Annie Lennox

MEDUSA

Annie Lennox

BMG

BMG ARIOLA DISCOS LTDA

CD K7 LP

Annie Lennox canta sucesso[illegible], Bob Marley, The Clash, Neil Young e outras [illegible] em Medusa. Novo álbum pela BMG Ariola.

LANÇAMENTOS

Blues Brothers

JOHN LEE HOOKER

Point Blank

Chill Out

BUDDY GUY

Silvertone/BMG Ariola

Slippin' In

John Lee Hooker não é um mero *bluesman*. Ele é um dos pioneiros da eletrificação do gênero no pós-guerra, um dos alicerces fundamentais da construção musical que mais tarde se chamaria rock'n'roll.

Vê-lo continuar gravando e estabelecendo colaborações/parcerias com pupilos e admiradores tem significado especial: um dos poucos patriarcas do blues ainda vivos, JLH não é uma peça de museu nem um capítulo a ser estudado à distância e apenas por seu valor histórico. Pelo contrário, ele prossegue compondo e gravando com a mesma vitalidade de sempre, só que, agora, seu blues é mais rico, tão profundo quanto os sulcos e as fendas que marcam a mão do músico.

O blues de Hooker pode, por vezes, não ter mais de um acorde por música. Mas a ressonância da sua voz, amplificada por oitenta anos de som, dor, gozo e sabedoria, serve para lembrar a estatura de um gigante do gênero.

Chill Out é o segundo álbum gravado por JLH com convidados especiais. Alguns repetem a dose de *The Healer* (93): como Carlos Santana, a quem coube a faixa-título, sofisticada mistura de blues e *latinidad*. Outros trabalham com ele pela primeira vez – como o organista Booker T. Jones, no *pot-pourri* "Serves Me Right To Suffer/ Syndicator", também com Van Morrison (que regravou "Gloria" com o mestre no álbum anterior). Mas é JLH que protagoniza os momentos mais sublimes de *Chill Out*, geralmente as faixas em que são somente dele a voz e a guitarra ou o violão. *José Emilio Rondeau*

Não é pouca coisa para um guitarrista de blues. Entre os fãs de Buddy Guy, incluem-se ninguém menos que Jimi Hendrix (que declarou que baseou seu estilo no do músico de Chicago) e Eric Clapton (que considera Guy a "última lenda viva do blues").

Buddy, na verdade, pertence a uma geração posterior àquela que revelou mestres como John Lee Hooker *(veja ao lado)*, Muddy Waters (com quem Guy começou a tocar) e tantos outros. Mas a classe inconfundível com a qual empunha sua guitarra é suficiente para colocá-lo nesta galeria de gênios do blues.

Lembro-me de quando o entrevistei em Ribeirão Preto, interior de São Paulo, durante o primeiro Blues Festival, em 87. A fala mansa, o jeito simples e o bom humor contagiante que ele transmitia não se coadunavam com a imagem de "ás da guitarra" que Buddy tinha. Isso em um meio em que inúmeros *rockstars* metidos a besta – os quais não chegam aos pés de Guy em técnica ou *feeling* – que fazem a maior frescura para falar com jornalistas.

Por isso, esse *Slippin' In* impressiona pelo despojamento. Sucessor dos poderosos *Damn Right, I've Got The Blues* (91) e *Feels Like Rain* (93) – ambos premiados com o Grammy – o disco tem o apoio de músicos do quilate de Johnnie Johnson (pianista de Chuck Berry), Tommy Shannon e Chris Layton (baixo e bateria da banda de Stevie Ray Vaughan), mais a produção de Eddie Kramer (que trabalhava com Hendrix). Assim, Buddy construiu mais um monumento ao blues moderno. *Celso Pucci*

Ilustração: Kipper

DOMO ARIGATÖ

PIZZICATO 5

Matador/Warner

Made In U.S.A.

VÁRIOS

Triad

Tribute To Burt Bacharach

O Pizzicato 5 existe há mais de dez anos, mas até o lançamento de *Made In USA*, em 94, seu sucesso era restrito apenas ao Japão. Agora, virou sucesso internacional e verdadeiro *cult* entre os descolados em vários países, inclusive no Brasil. Independentemente das qualidades que classifiquem o disco como "moderno", trata-se de um álbum excelente, mas que deixa uma impressão ambígua: de tão preocupado em ser "atual" nas referências, chega a ser *kitsch*.

Formado por K-taro Takanami, Yasuharu Konishi e Maki Nomiya, o grupo mistura som, visual e estilo dos anos 60 à *dance music* dos 90. Vide "Sweet Soul Revue", com ritmo sampleado de "Dance To The Music" (Sly And The Family Stone) e arranjo *à la* Motown. "Magic Carpet Ride" – que não é a do Steppenwolf – junta o mais puro *philly sound* e escalas harmônicas indianas. "Twiggy/Twiggy Vs. James Bond" é o hit que passa na MTV e dispensa comentários. "Baby Love Child" não tem o mesmo peso da versão do single "5X5" – com contribuição de The Pharcyde, embora continue dançante e se permita rimar "yes, you do" e "aishite masu" (mal traduzindo, eu gosto muito). A maioria das faixas é cantada em japonês, mas o encarte vem com as letras – todas bem banais, diga-se – e acompanha tradução em inglês. Dá até para cantar junto com o trio!

A moda dos tributos também chegou ao Japão, mas de forma diferente. Este para Burt Bacharach traz releituras por vezes bizarras de antigos sucessos do compositor, e a própria presença do homenageado em duas das nove faixas, sem qualquer pretensão de seriedade. Apenas grupos japoneses assinam as versões, alguns conhecidos como o Pizzicato 5 e o Kyoto Jazz Massive. Outros nem tanto, como Soul Bossa Trio (que chama a atenção pelo brazuca Francis Silva cantando, em péssimo inglês). Mas nem tudo é deboche. O Pizzicato 5 traz "Me Japanese Boy", mais dançante nessa remoxagem do mago DJ Krush do que no single "5 X 5", e "Bond Street" ficou ótima na versão do grupo Les 5-4-3-2-1. Entre altos e baixos, um tributo, no mínimo, curioso. *Edgard Reymann*

HELENA MEIRELLES

Eldorado

Helena Meirelles

O primeiro disco da violeira mato-grossense Helena Meirelles é um marco na história da música instrumental brasileira.

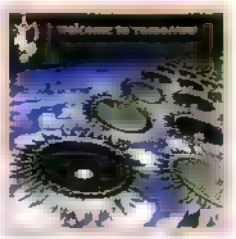
Depois de passar anos e anos perambulando pelas quebradas, prostíbulos e botecos de seu Estado, Helena foi descoberta apenas aos 67 anos (hoje está com 71). Pouco tempo depois, foi consagrada por toda a mídia brasileira e chegou às páginas da conceituadíssima revista americana *Guitar Player* – pela qual foi eleita a revelação de 93. Mais detalhes sobre a incrível biografia de Helena são contados no encarte do disco, num texto de Mario de Araujo.

Mas vamos à música. O que se ouve nas treze faixas do seu disco homônimo – ele ainda traz cinco "causos" contados por Helena, uma mestra na matéria, apesar de seu analfabetismo – é música regional da mais alta qualidade, que alterna números instrumentais impecáveis ("Guaxo" e a clássica "Chalana" são os destaques) e quatro canções em que Helena nos brinda com sua voz gutural e já enfraquecida pela idade, como "Me Pega Por Favor".

O talento da violeira salta aos olhos quando seus solos harmônicos vão aparecendo em primeiro plano, sobre os temas instrumentais típicos do Mato Grosso.

Em certos momentos do disco é inevitável lembrar do parentesco entre a música pantaneira e os lamentos característicos dos *bluemen* do sul dos Estados Unidos, sobretudo no que se refere ao timbre da viola de dez cordas tocada por Helena e às afinações especiais que são utilizadas em ambos os estilos.

Mas não se iluda: muita coisa separa o *bourbon* deles da nossa pinga. *Hélio Gomes*



SNAP!

Arista/BMG-Ariola

Welcome To Tomorrow

Eles deram umas voltas nos clubes antenados da Alemanha, se equiparam com instrumentos mais modernos, expulsaram o figurão Turbo B, convidaram as ex-*backing* vocals de Madonna, Donna De Lory e Niki Haris, e fizeram um disco "branquelo", de *trance* e *ambient music*. Se a intenção era mostrar mudanças ou "modernidade", nada aqui lembra os hits que fizeram a fama deles. *Lourival C.S. Junior*

Nau! Oba! Epa! Ops! Argh! CD Vinil Cassete N Nacional I Importado

DREAM THEATER

Eastwest/Warner

Awake

Mezzo thrash, mezzo virtuose. Este grupo – que vende muito bem nos Estados Unidos – mescla um ronco de guitarras típico do Metallica e de seus seguidores, com um órgão anos 70. É *fusion*, sim, mas é legal. "6:00", "Caught In A Web", "The Mirror", "Lie" e a instrumental "Erotomania" são provas de que a receita do grupo não gora. Boa opção para quem enjoou de tanto *thrash* padronizado. Um senão: com mais de setenta minutos, o disco parece muito longo e as faixas, às vezes, cansam. Mas se você gosta de Iron Maiden e Rush, vale a pena dar uma sapeada, na boa. *João Ricardo Lima*

CROSBY, STILLS AND NASH

Atlantic/Warner

After The Storm

Triste ironia. Enquanto o velho e bom Neil Young ainda solta as feras, influenciando a nova geração de maneira decisiva, seus ex-colegas de banda parecem estar em um "mato sem cachorro", em termos de criatividade.

Este álbum do trio não convence aos antigos fãs e muito menos irá angariar novos. São doze canções, onde só em uma ("Till It Shines") Crosby se salva, enquanto Nash passeia por suas indefectíveis baladinhas ("Unequal Love", a faixa-título) e – pior – Stills emula Phil Collins ("Only Waiting For You") e os Dire Straits ("It Won't Go Away"). Com o passado deles, não deviam cair nesta fossa, tampada com a versão de "In My Life", dos Beatles. *Celso Pucci*

peso "meio-leve"

Zero Vision: peso com um bom instrumental, mas com pouco poder criativo

ZERO VISION

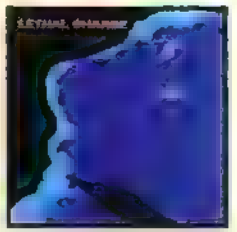
Roadrunner

Acrid Taste

LETHAL CHARGE

Roadrunner

Lethal Charge



Nos dias que correm, estar numa gravadora semi-independente ou pertencer à malta dos chamados alternativos, nem sempre significa ter "atitude" acima de qualquer suspeita. Tome-se como exemplos os grupos Zero Vision e Letal Charge, que têm seus primeiros discos lançados pela Roadrunner.

O Zero Vision – Alex (vocais/guitarra), Marcus (guitarra), Kapeta (baixo) e Sandro (bateria) – vem de São Paulo. Nas treze faixas do CD *Acrid Taste* o grupo tenta exibir sintonia com as últimas tendências do metal, promovendo *crossovers* que vão do peso *à la* Pantera ("Glass Screen") até porradas que beiram o *hardcore* ("Life Ends"). Não falta a influência setentista – daí a *cover* de "Disturbing The Priest" (uma das piores faixas do álbum *Born Again*, do Black Sabbath, que aqui não ficou muito melhor). Moral da história: mesmo com um bom trabalho instrumental, o Zero Vision acaba soando um tanto *fake* e forçado.

Com o Lethal Charge não é muito diferente. O trio de Campinas – Michel (vocais/guitarra), Junior (baixo) e Leus (bateria) – também quer investir na pancadaria, mas o CD de estréia deles exibe problemas. A mixagem está frouxa (parece que a gravadora pegou uma fita demo deles e mandou prensar), o baixo soa irregular (com exceção das faixas "Forgotten Wish To Live" e "Hold The Line") e o desempenho da banda em geral deixa a desejar. De resto, fica a sugestão: porque esses caras não perdem a mania de cantar em um inglês macarrônico e tentam escrever canções em português, como os Raimundos? *Humberto Finatti*

Rock'n'roll "Jurássico"

DINOSAUR JR.

Sire/Warner

Without A Sound

É um disco bom, como J Mascis não fazia desde 88. Não chega a apresentar um novo *Freak Scene*, o grande clássico do Dinosaur Jr. Mas tem o talento que Mascis parecia ter perdido ao assinar com a Sire/Warner, há dois álbuns. A ironia é a falta de *timing*. Durante quase dez anos, era OK para ele ser o gêmeo punk de Neil Young – idêntico na voz murmurante e anasalada, como nas explosões de microfonias com sotaque country. Só que, graças a Kurt Cobain, que cansou de dizer como Mascis era gênio, o estilo "new Young" virou o som "alternativo" de todo mundo.

J Mascis: dando a volta por cima no novo disco

Com a saturação, as *big mags* americanas (*Spin* e *Rolling Stone*) vomitaram no disco. Malvados. A delicadeza acústica de "Outta Hand", o coro infeccioso de "Grab It" e a testosterona de "Even You" estão entre as melhores composições que Mascis já fez. O disco tem até a participação luxuosa de Thalia Zedeck, do grupo Come. Mas o *timing* que o coroou guru do grunge acaba de colocá-lo para fora do clubinho da moda. *Marcel Plasse*

VAN HALEN

Warner

Balance

Ao se deparar com o novo visual careta de Eddie Van Halen e a suposta postura mais adulta deles, não se iluda: a mudança estética pouco tem a ver com esse novo *shape*.

O velho e bom Van Halen continua o mesmo. As músicas mantêm basicamente a mesma receita bem temperada de rock pesado inventada pela banda e hoje copiada aos montes. Sammy Hagar ainda grita desvairadamente e Eddie Van Halen pode ser tranquilamente considerado um dos maiores guitarristas do planeta.

A fórmula idêntica dos últimos trabalhos da banda, misturando pecados barulhentos (principalmente pelos urros agudos de Hagar) com os hits mais adocicados e as já tradicionais baladas ultramelodiosas, não envelheceu e se torna ainda mais interessante por fazer da banda exatamente o que se espera dela.

As surpresas ficam por conta dos detalhes nos *riffs* de guitarra, na gravação perfeita e nos arranjos extremamente bem bolados e bem realizados.

O VH outra vez põe a experiência a serviço do rock e mostra como fazer música com estilo e personalidade. *Robert Halfoun*

JACKYL

Geffen/BMG-Ariola

Push Come To Shove

Este grupo americano faz hard rock pesado mesmo, sem farofa. Som grave e vocais roucos, mas não "galináceos". Há ótimas referências, o *riff* de "My Life" – que faz uma elegia ao estilo de vida roqueiro – lembra o ZZ Top. A faixa-título é AC/DC. "Headed For Destruction" é hard rock setentista, até com *voice box*, assim como "Chinatown", que lembra o Aerosmith.

No encarte, o Jackyl se gaba de ter chegado ao seu segundo álbum sem tocar baladas, mas no country "Secret Of The Bottle" o grupo prova que essa premissa é furada: a canção tem guitarras melódicas *à la* "Sweet Child O'Mine". Não seria surpresa se o Jackyl escalasse as paradas americanas. *João Ricardo Lima*

WILLIE NELSON

SBK/EMI-Odeon

Healing Hands Of Time

O veteranissimo astro country já tentou esta fórmula antes: gravar *standards* da canção americana com arranjos "de luxo" (leia-se violinos, trompetes e coisas do gênero). Aqui, ele chamou Jimmy Bowen (ex-produtor de Frank Sinatra) e juntos trabalharam em músicas conhecidas como "All The Things You Are", "I'll Be Seeing You", além de clássicos do próprio Nelson, como "Crazy" e "Funny How Time Slips Away". Com todo respeito ao velho Willie, este disco não acrescenta nada à sua carreira. Ele devia fazer como o "fora da lei" Johnny Cash, que se modernizou ao gravar sob a tutela de Rick Rubin. *Paulo Cavalcanti*

Novo Rock Brazuca: Entre Acertos e Erros

LOW DREAM

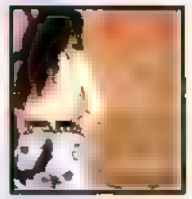
Rock It!

Between My Dreams And The Real Things

LYNX

Dynamo

Lynx



YELLOWFANTE

Cogumelo

Greatest Hits 2

Yellowfante: estréia com punk, canções infantis, baladas e ruídos

Nos últimos tempos, Brasília tem se revelado celeiro de uma nova safra musical. Já havia cumprido esse papel nos anos 80 com Paralamas, Legião Urbana e Capital Inicial, entre outros. Agora é a vez de Raimundos, Câmbio Negro e Low Dream. Este último é um caso à parte: eles insistem em cantar em inglês e parecem compor sob a influência da fina chuva londrina. Seguindo à risca a linha do My Bloody Valentine, o trio cria um clima apropriado ao cinzento céu britânico. O CD traz aquela massa de guitarras, vozes abafadas e dúzias de viradas de bateria. Se é datado? Sim, mas nem por isso menos competente.

Já o Lynx chama a atenção pela qualidade musical: um vocalista afiado, um guitarrista virtuose, baterista e baixista que seguram a onda. O problema são as canções, que seguem o que há de mais óbvio na linha heavy/hard rock. Das nove faixas, quatro são em inglês. Nelas, se você deixar as letras de lado, é possível perceber o potencial do vocalista Jota C. As outras, em português, não conseguem disfarçar a penúria poética da banda.

O Yellowfante é um trio que vem de Belo Horizonte apadrinhado pelo Pato Fu. Como este, ele se caracteriza pela anarquia sonora ilimitada em suas... canções (?). O que há de mais legal na banda é a falta de compromisso com seriedade e com as normas do sucesso e do "bom" rock. Entre punk, canções infantis, baladas e ruídos, eles se sobressaem num universo no qual todos ainda insistem em parecer com alguma coisa de fora. *Jeferson De Sousa*

MASKAVO ROOTS

Banguela/Warner

Maskavo Roots

Uma breve história do Maskavo Roots: seus integrantes vieram de bandas *hardcore* brasilienses – que tinham nomes singelos como Anticorpos Corrosivos e Don't Feed The Animals, ou seja, não dê comida aos animais – e descobriram uma insuspeita afinidade com o reggae de tanto tocar Bob Marley durante os ensaios. Descobertos por Carlos Eduardo Miranda, o "Rick Rubin dos trópicos" e diretor do selo Banguela, os caras estão chegando ao seu primeiro disco produzidos pelo próprio Miranda e Nando Reis (sim, o cara dos Titãs).

Maskavo Roots, o disco, não pode ser considerado apenas um trabalho de reggae. Seria injustiça com os próprios caras, pois o ritmo jamaicano é apenas parte de uma mistura que inclui boas doses de ska (bebidos na fonte de grupos punk como The Clash), Violent Femmes e Pixies. O resultado é, desde já, um dos melhores discos de 95. O Maskavo constrói melodias tipicamente pop – "Tempestade", por exemplo – ao lado de letras extremamente desencanadas, como o ska "Blond Problem" e a engraçada "Don Genaro" e "Besta Mole".

Quanto aos reggaes... Finalmente estão gravando como se deve. Timbres de baixo e bateria corretos, teclados delicadamente econômicos (caso raro no Brasil, onde todo tecladista é acometido pela "síndrome de Rick Wakeman") e letras sem cabecismos rastafari. Dessa leva destacam-se "Chá Preto", "Gravidade" e "45", esta última com o baixão Factory estourando nos ouvidos.

O disco do Maskavo ainda traz "Yo No Quero Trabajar", tirada de uma demo do grupo, gravada em 94. *Sérgio Martins*

Shows, filmes, emoção, Corinthians x São Paulo, esportes, pessoas, moda, música, comentários, entrevistas, reportagens, divertimento, Beavis & Butt-Head, Flintstones, desenhos, sensações, risos, documentários, ar, cabo, parabólica, lágrimas, senados, programas, sangue, atualidade, interação, variedades, Larry King, David Letterman, NBA, notícias, interligação, contemporâneo, antiinsônia, 24 horas, todo dia, toda noite, futebol, americanos, Europa, mundo, universo, here and now, clássicos, Hollywood, recreação, felicidade, prazer, paixão, você, pai, mãe, filhos, mulher, família, realidade, sonhos, fantasia, polícia, mocinhos, bandidos, a vida como ela é, a vida como você queria que fosse, preço bom, vale a pena, vida nova... **Isso é TVA.**

Ligue já. SP: 829-8000 - Rio de Janeiro: 542-6000 - Curitiba: 338-1313
Brasília: 225-6303 - Belem: 249-4477 - Goiânia: 212-5033

24 HORAS DE HORÁRIO NOBRE.

LANÇAMENTOS

Trio de Tributos Transados

VÁRIOS

Imaginary/Paradoxx [N]

Outlaw Blues — A Tribute To Bob Dylan

VÁRIOS

Imaginary/Paradoxx [N]

Stoned Again — A Rolling Stones Tribute

VÁRIOS

Imaginary/Paradoxx [N]

If Six Was Nine — A Tribute To Jimi Hendrix

O selo Paradoxx lança por aqui estes CDs originais de 90 da gravadora inglesa Imaginary. A maioria das bandas presentes são obscuras, irregulares, mas algumas têm bons momentos.

Destes três, o melhor é o que reverencia Bob Dylan, apesar de contar com apenas dez faixas. Destaques: as duas versões com o pessoal do Sonic Youth: Thurston Moore e Kim Gordon em "Sitting On A Barbed Wire Fence" e Lee Ranaldo com "Mama, You've Been On My Mind", além do grupo The Cuckoos em "This Whell's On Fire" (que só copia a versão dos Byrds, de 68).

Gravado em plena febre das *guitar bands*, *Stoned Again* vem com nomes celebres do gênero como Inspiral Carpets (com "Gimme Shelter") e Shop Assistants (numa "Respectable" bem punk). Mas a melhor faixa é a psicodélica "200 Lights Years From Home", com Dr Phibes. Pelo sim, pelo não, vale a pena.

Jimi Hendrix combina com *dance music*? O Obequious Cheesecake fez essa mistura inusitada em "If Six Was Nine". The Shamen transformou "Purple Haze" em tecnopop. "Spanish Castle Magic" (The Trenched Head) e "Foxy Lady" (Giant Sand) são para se dançar encharcado de ecstasy. Chuck Prophet (ex-Green On Red) toca "The Wind Cries Mary", uma das mais belas baladas de Hendrix. Em "Third Stone From The Sun", David Dreams se aproximou da versão original, num verdadeiro apocalipse sonoro. *Paulo Cavalcanti*

M PEOPLE

Epic [N]

Bizarre Fruit

O *new british soul* tem revelado nomes bem interessantes e se mostrado uma boa alternativa para quem acha que a música negra americana anda "quadrada" demais com o "new jack swing". Em oposição ao estilo Boys II Men e ao balanço eletrônico do TLC, os ingleses apresentam "divas" de vozes impecáveis, como Carleen Anderson e Shara Nelson. Entre os bons grupos, um dos que mais se destacaram nos últimos tempos foi o M People – pelo menos no sentido comercial.

Depois dos hits "One Night In Heaven" e "Movin' On Up", incluídos no segundo álbum *Elegant Slumming*, ficou-se na expectativa de um terceiro muito bom. O trio Mike Pickering (que escreve quase todas as músicas), Paul Heard e Heather Small mantém o nível em *Bizarre Fruit* e se firma como o melhor grupo do atual soul inglês.

As letras "espertas" continuam, a banda *dance* e a linda voz de Heather Small seguram o álbum em harmonia do começo ao fim. O único problema é que não há uma faixa que se sobressaia a ponto de virar "união fraterna" em pista de dança, criando uma falsa expectativa de que uma próxima "One Night In Heaven" viria. Destaque para a inspirada "Walk Away" (que lembra Annie Lennox), um protesto com um de clima "amanhã será um novo dia", além das dançantes "Sight For Sore Eyes" e "Search For The Hero", que falam de amor e esperança sem serem babacas. *Claudia Grecht*

BIG AUDIO

Columbo [N]

Higher Power

O Big Audio Dynamite – grupo do ex-The Clash, Mick Jones –, com o nome reduzido para Big Audio, vem com este álbum que ainda segue o conceito de mesclar funk, reggae, hip hop e *samples*. Destaques: as colagens sonoras de "Got To Wake Up", "Looking For A Song" e "Over The Rise". *Marcelo Wysocki*

JON ANDERSON

EMI-Odeon [N]

Change We Must

Ele já navegou em várias barcas – algumas bastante furadas – em busca daquele suporte adequado para a sua voz original, aérea e melódica. Do rock progressivo ao pop de resultados nas sucessivas formações do Yes, até aos climas eletrônicos de Vangelis. Só faltava mesmo embrulhar as suas composições em arranjos orquestrais eruditos. Neste álbum – seu trabalho mais ambicioso –, o vocalista interpreta doze canções (metade inéditas), com letras que pregam a conscientização planetária, com o acompanhamento da London Chamber Academy, do coral Opio Singers, da pianista Gwendolyn Mok e do tecladista Matt Clifford (Rolling Stones). E para a surpresa geral das nações, essa barca de Jon não afunda, apesar do peso. *Jean Yves De Neufville*

BLACKSTREET

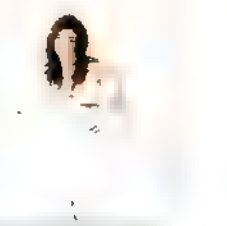
Interscope/Warner [N]

Blackstreet

Neste quarteto, a grande estrela é Teddy Riley, o produtor, mas em seu disco de estréia o grupo negro mostra um trabalho vocal muito bom. *Blackstreet*, o álbum, é cheio de rhythm'n'blues, *charm* e vai fazer sucesso nos bailes funks paulistanos e cariocas.

Ouça o balanço de faixas como "Baby Be Mine", "I Like The Way You Work", "Make U Wet" e "U Blow My Mind"

São vinte musicas, daquelas de se curtir do começo ao fim. *Lourival C.S. Junior*



GLORIA ESTEFAN

Epic [N]

Hold Me, Thrill Me, Kiss Me

A exemplo de Luther Vandross, Gloria Estefan, cubana radicada nos Estados Unidos, também decidiu fazer um álbum com musicas que marcaram sua vida. Saiu um trabalho de qualidade, onde a cantora dá vida própria a clássicos que, até então, eram considerados absolutamente intocáveis.

A seleção traz obras-primas do pop anglo-americano dos anos 60/70 como "It's Too Late" (Carole King/Tony Stern), "Breaking Up Is Hard To Do" (Neil Sedaka/Howard Greenfield, numa versão bem cool) e faixas dançantes, como "Turn The Beat Around" (gravação original de Vicky Sue Robison) e "Everlasting Love" (sucesso de Carl Carlton).

Mas Estefan arrebenta mesmo em suas versões para "You've Made Me So Very Happy", um dos grandes hits do Blood, Sweat And Tears, "Traces", do Classics IV e "How Can I Be Sure" dos Rascals.

Nos três casos, os arranjos feitos para as canções seguem fielmente os originais e a bela Gloria dá conta do recado com muito charme, classe e pique. *Tominho Spessoto*

UM PUNHADO DE PANCADAS

VIPER

Roadrunner [N]

Coma Rage

Yves & Pic Passarell, Renato Graccia e Felipe Machado

Menos melodia, menos dedilhados, menos nhenhenhém e muito mais pancada. É o terceiro disco da nova fase do Viper. O antigo produtor – Charlie Baurfiend, especialista em metal melódico – foi trocado por Bill Metoyer, que fez o primeiro álbum do Slayer e trabalhou com o Fates Warning. E se o disco *Evolution* tinha uma baladinha acústica e duas semibaladas, *Coma Rage* apresenta apenas uma – e, mesmo assim, lá no final.

A fiel *cover* de "I Fought The Law" (canção de Sonny Curtis, celebrizada pelo grupo The Clash) é um sintoma de mudança. Até os solos de guitarra, de um modo geral, estão mais esporrentos. E, quanto mais curtas e cruas, melhores estão as músicas. Como "God Machine" e "Day Before"

As letras são coerentes com o som e despejam a furiosa visão do Viper sobre temas como a Aids, o amor, a violência e a sobrevivência. *João Ricardo Lima*

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

Entretenimento

SET: Cinema e Vídeo
BIZZ: Rock, Pop e Comportamento
CONTIGO: TV, Gente e Atualidades
INTERVIEW: Entrevistas e Reportagens
AÇÃO GAMES: O Mundo dos Videogames

Esportivas

FLUIR: Surf
GRID: Automobilismo e Velocidade

Femininas

UAU: Idolos da Juventude
CARÍCIA: Comportamento Adolescente
BOA FORMA: Beleza, Fitness e Saúde
HORÓSCOPO: Horóscopo e Previsões

Interesse Geral

OS CAMINHOS DA TERRA: Viagem, Natureza e Ecologia
SAÚDE É VITAL: Prevenção e Saúde

Arquitetura e Decoração

A&D: Arte e Design

Guias e Anuários

VIAGEM E TURISMO
HORÓSCOPO ANUAL
GUIA DE VÍDEO

NOSSOS ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 5777 - CEP 05479-900 Tel: (011) 816-7866 Fax: (011) 813-9116 - São Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Câmara 160 - 15º andar - salas 1534/35 - Centro - Rio de Janeiro CEP 20020-080 - Tel: (021) 532-0313 Fax: (021) 532-1486 - Cx. 4816

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. - SDS Ed. Venâncio, III - sala 202 - CEP 70300 - Brasília DF Tel: (061) 321-0305 - Fax: (061) 226-3644
Campinas: CZ Press - Com. e Representações Ltda. - Rua Antônio Cesarino, 967 - CEP 13015-291 - Campinas/SP - Tel./Fax: (0192) 32-7975
Fortaleza: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - sala 103 - CEP 60050-000 Fortaleza/CE - Tel.: (085) 254-1666 Fax: (085) 252-2131
Minas Gerais: M A M Publicidade e Repres. Ltda. - Av. Contorno, 6000 - sala 1101 - Ed. Wall Street - CEP 30110-907 - Belo Horizonte/MG Tel. e Fax: (031) 291-6470
Paraná: M. C. - Representações Comerciais - R. Cândido de Abreu, 526 - cj. 604 - Bloco B - CEP 80530-905 - Curitiba/PR - Tel.: (041) 253-4048 Fax: (041) 252-2844
Rio de Janeiro: Segmento Editora S.C. Ltda. - Av. Marechal Câmara 150 - 9º andar - sala 929 - CEP 20020-080 - Telefax: (021) 220-3762
Rio Grande do Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre/RS Tel.: (051) 223-9528 - Fax: (051) 217-1005
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 9 - Cond. Village II - Florianópolis/SC Tel./Fax: (048) 232-0519

fora da lei

D * NOTE

Dorado

Criminal Justice

VÁRIOS

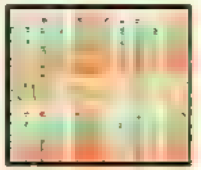
Sobras Of Paradise

Retribution — Repetitive Beats

Sirenes como as que anunciavam os ataques aéreos nazistas na Segunda Guerra Mundial, estão de volta a Inglaterra. E alertam contra a presença de um inimigo próximo: o próprio governo e a hediondal lei, a Criminal Justice Bill, tão devastadora como os ataques de Hitler. Com ela, a polícia pode interromper as *raves*, confiscar equipamentos e dispersar os "elementos". O publico de baixo poder aquisitivo, musicos e produtores de techno, *house*, *dub* e *garage*, já se uniram em ruidosos manifestos.

D*Note: o duo Charles Lexton e Matt Wienevski

As tais sirenes estão nos dois EPs *Retribution – Repetitive Beats*, que têm bandas como Primal Scream e o On-U Sound. Bobby Gillespie, líder do Primal, prega o engajamento na guerra, com "Know Your Rights". O On-U Sound questiona a lei em "Mind & Movement". Parte do dinheiro da venda dos discos será usada na reposição dos equipamentos confiscados pela polícia. Essa atitude contagiou grupos de *acid jazz*. O D*Note, de Charles Lexton e Matt Wienevski, saiu com um virulento grito de guerra no seu segundo álbum, *Criminal Justice*. Mesclando jazz, soul, *jungle* e letras politizadas, criaram o estilo já chamado *jungle jazz*. EDGARD REITMANN



THROWING MUSES

4AD

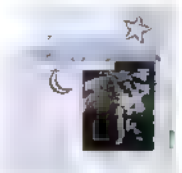
University

BELLY

4AD

King

O trabalho das irmãs Kristin Hersh e Tanya Downelly (Throwing Muses) abriu espaço para a *grunge* Courtney Love e aos trinados melancólicos de Dolores O'Riordan.



Downelly saiu em 91 e, após passar pelas Breeders – outro grupo liderado por mulheres – formou o Belly. Kristin segurou as Throwing Muses e lançou *University*. "Não tenho nada a oferecer além de confusão", canta Hersh em "Bright Yellow Gun", que abre o disco. Há faixas puxadas para o folk, letras sobre sexo e canções que são como vinhetas – "Ca m Down, Come Down".

Tanya teve a missão de superar *Star*, estréia do Belly – que vendeu 800 mil discos e colocou o grupo na votação alternativa do ano ao lado do U2 (?). Por uma diferença irrisória, ela se dá melhor que Hersh. O Belly soa mais pesado, graças ao veterano Glyn Johns (Van Halen, Led Zeppelin), que gravou a banda como se tocasse ao vivo, em melodias ganchudas como "Now They'll Sleep" e "Red". SÉRGIO MARTINS

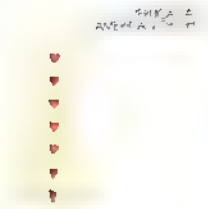
WAYNE KRAMER

Epitaph

The Hard Stuff

Numa epoca em que o *bubblegum* minúsculo do Green Day é saudado como revolucionário, perigoso e coisa e tal, nada melhor do que reencontrar o guitarrista Wayne Kramer – seguramente um dos pais da anarco-matéria chamada punk rock, junto ao desativado MC5 (ver *Clássicos* desta edição). Wayne despacha *riffs* de pura bile em *The Hard Stuff*.

"Ninguém mais toca guitarra desse jeito, o cara está tentando destruir o lugar", atesta um chocado Henry Rollins nas *liner notes*. Faz sentido, ao se ouvir Kramer estuprar a Fender Stratocaster em faixas de títulos tão elucidativos como "Edge Of The Switchblade" e "Junkie Romance". ARTHUR G. COUTO DUARTE



VERUCA SALT

Mint Fresh

American Thighs

É difícil não comparar o Veruca Salt com bandas como Throwing Muses e The Breeders. Ah, só porque tem duas mulheres nos vocais e nas guitarras", você dirá. E é por isso mesmo. Elas também dividem as composições, cada uma no seu estilo. O Veruca Salt – nome de uma personagem do filme *A Fantástica Fábrica De Chocolate* – tem momentos pesados, como "Get Back", "All Hail Me", "Spiderman '79" e "Victrola" (que lembra o Lush, outra banda liderada por mulheres), em que se destacam as guitarras básicas e bem distorcidas. Líricas, mas igualmente distorcidas, são as baladas "Fly", "Twinstar" "Sleeping Where I Want" e a belíssima "25". JEFERSON DE SOUSA

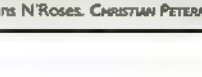
TRILHAS SONORAS

VÁRIOS

Columbia

Prêt-A-Porter

A trilha do filme de Robert Altman captou o espírito dos desfiles de moda e de quem faz esse circo pegar fogo. Há grandes sacadas: os estilosos Brand New Heavies ("Close To You"), com ingredientes da melhor *soul music*, além de "Here Comes The Hotstepper" (Ini Kamoze). A *dance music* aparece com M People, Cece Peniston e acredite... U2! É mesmo: "Lemon" passou pelas mãos do *cult* DJ Paul Oakenfold e mudou radicalmente. O clima intimista está em "Pretty" (The Cranberries) e nos pigmeus cantantes do Deep Forrest. LUIS A. PECORA



VÁRIOS

Geffen/BMG-Ariola

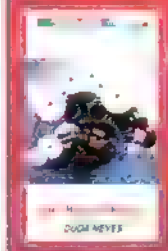
Interview With The Vampire

Elliot Goldenthal já teve dias melhores em seus anos independentes – a trilha eletrônica de *Drugstore Cowboy* (89). Agora, em grandes produções, ele foi indicado ao Oscar por esta trilha. Não traz controvérsias: é medíocre, não justifica a indicação. O único tema de certo valor (litúrgico) é "Libera Me" (The American Boychoir). De resto, alguns sons intempestivos afastam o marasmo. Tragédia mesmo, porém, é suportar oito minutos de "Sympathy For The Devil", dos Rolling Stones, assassinada a gritos pelos Guns N'Roses. CHRISTIAN PETERMANN

Vídeo-Aulas
M.P.O. VÍDEO
LANÇAMENTOS

FAISKA
SUPER LICK

FLÁVIO GUIMARÃES
ALÔ BLUES, ROCK
E COUNTRY



DUDA NEVES
UMA HORA DE

SLIDE GUITAR
OTÁVIO ROCHA

O CONTRABAIXO
COMPLETO
JORGE PESCARA

PROGRAMAÇÃO
DE
SINTETIZADORES
FÁBIO RIBEIRO

SHACKLE POINT
JOE MOGHRABI

MAIS

M.P.O. VÍDEO
FONE: (011) 263-1522
FAX: (011) 62-7608

RÁPIDO & RASTEIRO

Se existem grupos como M People e Massive Attack que fazem *dance music* da melhor qualidade, há também muitos produtores e DJs que dia após dia ganham espaço (e muito dinheiro) com um som bate-estaca sem a menor criatividade. Mas isso até que serve para alguma coisa. Situação clássica: você dá uma festa e lá pelas cinco da manhã há um grupo animado que não arreda o pé da sua casa. Solução: *dance music* de décima no último volume. É infalível, o melhor método para esvaziar a pista. Comece com **There Is A Party** (ToCo/PolyGram), do cantor, produtor, dançarino e – principalmente – chato suíço, Rene Baumann, vulgo **DJ BOBO**. As mixagens são chatas, a batida é chata e a voz é chata, também 👍 Os New Kids On The Block voltaram? Não, é o **EAST 17** Mas se fossem os New Kids, não faria diferença. **Steam** (London/PolyGram), mostra baba-*dance* e algumas baladas pentelhas 👎 Menos pior é a coletânea **Positiva – Phase One** (Positiva/EMI-Odeon), onde algumas coisas se salvam como **BARBARA TUCKER** ("Beautiful People") mas outras lembram os piores momentos das pistas ("I Like To Move It", do **REEL 2 REEL**.) 👎 Se alguns lesados não se tocam que é hora de puxar o carro, ataque de **2 BROTHERS ON THE 4th FLOOR** com **Dreams** (ToCo/PolyGram). Parece piada músicas com títulos como "Feel So Good", "Dance With Me" ou "Smile" 👎 Os cariocas do **Copacana Beat** soam como mel para os ouvidos. E bota mel nisso, afinal é puro *charm*, a baba com batida *dance* e vocais de *axé music* do disco homônimo (Columbia), produzido por DJ Marlboro e Michael Sullivan. Letras que falam de dor de cotovelo e arranjos bregas dão o tom. Destaque para a hilária versão para "The Closer I Get You", que virou "Você É Meu Amor" 👎

Ainda na linha *dance/charm*, **Ponto Crucial** *(na foto abaixo)* é um grupo formado pelo *rapper* Rinea, DJ Gigio e a cantora Janaina. Sua estréia com um disco homônimo (Epic) mistura *charm*, rap, *dance* e baladas. Janaina, de 16 anos, é quase tão boa quanto Paula Lima, do Unidade Bop, mas as comparações param por aí. A mistura soa um tanto crua, embora o convite à dança em "Corpo" funcione 👍 Da Bahia vem o **Nadegueto**, em um CD que leva o nome do grupo, que mistura reggae e axé em doses quase certas. Um pouco engajado demais, parece que baiano tem sempre que falar de raça, igualdade e pelourinho...O disco tem duas pérolas: "Pelô's On My Mind" e a ótima versão para "They Long To Be (Close To You)", de Burt Bacharach 👍 **Hidden Melody** (Tarkus) é o disco de estréia do grupo capixaba **THE RAIN**, que cantam em inglês e, aliás, cantam mal. Não adianta abrir uma música com o som de um berimbau para depois jogar uma guitarra pesada, achando que isso é o máximo do moderno. Nem todo mundo nasceu para ser Mundo Livre 👎 Se a sua praia é um som mais pesado, não se anime muito. O heavy-brega do **QUEENSRYCHE** inaugura com seu disco homônimo (EMI-Odeon) o primeiro encarte interativo, a foto de um careca com um prego enterrado na cabeça mostra exatamente como o ouvinte vai se sentir depois de ouvir o disco inteiro. Serve, no máximo, como trilha para um *Highlander 4* 👎 Um pouco melhor é **Low** (Atlantic/Warner) do **TESTAMENT**. O grupo do guitarrista Eric Peterson faz um som honesto e pesado mas as letras do cantor Chuck Billy são de matar, falando de revolta contra o sistema, violência, poder e dizendo que a CIA promove guerras civis no Terceiro Mundo. Tem gente que passa dos vinte e não se toca. Tudo bem... afinal, do jeito que o vocalista berra, ninguém vai entender nada mesmo.

CLÁUDIA GRECHI 👍

GRAVADORAS INDEPENDENTES ■ **Cogumelo** – Av. Augusto de Lima, 399. Belo Horizonte (MG). Fone/Fax: (031) 241-1230 ■ **Dynamo** – Cx. Postal 6229. São Paulo (SP). Fax: (55-11) 881-9990 ■ **Tarkus** – Cond. Village Ed. Vegas, 507. Vitória (ES). Fone: (027) 225-9438

CAMISETAS ESPECIAIS

Stomp Footwear

LANÇAMENTOS EXCLUSIVOS!

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR

FONE: (011) 299-7478

CURTA (TE): R$ 22,00
LONGA (LTE): R$ 26,00

REF	TAM	MOD	REF	TAM	MOD

32-127

NOME

END

CEP CID EST

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

A DESPESA POSTAL SERÁ PAGA PELO CLIENTE

bolsa de discos

Média	Disco	Abonico Ricardo (Gazeta do Povo, PR)	Celso Pucci (Bizz)	Daniel Benevides (MTV)	Jimi Joe (Rádio Felusp, RS)	José Norberto Flesh (Folha da Tarde, SP)	Lauro Lisboa (Jornal da Tarde, SP)	Magoo (FM Brasil 2000, SP)	Pedro Só (O Dia, RJ)	Ricardo Franca Cruz (Trip)	Robert Halfoun (Bizz)
7,11	DIGABLE PLANETS • Blowout Comb (Pendulum/Emi-Odeon)	6	7	7	7	•	7	8	6	7	9
6,90	THE STONE ROSES • Second Coming (Geffen/BMG-Ariola)	9	3	7	10	7	6	9	4	5	9
6,80	JONI MITCHELL • Turbulent Indigo (Reprise/Warner)	1	8	8	7	7	7	7	7	8	8
6,00	SHERYL CROW • Tuesday Night Music Club (A&M/Polygram)	3	6	6	9	5	6	5	5	•	9
5,66	THE EAGLES • Hell Freezes Over (Geffen/BMG-Ariola)	•	1	6	4	6	4	10	5	7	8
5,28	DANZIG • Danzig 4 (American/Warner)	•	5	4	6	6	•	•	3	7	6
5,25	TOM JONES • The Lead And How To Swing IT (Warner)	5	4	•	8	5	5	•	5	1	9
5,14	CÓDIGO 13 • Reação Em Cadeia (Eldorado)	•	5	•	7	5	3	5	6	5	•
4,88	JAMIROQUAI • The Return Of The Space Cowboy (Epic/Sony)	0	2	6	6	•	6	6	5	8	5
4,00	NAOMI CAMPBELL • Babywoman (Epic/Sony)	7	4	6	0	3	5	•	3	2	6

parada

BRA video clips — 04/03 MTV

1 RAIMUNDOS • Be A Ba
2 R.E.M. • Bang and Blame
3 CANDLEBOX • Cover Me
4 AEROSMITH • Blind Man
5 ROXETTE • Run To You
6 MADONNA • Take A Bow
7 20 FINGERS • Short Short Man
8 SOUNDGARDEN • Fell on Black Days
9 INI KAMOZE • Here Comes The Hotstepper
10 SUEDE • The Wild Ones

EUA álbuns — 04/03 Billboard

1 GARTH BROCKS • The Hits (Liberty)
2 BOYZ II MEN • II (Motown)
3 GREEN DAY • Dookie (Reprise/Warner)
4 VAN HALEN • Balance (Warner)
5 EAGLES • Hell Freezes Over (Geffen)
6 HOOTIE & THE BLOWFISH • Cracked Rear View (Atlantic)
7 TLC • Crazysexycool (Arista)
8 LIVE • Throwing Copper (MCA)
9 THE CRANBERRIES • No Need To Argue (Island)
10 PEARL JAM • Vitalogy (Epic)

GB álbuns — 04/03 NME

1 CELINE DION • The Colour Of My Love (Epic)
2 BLUR • Parklife (Food)
3 JIMMY NAIL • Crocodile Shoes (East West)
4 TRICKY • Maxinquaye (Island)
5 THE BEAUTIFUL SOUTH • Carry On Up The Charts (Go!Discs)
6 FREE THE SPIRIT • Pan Pipe Moods (Polygram TV)
7 SLEEPER • Smart (Indolent)
8 M PEOPLE • Bizarre Fruit (deConstruction)
9 OASIS • Definitely Maybe (Creation)
10 ETERNAL • Always & Forever (EMI)

GB indie — 04/03 NME

1 SLEEPER • Smart (Indolent)
2 BELLY • King (4AD)
3 OASIS • Definitely Maybe (Creation)
4 SPIRITUALIZED ELECTRIC MAINLINE • Pure Phase (Dedicated)
5 VARIOS • Cor Cor-Fon (React)
6 S*M*A*S*H • Another Love Song EP (Hi-Rise Recording)
7 THE HAMSTERS • Route 666 (Rockin' Rode)
8 THE APHEX TWIN • Classics (R&S)
9 SUEDE • Dog Man Star (Nude)
10 THROWING MUSES • University (4AD)

DIVERSÃO, NOITADA, CERVEJA GELADA E MULHER PELADA...

A BANDA DAS

VELHAS VIRGENS

FOI BOM PRA VOCÊ?

"Se foi bom para mim? Ôrra meu!" Até que enfim rock n roll puro, sem gelo "nos cano" mora! É tudo uma declaração de honestidade sexual explícita, com cheiro de criançada sacana que não tem papas na língua, nem em qualquer parte do corpo. Deliciosamente escrotas, as VV gozam de você, em você, com você e pra você."

RITA LEE

Prize Records

LANÇAMENTO NACIONAL
CD LP K7
TELEMARKETING (041) 252-9771

CORZ®

Clássicos

Gênio trabalhando...

O melhor da música de Duke Ellington reunido em um CD duplo

A obra monumental do músico **EDWARD KENNEDY "DUKE" ELLINGTON** (1899-1974) já foi objeto de cerca de duzentas reedições digitais até o momento. E agora é celebrada na antologia **Beyond Category – The Musical Genius Of Duke Ellington** (RCA/BMG-Ariola), um CD duplo (importado) com 37 faixas gravadas entre 1927 e 1967, entre sucessos e gravações representativas do genial compositor, *bandleader* e pianista, tudo com som excelente. Pode até lembrar a coleção de seu avô, mas vale a pena se você curte as fusões com o jazz que estão renovando o rap, o rock e o pop.

Uma obra que se revela cada vez mais moderna

Trinta e sete peças é pouco quando se sabe que Duke, um arranjador autodidata, compôs sozinho mais de duas mil músicas. Entretanto, a seleção é ideal para uma introdução no universo do artista mais popular da história do jazz, ao lado de Louis Armstrong. Os discos destacam as guinadas criativas de Duke e priorizam suas criações mais sofisticadas. O primeiro CD (1927-1941) traz algumas das mais perfeitas estilizações orquestrais do blues, nas melodias inesquecíveis de "East St. Louis Toodle-Oo" – que ganhou até uma versão do Steely Dan nos anos 70 –, "Black Beauty", "Creole Rhapsody" e "Delta Serenade".

Baseados no *swing*, os arranjos exploram as sonoridades dos metais e os seus contrastes. Duke cuidou de manter um equilíbrio entre composição e improvisação, com solistas fantásticos como Johnny Hodges (sax), Cootie Williams (trompete) e Juan Tizol (trombone).

O segundo disco (1941-1967) mostra as influências erudi tas (Gershwin) e religiosas (*gospel*) que impregnam parcerias de Ellington com o compositor Billy Strayhorn, seu alter ego, e ainda destaca o Duke pioneiro da *world music*, além do seu fascínio pela música oriental em "Caravan" (ouvida aqui em uma versão luxuosa dos anos 50), "Isfahan" e "Ad Lib On Nippon" (ambas de 66, peças complementares da lendária "The Far East Suite", uma obra-prima de fusão étnica).

Com isso, a antologia consegue mapear as maiores contribuições de Duke Ellington para a música do século, mostrando a evolução de uma obra que está se revelando cada vez mais moderna. *Jean Yves De Neufville*

Alma negra

O grupo do Alabama: uma das glórias da gravadora Motown, com 45 milhões de discos vendidos

Sexteto brilhante de soul e funk reaparece em antologia

Chegou a oportunidade de descobrir que o grupo **THE COMMODORES** é legal, não só por causa de "Easy", "Three Times A Lady", "Still" e outras baladas cantadas por Lionel Richie. O CD duplo (importado) **The Best Of The Commodores** (Motown) resgata a fase funk de um grupo que conseguiu vender cerca de 45 milhões de discos e já foi chamado de "a versão negra dos Beatles".

O sexteto surgiu em 69 no Estado do Alabama (sul dos Estados Unidos) formado por Lionel Richie (vocais, saxofone e piano), Milan Williams (teclados e guitarra), Thomas McClary (guitarra), Ronald La Pread (baixo), Walter Orange (bateria e vocais) e William K ng (trompete e vocais). Dois anos depois eles assinaram com a gravadora Motown, onde se destacaram como uma banda dedicada ao funk, nos moldes de Sly And The Family Stone. Essa fase é dissecada por inteiro no primeiro CD.

Tem "Machine Gun" – uma levada funk instrumental que se tornou o primeiro hit da banda –, "Slippery When Wet", "Brick House", "Cebu" entre outras. Há também "Easy", que é o grande clássico do grupo, com aquele solo magistral – não tecnicamente falando – de McClary, que nem o cara do Fa th No More conseguiu reproduzir.

O tempo serviu para Lionel Richie aprimorar seus dotes de compositor. São de e as músicas mais famosas da banda – daquelas que embalaram os amassos das novelas das oito – e que fazem parte da maior parte do segundo disco desta coletânea.

Richie abandonou o grupo em 82 para seguir em carreira solo e foi substituído por J.D. Nicholas, um cara que conseguiu deixar sua marca no último grande sucesso obtido pelos Commodores – "Nightshift", uma canção em homenagem aos lendários soulmen Marvin Gaye e Jackie Wilson. *Sergio Martins*

Dentro da garagem

As maravilhas obscuras de um grupo de Chicago

NEW COLONY SIX se tornou conhecido (e esquecido) por seus álbuns feitos pelo selo Mercury, carregados do pop MOR mais "xangai". Dando um corte em *flashback*, voltamos para a *garageland* de Chicago em 65/67. Bill Traut, o selo Dunwich, The Del-Vetts, The Mauds e The Shadows Of Knight, copiando as bandas irlandesas e indo para o Top Ten, um universo de órgãos Farfisas e de guitarras *psycho trash* só descoberto quando Lenny Kaye o mapeou através da coletânea *Nuggets*. Na minúscula gravadora Sentar, o NC6 gravou seu primeiro álbum, *Breakthrough* (66) – clássico punk recuperado nos anos 80.

Mas somente agora nos é dado ouvir o ultra-raro segundo álbum, **Colonization** (Sundazed), editado originalmente em 67 com o auxílio luxuoso do estéreo. Difícil crer que o disco ficou no limbo tanto tempo. Aqui o NC6 vai fundo no folk-punk *fuzz* e *jingle jangle* de bordas afiadas. Antecipa o *power pop* e, numa *cover* de "Mr., You're A Better Man Than I" arrasa com os Yardbirds. E a gente engoliu aquele empoado rock inglês e achávamos o máximo. Fomos enganados. *René Ferri*

Clássicos

Um mundo bem peculiar

Morrissey: sofisticação e compulsão criativa na segunda seleção de compactos

Parece que o mundo de **MORRISSEY** tem escapado à sensibilidade da mídia brasileira. Enquanto ficamos na vesânia achando que a década deu seu último suspiro em O.J. Simpson e Traci Lords e tornou-se incapaz de se reinventar, aquele bardo inglês continua a causar comoção e histeria entre os adolescentes no hemisfério lá de cima.

World Of Morrissey (Parlophone/EMI-Odeon) – segunda coleção de compactos sangrados pelo cantor – exalta a compulsão criativa do homem por trás do sonho daquela que foi a última banda de rock'n'roll (até a sua reinvenção por Kurt Cobain).

O disco praticamente suprime o primeiro ato de sua carreira solo, no qual a paixão herdada dos Smiths ainda não havia se exaurido. E concentra suas forças no segundo passo dado pelo vocalista, representado pela fúria de cinco músicas do período *Your Arsenal/Beethoven Was Deaf*.

'Moon River", tema do filme *Bonequinha De Luxo*, resume o terceiro ato – o canto. Morrissey apenas canta com leveza e sensibilidade nos quase dez minutos da suíte de choros e soluços de Audrey Hepburn. ABONICO RICARDO SMITH

Power trio poderoso

Coletânea traz o "creme" de Clapton & Cia.

Algumas bandas são tão comentadas que a lenda parece ser maior do que o fato. Uma delas é o **CREAM**, que – como muita gente deve saber – possuía em sua "humilde" formação nada menos do que Eric Clapton na guitarra, Jack Bruce no baixo e Ginger Baker na bateria.

E finalmente a PolyGram teve bom senso e colocou no mercado brasileiro uma ótima coletânea com vinte faixas do aclamado trio inglês, **The Very Best Of Cream**.

Vale a pena correr atrás do disco. A seleção é muito bem feita, com o primeiro single (com a não muito lembrada "Wrapping Paper", de outubro de 66), além de todos os grandes hits do grupo – "Sunshine Of Your Love", "Strange Brew", "I Feel Free", "White Room" etc.

Isso sem contar os improvisos de blues que fizeram a fama do grupo – "Crossroads", de Robert Johnson, e "Spoonful", de Willie Dixon – e as composições de puro psicodelismo ("Tales Of Brave Ulysses", "Swlabr"). Todas as faixas foram remasterizadas, o que faz com que o som bombástico feito pelo grupo soe ainda mais imponente.

Muitos acusavam o Cream de fazer um som "comercial", mas o que se pode perceber é a mão de ferro do produtor Robert Stigwood, que exigia que o trio sempre gravasse algumas canções mais acessíveis.

Talvez naquela época, Clapton & Cia. até detestassem as músicas que entraram para as paradas, mas elas ainda se sustentam mais que os improvisos, auto-indulgentes e cansativos que o grupo costumava fazer.

Agora, a gravadora também deveria tornar disponível por aqui os álbuns do Cream. São apenas quatro títulos: *Fresh Cream* (66), *Disraeli Gears* (67), *Wheels Of Fire* (68) e *Goodbye* (69). Custa muito? PAULO CAVALCANTI

"Você quer dançar?"

JOHNNY RIVERS pode voltar a ser moda, mesmo que involuntariamente. Acontece que, coincidentemente ou não, três discos do cantor acabam de ser lançados por aqui pela AMC, sendo dois de catálogo e uma coletânea.

Todos eles trazem material de qualidade. **Last Boogie In Paris** é o registro do show feito pelo cantor no Olympia, de Paris, em 73. Acompanhado pela L.A. Boogie Band, Rivers apresenta um repertório todo à base de blues e rock'n'roll, "Sea Cruise", "Long Tall Sally" e "John Lee Hooker". O único hit lançado por Rivers presente no álbum é "Summer Rain". O homem está à vontade, revivendo os tempos do Whisky A-Go-Go.

Outside Help, editado originalmente em 77 pelo próprio selo do cantor – Soul City – traz seu último grande hit, "Swaying To The Music", além das *covers* de dois clássicos de Curtis Mayfield: "Curious Mind" e "Monkey Time". O único problema destes relançamentos é a falta de encartes com dados técnicos, uma vez que a qualidade sonora é das melhores.

Já **Johnny Rivers 20 Greatest Hits** (EMI-Odeon) não se prende necessariamente ao óbvio, apesar do título. Nele estão os sucessos manjados, como "Do You Wanna Dance?" e "Poor Side Of Town", mas o melhor mesmo são as faixas ao vivo, dos álbuns *Whisky A-Go-Go* (64) e *Whisky A-Go-Go Revisited* (67), casos de "Respect", "You've Lost That Loving Feeling" e "In The Midnight Hour". TONINHO SPESSOTO

Guitarra insossa

Quase nada de blues em antologia de Gary Moore

O guitarrista irlandês aparece em CD calcado em baladas comerciais e blues pouco inspirados

O currículo de **GARY MOORE** diz que ele teria sido influenciado na juventude por Jimi Hendrix e Jeff Beck, antes de integrar os grupos de hard rock Thin Lizzy e Colosseum nos anos 70. Entretanto, é preciso muita paciência para encontrar um sinal dessas disposições no CD **Ballads & Blues: 1982/1994** (Virgin/EMI-Odeon), um compêndio que resume doze anos do percurso do guitarrista irlandês.

O ouvinte desavisado levará catorze baladas perfeitamente esquecíveis, feitas para FMs. E um pouco de blues, no estilo de Carlos Santana. Se você curte baladas bueiras com sabor irlandês, não perca tempo com diluidores. Ouça Van Morrison e Rory Gallagher. JEAN YVES DE NEUFVILLE

Clássicos

De zero ao infinito

O produtor Rick Rubin e o líder da Rollins Band resgatam jóias raras para o formato CD

Não podia dar outra, o que esperar de um selo tramado por Rick Rubin (o fundador da gravadora Def Jam) e Henry Rollins, dedicado a relançamentos de discos raros – ou inéditos – em CD?

No mínimo, uma seleção muito criteriosa dos títulos, tendendo radicalmente para o resgate de pérolas esquecidas pela indústria fonográfica. Álbuns antológicos que, não se sabe por que cargas d'água, ainda permaneciam sem conhecer a sua versão digital.

Pois o primeiro pacote do selo da dupla Rubin/Rollins – chamado Infinite Zero – ataca diretamente nesta direção, capricha nas informações, *liner notes* e enriquecendo as edições originais com material adicional.

Para começar, há o fundamental álbum de estréia do quarteto inglês **GANG OF FOUR**, **Entertainment!** (*Discoteca Básica*, BIZZ 44). Um marco da transição do punk para sons mais elaborados, que prima pela originalidade e por petardos verbais de teor político/social.

Não à toa, a reedição inclui textos de Flea (Red Hot Chili Peppers), Michael Stipe (R.E.M.) e outros admiradores célebres da banda, além de três faixas de um EP homônimo de es.

Outra maravilha é **Dreamtime** (81), o segundo disco solo de **TOM VERLAINE**, onde a guitarra do ex-líder do Television vem destilar puro lirismo em faixas como "Always", "Penetration" e "Without A Word".

A vanguarda nova-iorquina da *no wave* está presente também, através de **Buy** (79), álbum dos **CONTORTIONS**, combo mutante encabeçado por James Chance (ou White .. ou Black..). Aqui, o sax maníaco do cara trava os mais alucinados diálogos com a *slide guitar* de Pat Place (futura The Bush Tetras).

Já o segundo trabalho dos malucos do **DEVO** – **Duty Now For The Future** (79) – flagra o quinteto no auge da força criativa, em faixas como "Blockhead", "Pink Pussycat" e na *cover* de "Secret Agent Man", de Johnny Rivers.

Completam o pacote álbuns do ex-Suicide **ALAN VEGA** (**New Raceion**), do pianista **MATTHEW SHIPP** (**Circular Temple**), do poeta **ICEBERG SLIM** (**Reflections**) e a coletânea **Def Jam – Maroon Compilation** (com **L.L. COOL J**, **BEASTIE BOYS** etc.). Ecletismo é isso.

Celso Pucci

Instinto selvagem

Os fãs do **MC5**, o lendário grupo de Detroit, e do rock hiperativo em geral não podem prescindir de **Power Trip** (Alive). Mais que um registro histórico, o disco resgata toda a sanha e pressão daqueles que, junto a The Stooges, representavam a sacrossanta facção dos *rockers* porra-louca da América, *circa* 67/68. O material – raro, e por isso mesmo, nem sempre recolhido em fontes de áudio de boa qualidade – inclui uma versão ao vivo de "Black To Comm", o até então inédito *raid* sônico com que o grupo costumava fechar seus shows, além do improviso *hard jazzy* "I'm Mad Like Eldridge Cleaver" (com gloriosos 18:50 min de duração!) e versões animais de "I Put A Spell On You" e "Born Under A Bad Sign". *Arthur G. Couto Duarte*

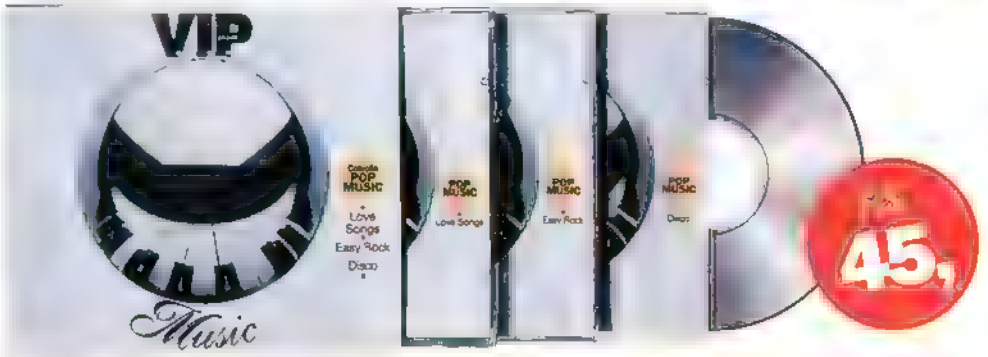
COLEÇÃO VIP MUSIC.
SÓ NÃO PODE CONTINUAR
INÉDITA NA SUA CASA.

Vip Music, *Coleção* Jazz. Instrumental, Big Bands *e* Singers. 3 *CDs, incluindo os maiores nomes do jazz*

COLEÇÃO JAZZ Também disponível em cassete

CHARLIE PARKER,
THE MILES DAVIS QUINTET,
DAVE BRUBECK,
GEORGE BENSON,
DUKE ELLINGTON,
COUNT BASIE,
BENNY GOODMAN,
GLENN MILLER,
ALBERTA HUNTER,
BILLIE HOLIDAY,
SARAH VAUGHAN,
ARETHA FRANKLIN
LOUIS ARMSTRONG,
ELLA FITZGERALD
E OUTROS.

Vip Music, *Coleção* Pop Music. Love Songs, Easy Rock *e* Disco. 3 *CDs, reunindo o melhor em cada estilo.*



COLEÇÃO POP MUSIC Também disponível em cassete

BOB DYLAN,
SADE, BILLY PAUL,
TERENCE TRENT D'ARBY,
PAUL YOUNG, SANTANA,
MARVIN GAYE,
EARTH, WIND & FIRE,
VAN MORRISON,
LIVING COLOUR,
KENNY LOGGINS,
ELETRIC LIGHT ORCHESTRA,
KC AND THE SUNSHINE BAND
E OUTROS.

Venda Exclusiva *pelo Telefone* (011) 1406.
Prazo de entrega: 21 dias.
VIP Music

NEW ROCK

FONE: (011) 280 2952
FAX: (011) 881 9789

CAMISETÃO FC (T)
R$ 21
TAM.: M,G

REF.T72 REF.T88 REF.T85 REF.T84 REF.T76 REF.73 REF.T75 REF.T83 REF.T80 REF.T78

LANÇAMENTO EXCLUSIVO!

V.10 V.03 V.05 V.02 V.07 V.08 V.11 V.04 V.09 V.12 V.01 V.13

BERMUDÃO CANVAS (V)
BORDADOS EXCLUSIVOS
R$ 28
TAM.: M,G

REF.T77 REF.T86 REF.T81 REF.T82 REF.T63 REF.T87 REF.T74 REF.T70 REF.T42 REF.T71 REF.T79

LOJA 1: RUA CAPOTE VALENTE, 242, PINHEIROS, SP/SP
FONE: (011) 280 2952
LOJA 2: RUA 24 DE MAIO, 62, 2º AND., L-334, GAL. DO ROCK, SP/SP, FONE: (011) 222 5406

MANGA CURTA (MC)
R$ 14,50
TAM.: P,M,G

REF.418 REF.421 REF.419 REF.417 REF.413 REF.414 REF.410 REF.416 REF.420 REF.403 REF.412 REF.409

COMO COMPRAR:

SEDEX (ENTREGA URGENTE): Junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra. Pague as despesas postais somente ao retirar a mercadoria no correio.
ENCOMENDA SIMPLES (ENTREGA ENTRE 15 E 25 DIAS): Junto ao seu pedido, envie cheque nominal à New Rock no valor total da compra mais as despesas do correio (Região Sudeste = R$ 4; demais regiões: R$ 8) e receba a encomenda em casa.
IMPORTANTE! A encomenda só será enviada após a compensação do cheque e o pedido só será atendido mediante o envio do cheque nominal à New Rock.

DESCONTO DE ATÉ 40% PARA REVENDEDORES

TOTAL DA COMPRA: R$ BZ-117
NOME: .....
END.: ..... Nº .....
CEP: ..... FONE: .....
CIDADE: ..... ESTADO: .....
☐ ENCOMENDA SIMPLES ☐ SEDEX

MOD.	REF.	COR	TAM.

Preencha corretamente o cupom acima e envie para:
New Rock - Rua Capote Valente, 242, SP/SP, 05409-000.

A caminho do arco-íris

JIMI HENDRIX
Rainbow Bridge
Direção: Chuck Wein. 72 min. Europa

Não há a menor sombra de dúvida: a cada dia, lançamentos e reedições de toda espécie comprovam o quanto o legado deixado por **JIMI HENDRIX** é vasto. A última novidade é a chegada do vídeo **Rainbow Bridge** ao mercado brasileiro.

O trabalho – do obscuro Chuck Wein – é um daqueles épicos "ripongos" que usam e abusam da estética bicho-grilo. Não por acaso é considerado um dos filmes de rock mais toscos da história do cinema.

A abertura, com um bando de cavaleiros que viajam por florestas psicodélicas, já revela o tom do vídeo. O enredo é uma bobagem: uma jovem negra – a estreante e bela Pat Hartley, que também sumiu depois do filme – viaja pela Califórnia em busca de diversão e, de quem? Mr. Hendrix, claro.

No final das contas, o maior guitarrista de todos os tempos aparece apenas nos últimos vinte minutos do filme. É o tempo suficiente para o Jimi Hendrix Experience nos brindar com versões ao vivo de "Star Spangled Banner", "Rainbow Bridge", "Roomfull Of Mirror" e outras coisinhas mais.

O balanço final dos 72 minutos da fita é óbvio: o filme só vale enquanto Jimi Hendrix está na tela. *Hélio Gomes*

Vinte minutos de Jimi Hendrix são suficientes para fazer de *Rainbow Bridge* um filme histórico

ROLLING STONES
Live At The Max
Direção: Julian Temple. 85 min. Castle

Este registro de uma apresentação dos **ROLLING STONES** é da turnê *Urban Jungle* (que divulgou o álbum *Steel Wheels*), mas já dá umas dicas do que viria a ser a temporada da excursão *Voodoo Lounge*, que passou recentemente pelo Brasil, pois tem um pouco das pirotecnias que eles acabaram incorporando. Dentre as músicas, tem aquelas de sempre ("Brown Sugar", "Start Me Up", "Honky Tonky Women", "Sympathy For The Devil" e – claro – "(I Can't Get No) Satisfaction". Só para variar, Keith Richards faz mil caretas e canta o seu cavalo de guerra, "Happy". Pelo menos nesta turnê de 89 registrada em **Live At The Max**, os Stones prepararam algumas surpresas: "Paint It Black", "Ruby Tuesday" e a psicodélica "2000 Light Years From Home". Assista a esta fita e perceba como os Stones que vieram ao Brasil estavam bem mais animados e soltos. Mas o vídeo dá para matar a saudade do baixista original Bill Wyman, que pediu as contas do grupo logo depois. *Paulo Cavalcanti*

VÁRIOS
Sgt. Pecker's Lonely Hearts Club Gangbang
Direção: John T. Bone. 80 min. Royalty

Os Beatles nunca poderiam imaginar que, quase três décadas depois, a sua obra-prima, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, teria uma versão para vídeo. E mais: uma versão pornô!

Sgt. Pecker's Lonely Hearts Club Gangbang não é um musical, mas sim uma loucura sexual que usa o mesmo argumento da obra dos quatro mestres de Liverpool, uma interpretação livre da canção "With A Little Help From My Friends".

Sgt. Pepper's é Sgt. Pecker's, clube onde os sócios devem satisfazer as próprias fantasias sexuais. O lugar dos quatro Beatles é preenchido por quatro beldades: **ANNABEL CHONG**, **SILVIA**, **JORDAN LEE** e **KERRI DOWS**. O diretor desta bagunça deliciosa, o britânico John T. Bone, criou a sua própria produtora de vídeos pornôs (Fantastic), cuja especialidade são as fitas de *gangbang*, isto é, vídeos em que uma mulher se entrega a vários homens. Além disso, T. Bone aparece na capa do vídeo – uma paródia da original – fantasiado de diabinho. *Valter José*

Jukebox — The Fifth Dimension

Este foi um dos mais populares grupos vocais do pop americano no final do anos 60. Formado por Marilyn McCoo, Florence LaRue Gordon, Billy Davis, Jr., LaMonte McLemore e Ron Townson, o quinteto se chamava Versatiles, depois mudando para The Hi-Fi's, até que o empresário Max Gordon os apresentou a Johnny Rivers, que os contratou para o selo Soul City. Neste interim, o grupo virou **THE FIFTH DIMENSION**.

Seu sucesso é creditado ao produtor Bones Howes (que trabalhou The Association, The Turtles, Elvis Presley etc.), por criar vocais elaborados, com personalidade e escolher o bom repertório. O primeiro grande sucesso foi em 68 com "Up, Up And Away", de Jimmy Webb, outra descoberta de Johnny Rivers.

No ano seguinte, veio a consagração definitiva com "Aquarius/Let The Sunshine In", da trilha do musical *Hair*. Outros hits da época: "(Last Night) I Didn't Get To Sleep At All", "Together Let's Find Love" e uma regravação de "Never My Love" (The Association).

Um dos mais populares grupos pop dos anos 60

Graças ao trabalho junto a Howes, o grupo gravou canções de compositores como Laura Nyro ("Stoned Soul Picnic", "Wedding Bell Blues"), Burt Bacharach ("Living Together, Growing Together") e Neil Sedaka ("Puppet Man"). Daí eles trocaram de gravadora e houve divergências, até o grupo se desfazer em 76.

O grupo que se consagrou com o tema do musical *Hair*

Depois, McCoo e Davis, Jr. gravaram um single juntos: "You Don't Have To Be A Star" chegou ao primeiro lugar na lista da *Billboard*. De resto, só McCoo continuou em voga, no circuito gospel. Os outros ficaram produzindo ou trabalhando em estúdio. *Toninho Spessoto*

Discografia selecionada

■ **The Age Of Aquarius** (69, Soul City/Liberty) Vendeu mais de um milhão de cópias, com "Aquarius/Let The Sunshine In" e "Let It Be Me" ■ **Greatest Hits On Earth** (72, Bell) Antologia de hits do grupo ■ **Living Together, Growing Together** (73, Bell) Com a faixa-título, da trilha do filme *Horizonte Perdido* e "Day By Day", do musical *Godspell* ■ **Earthbound** (75, ABC) Um dos últimos trabalhos do grupo, com produção e arranjos de Jimmy Webb.

Todos os discos foram lançados em vinil no Brasil, mas se encontram fora de catálogo. Apenas Greatest Hits On Earth foi editado em CD nos Estados Unidos, na Europa e no Japão

ANARCHY records
ROCK
(Industrial, alternativo, hard, pop, progres.)
• Jazz • Blues • Trilhas
• New-Age • Techno
LANÇAMENTOS
(EUA • Grã-Bretanha)
• CD • CD-SINGLE
• VÍDEO-LASER • VHS
ENCOMENDAS
Despachamos para todo Brasil
R. Pamplona, 1551 - loja 11 - Jardins
(011) 887-5926
São Paulo - SP

SWEET JANE
ROCK RECORDS
CD - CDSINGLE
AS ÚLTIMAS NOVIDADES EM ROCK ALTERNATIVO, HARD, PROGRESSIVOS, TRILHAS SONORAS, GUITAR BANDS, TRANCE-AMBIENT ETC...
CD - IMPORTADO/NACIONAL
ENVIAMOS VIA CORREIO PARA TODO BRASIL
AV. PAULISTA, 726
LOJAS 9/10 SÃO PAULO-SP - CEP: 01310-100
FONE: (011) 288-4847

free note
SONG BOOKS
MÉTODOS E VÍDEO-AULAS
IMPORTADOS E NACIONAIS.
ATENDEMOS TODO O BRASIL
RUA TEODORO SAMPAIO,785
SÃO PAULO - SP
TEL/FAX: (011) 853-4690

D.B.
Discoteca Básica

RICHARD HELL & THE VOIDOIDS
Blank Generation

PERFORMANCE

Lançamento 1977 ■ **Produção** Richard Gottehrer/Richard Hell ■ **Faixas** "Love Comes In Spurts" • "Liars Beware" • "New Pleasure" • "Betrayal Takes Two" • "Down At The Rock And Roll Club" • "Who Says!" • "Blank Generation" • "Walking On The Water" • "The Plan" • "Another World" ■ **Notas** No relançamento em CD, de 90, *Blank Generation* trouxe uma capa diferente da original • Outras mudanças: "Down At The Rock And Roll Club" aparece em uma "versão alternativa" e há duas faixas-bônus: "I'm Your Man" (um lado B do single "The Kid With The Replaceable Head", produzido por Nick Lowe) e "All The Way" (balada *camp* conhecida na interpretação de Frank Sinatra, mas que Hell tornou sua ao aparecer cantando dentro de uma geladeira (!) no filme *Smithereens* • "Walk On The Water" é uma versão da música que John Fogerty fez para o primeiro álbum do Creedence Clearwater Revival • Tanto no lançamento oficial quanto na da reedição em CD, *Blank Generation* passou longe do *Top 200 da Billboard* • No filme *Procurando Susan Desesperadamente*, Hell faz uma ponta como o astro de rock que é namorado de Madonna. **Formatos** Disponível nos EUA, na Europa e no Japão, pelo selo Sire/Warner.

Hell *(segundo a partir da esquerda)*: lançando os fundamentos da estética do punk rock

Malcolm McLaren lhe deve *copyrights* pela apropriação indébita de seu visual (roupas rasgadas, cabelos espetados etc.); os Sex Pistols, aquela fúria niilista que os inspiraria em "Pretty Vacant"; os punks, a atitude *do it yourself* e a autoria do anti-hino do movimento.

Lógico que só podíamos estar falando de Richard Meyers, vulgo Richard Hell, misto de cantor e *clown* degenerado que incendearia Nova York com seu coquetel molotov de guinchos epilépticos, sexo insano, poesia *beat* e rock'n'roll.

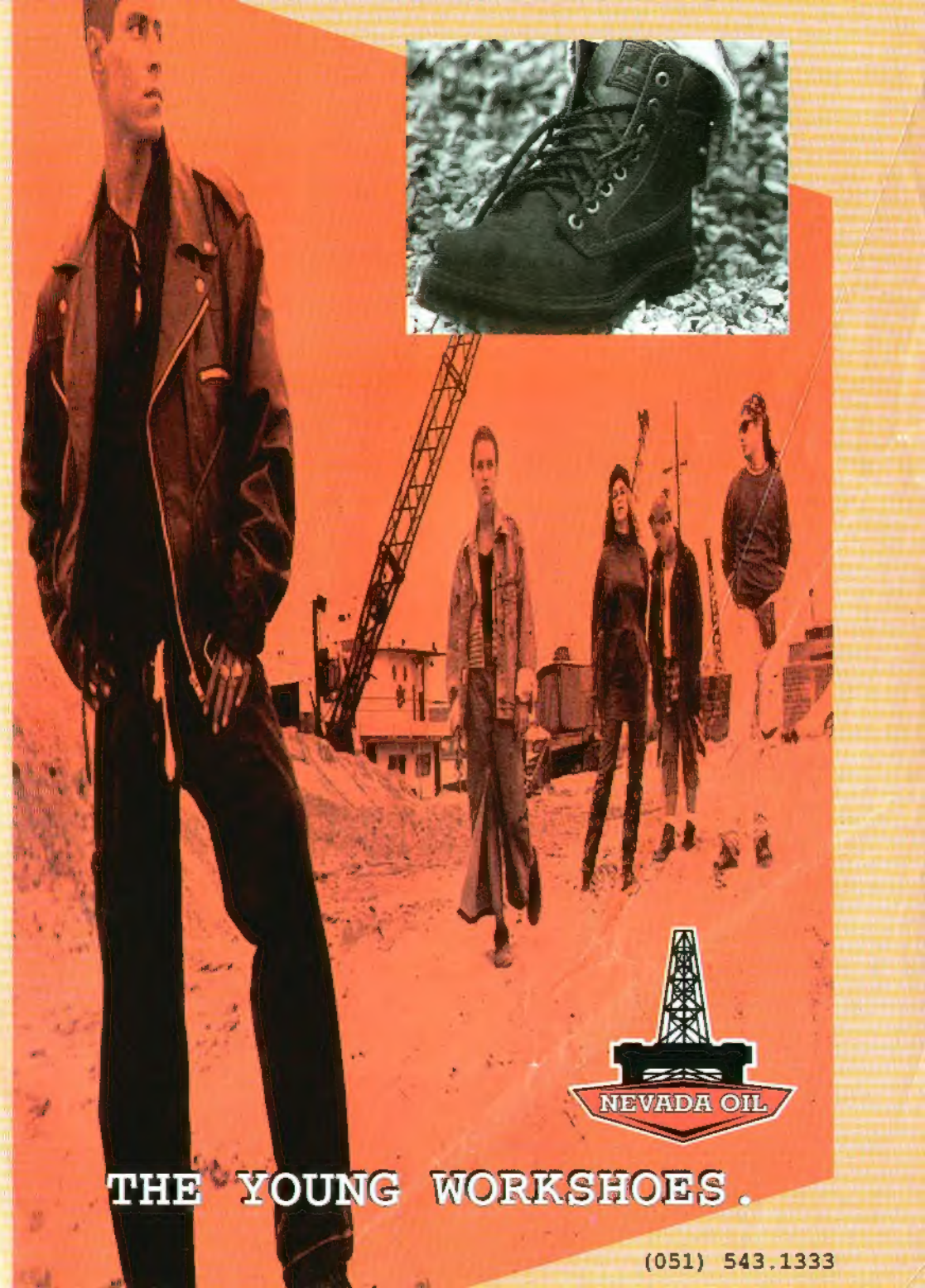
Dropout convicto, Hell fugiu de casa ainda garoto, amargando parte da sua adolescência em um reformatório. Em 67, já no Village, o bairro boêmio da cidade, matava o tempo com quilos de ácido e revistas de poesia que agitava junto aos amigos Patti Smith e Tom Verlaine. Aliás, foi a dobradinha rock & poesia que levou-o a se unir ao último no grupo The Neon Boys, em 71, onde pôde aprender rudimentos de baixo. O grupo não deu em nada, mas seus destroços dariam forma ao seminal Television.

Enciumado pelas performances do cara nos shows, Verlaine tratou logo de expurgar Hell e suas canções da banda. Unindo-se então ao ex-guitarrista dos New York Dolls, Johnny Thunders, nos Heartbreakers, Hell teve aí o trampolim necessário para mergulhar de cabeça nas idéias que iriam nortear seu próximo conjunto, com o nome de Richard Hell & The Voidoids.

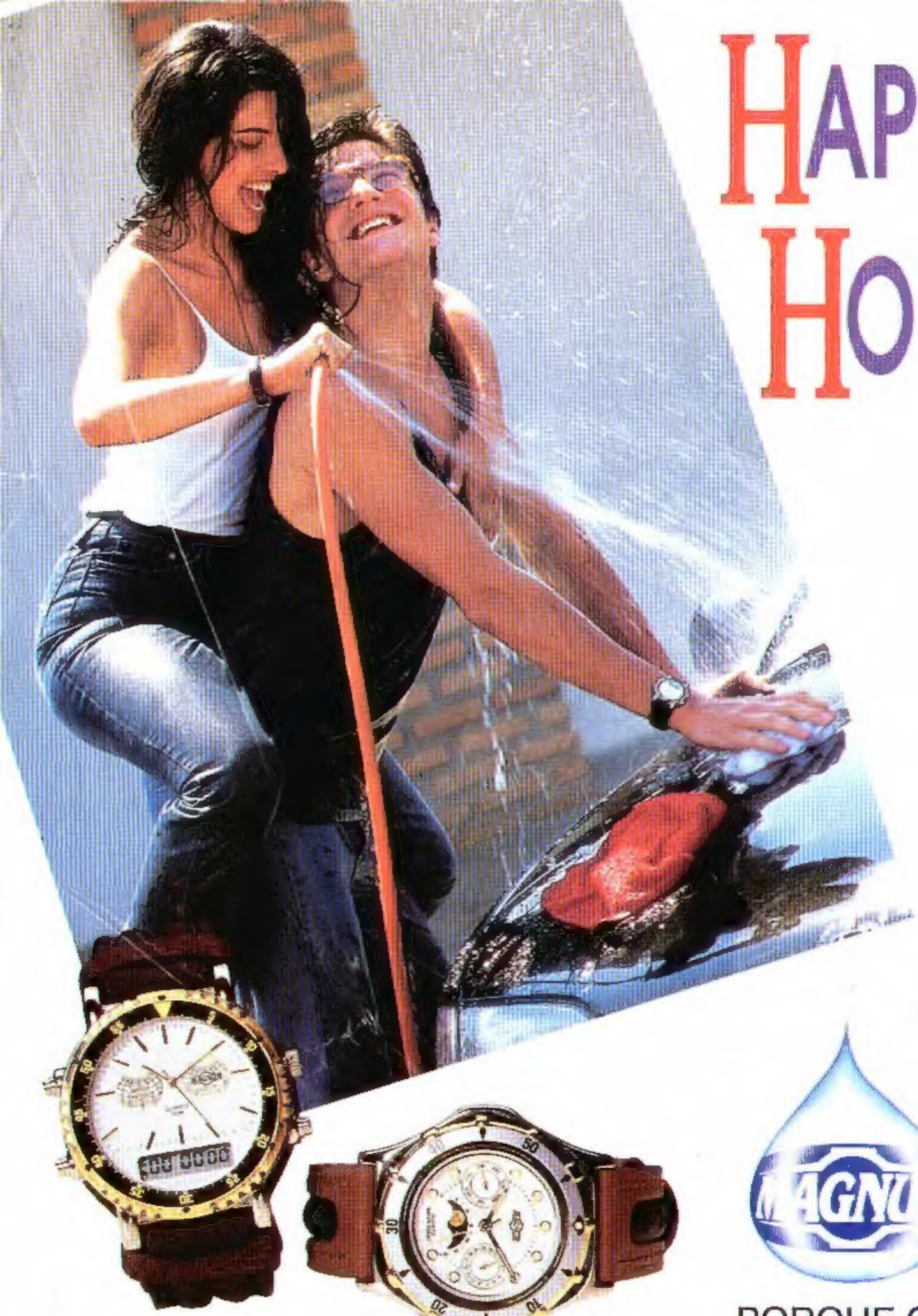
Absurdamente originais, The Voidoids (título de um romance sobre criaturas vampirescas escrito por Hell) estrearam no CBGB's em 18 de novembro de 76, provocando histeria: numa época em que o *stage diving* ou mesmo o *pogo* sequer eram sonhados, lá estava aquele maluco despencando do palco, enquanto um baterista magricela (Marc Beel, futuro The Ramones), um guitarrista careca de terno (Robert Quine) e outro de cabelos pixaim afro (Ivan Julian) vertiam uma massa sonora fluida e contundente.

Se precisavam de um álibi para fazer jus àquele caos, este se materializaria via *Blank Generation*. Ouvido de estalo, as comparações com o *interplay* de guitarras do Television são inevitáveis, mas se percebe que os *riffs* de Quine e Julian são ainda mais abrasivos, violentos e zoados.

Porém, o grande trunfo do disco é a autodestruição "com miolos" de Hell. Entre grunhidos e berros, suas visões pós-Burroughs o levaram a assinar atrocidades como "The Plan" (balada *country punk* sobre um pai tarado que cria a filha só para trepar com ela depois), "Betrayal Takes Two" (*drive* suicida versus pulsões libidinosas em levada de valsa!), "Another World" (pedofilia e tranvestismo num *funky noise*) e "Love Comes In Spurts" (onde jatos de porra são saudados com desconcertante lirismo). O diagnóstico é seu: pura confusão mental ou um punhado de flagrantes do cotidiano de uma "geração vazia". ARTHUR G. COUTO DUARTE



HAPPY HOUR



MAGNUM
Indústria de Amazônia Ltda

PORQUE OS
TEMPOS MUDARAM